

Arquivos de Zoologia

Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo

Volume 45(3):45-94, 2014

www.mz.usp.br/publicacoes
www.revistas.usp.br/azmz

ISSN impresso: 0066-7870
ISSN on-line: 2176-7793

OS ANIMAIS DO BRASIL NAS OBRAS DE PIERRE BELON (1517-1564)

DANTE MARTINS TEIXEIRA¹
NELSON PAPAVERO^{2,3}

ABSTRACT

*The importance of Pierre Belon (1517-1564) to Comparative Biology and his famous journey to the East have overshadowed his observations about the New World fauna, which up to now remained almost unnoticed. However, Belon may be lined up among the first natural sciences' specialists in the Renaissance to describe specimens of the Brazilian fauna, preceding Conrad Gesner and even the testimony of chroniclers such as Hans Staden, André Thevet and Jean de Léry. Out of the ten titles published by Belon along his 47 years of life, six are relevant from that viewpoint, including the books related to his journey to the East and three zoological treatises. Belon alludes to at least eight representatives of the Brazilian fauna (molluscs, fishes, birds and mammals), foremost among them an armadillo (*Dasyus* sp.) observed by him in the markets of Constantinople. Aside from corroborating the impressive traffic of Neotropical products existing in the 16th century, as well as the noticeable interest shown by the Ottoman Empire in the New World, Belon's texts bear witness, in an eloquent way, to the strong French presence in the Brazilian coast during the first half of the 16th century.*

KEY-WORDS: Pierre Belon; Brazil; France; Ottoman Empire; Fauna; Naturalists; Colonial Trade; 16th Century; Colonial Brazil; History of Zoology.

INTRODUÇÃO

Natural de Soulletière, uma pequena vila nos arredores de Le Mans, França, Pierre Belon teria nascido em 1517 no seio de uma família bastante modesta. Mostrando extraordinária aptidão pela História Natural, seria aceito como aprendiz de René des Préz, o apotecário de Guillaume du Prat, Bispo de Clermont, tornando-se mais tarde "protégé" do René du Bellay, Bispo de Le Mans. Em 1540, graças a esse patronato, Belon conseguiria concluir o curso de medicina em Paris, passando em seguida para a Universidade de Wittenberg, onde se tornou pupilo do insigne botâ-

nico Valerius Cordus, participando de excursões pela Alemanha e Boêmia. Voltando a Paris, onde obteve o favor do cardeal Charles de Lorraine e do poderoso cardeal François de Tournon, o jovem naturalista francês logo viajaria para a Itália na tentativa de reunir-se novamente com Valerius Cordus. Como este viria a falecer em Roma no ano de 1544, Belon terminou por regressar à capital francesa, após passar algum tempo na Universidade de Pádua e em pequenas incursões pelo norte da península (Fig. 1).

Graças ao apoio do cardeal Tournon, seu mais importante protetor, Pierre Belon conseguiria realizar o sonho de viajar para o Oriente como integrante da

¹ Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: dante.teixeira@pq.cnpq.br

² Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo. E-mail: pavotnel@gmail.com

³ Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).



FIGURA 1: Retrato de Pierre Belon. Gravura de Ambroise Tardieu baseada em original das “Observations de Plusieurs Singularitez et Choses Memorables, trouvées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges”

comitiva de Gabriel de Luetz d’Aramont, embaixador de François I, Rei de França¹. Além de buscar alianças políticas e comerciais, d’Aramont daria respaldo a uma “missão científica” encarregada de estudar as plantas e outros produtos úteis para a medicina, avaliando as possibilidades de importação e até mesmo da aclimação de diferentes espécies do Levante². Partin-

1 François I tinha grande interesse em expandir o comércio francês no Mediterrâneo e contrabalançar o crescente poderio do Império Espanhol, circunstância que o levaria a estabelecer vários acordos com potentados do norte da África e do Oriente Próximo. Talvez o mais conhecido – causando grande indignação na Cristandade – tenha sido aquele firmado em 1536 com o pachá de Argel, Khair ad-Din Barbarossa, comandante dos temidos piratas berberes.

2 O interesse pelos produtos naturais do Oriente teria levado François I a enviar, em 1544, o naturalista Pierre Gilles d’Albi a Constantinopla, enquanto o cardeal Charles de Lorraine mandaria André Thevet ao Levante em 1549. Reduzido a seus próprios recursos após a morte de François I (vide nota seguinte), Gilles teve a felicidade de encontrar, no ano de 1548, a embaixada de Luetz d’Aramont em Constantinopla, terminando por participar das viagens a Damasco, Jerusalém e Egito. Capturado por piratas de Djedah, acabaria sendo resgatado por d’Aramont desde a Itália, conseguindo chegar a Roma no final de 1554, onde faleceu logo em seguida. Parte dos escritos de Pierre Gilles foi destruída pelos piratas ou copiada por outros autores – acusação que pesaria contra o próprio Belon (Delau-nay, 1962). O restante seria publicado anos depois por Antoine Gilles, sobrinho do viajante francês (Gilles, 1561a, 1561b).

do em dezembro de 1546, os viajantes conseguiriam embarcar nesse mesmo mês de Veneza para Constantinopla. Já em seu destino, Belon visitaria Corfu, Creta, Lemnos e Thasos, escalaria o monte Atos e percorreria a Trácia e a Macedônia, detendo-se no litoral do Bósforo em agosto de 1547.

Sucedendo François I no trono francês, Henri II³ nomearia François de Fumel como embaixador extraordinário junto à Sublime Porta. Tendo alcançado Constantinopla em julho de 1547, o novo diplomata decidiria visitar o Egito, sendo acompanhado por Pierre Belon. Após uma breve passagem pela Cirenaica, Belon exploraria o Sinai e o Mar Vermelho, atingindo Jerusalém em outubro de 1547. No retorno passaria pela Síria, Cilícia, Galátia e Bitínia até Constantinopla, de onde tomaria um navio para a Itália, concluindo uma viagem de três anos. Pierre Belon chegou a Roma em 1549, encontrando o cardeal de Tournon e os naturalistas Guillaume Rondelet e Ippolito Salviani. De volta à França, Belon aproveitaria a oportunidade para visitar localidades na costa adriática. Logo partiria de Paris para a Inglaterra, hospedando-se com o embaixador de Veneza, Daniele Barbaro, que lhe permitiu copiar uma iconografia formada por mais de 300 ilustrações de peixes do Adriático. Sua última grande excursão ocorreria em 1557, tendo como destino a Suíça, Itália e vários pontos no interior de seu país natal.

Entre 1551 e 1558, Pierre Belon dedicou-se a publicar as obras que lhe garantiriam considerável fama (vide adiante). Em 1556, como reconhecimento por seu trabalho, o rei Henri II indicaria Belon como beneficiário de uma pensão de 200 escudos e garantir-lhe-ia residência no “Château de Madrid”, edifício situado no “Bois de Boulogne”. O naturalista francês,

André Thevet, por seu turno, deixaria Veneza em 29 de junho de 1549 e desembarcaria em Chios, chegando a Constantinopla em 30 de novembro. Associando-se com Pierre Gilles, permaneceria na cidade durante o ano de 1550, voltando à Grécia e passando ao Egito em novembro de 1551. Na primavera de 1552, o futuro Cosmógrafo do Rei visitaria o Monte Sinai, dirigindo-se em seguida para Jerusalém e diversas cidades da Síria, tomando um navio em Trípoli de volta à França. Chegaria ao porto de Marselha ainda em 1552, após realizar escalas nas ilhas de Chipre, Rodes, Creta, Malta e Córsega. Suas observações viriam à luz em 1554 sob o título de “Cosmographie de Levant” (Thevet, 1554). Embora Thevet afirme ter estado na Grécia e Egito com Pierre Belon, o qual é mencionado como “um bom amigo” (“je l’aye tousjours tenu pour bon amy”), semelhante encontro parece jamais ter ocorrido, pois as datas das respectivas viagens não coincidem e tampouco existe qualquer menção a esse respeito na obra do naturalista francês. Para maiores detalhes, vide Laborie & Lestringant (2006), Lestringant (1991) e Thevet (1575).

3 Após a morte de François I em março de 1547, o trono da França seria ocupado por Henri II, que reinou até julho de 1559.

TABELA 1: Edições originais das obras de Pierre Belon.

TÍTULO	ANO	IMPRESSORES
“L’histoire naturelle des estranges poissons marins, avec la vraie peinture & description du Daulphin”	1551	Regnaud Chaudiere
“De Admirabile Operum Antiquorum et Rerum suspiciendarum praestantia”	1553	Guillaume Cavellat
		Gilles Corrozet
		Benoît Prévost
“De Arboribus Coniferis, Resiniferis, aliis quoque nonnullis sempiterna fronde virentibus”	1553	Guillaume Cavellat
		Gilles Corrozet
		Benoît Prévost
“De aquatilibus Libri duo”	1553	Charles Estienne
		Guillaume Cavellat
“Les Observations de Plusieurs Singularitez et Choses Memorables, trouvées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges”	1553	Guillaume Cavellat
		Gilles Corrozet
“Les Observations de Plusieurs Singularitez et Choses Memorables, trouvées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges, redigées en trois livres par Pierre Belon du Mans. Revez de nouveau & augmentez de Figures”	1554	Guillaume Cavellat
		Gilles Corrozet
	1555	Guillaume Cavellat
		Gilles Corrozet
	1588	Hierosme de Marnef & viúva de Guillaume Cavellat
“La nature et diversité des poissons”	1555	Charles Estienne
“L’Histoire de la Nature des Oyseaux”	1555	Guillaume Cavellat
		Gilles Corrozet
“Portraits d’oyseaux, animaux, serpens, herbes, arbres, hommes et femmes, d’Arabie & Egypte”	1557	Guillaume Cavellat
“Les remonstrances sur le default du labour & culture des plantes, & de la cognoissance d’icelles”	1558	Guillaume Cavellat
		Gilles Corrozet

entretanto, nunca chegou a receber o estipêndio prometido, vivendo com dificuldade. Em abril de 1564, quando cruzava o bosque para visitar seu amigo Jacques du Breuil em Paris, acabou sendo assassinado por presumíveis salteadores, crime misterioso que permaneceu sem solução⁴.

As obras de Pierre Belon apresentam peculiaridades dignas de nota, formando um elenco intrincado cuja análise requer alguns cuidados. Com efeito, certos livros tiveram sua primeira edição compartilhada por dois ou mais impressores que, ademais, lançariam diferentes tiragens ao longo dos anos (Tabela 1). Como resultado, é possível encontrar duas variantes quase idênticas de único texto publicadas sob o mesmo título e com folhas de rosto muito distintas, fato bem exemplificado pelas versões da “Histoire de la nature des Oyseaux” de Guillaume Cavellat e Gilles Corrozet (Fig. 2)⁵.

Os dez trabalhos publicados por Pierre Belon ao longo de seus 47 anos de vida abarcam uma análise sobre o processo de embalsamamento empregado pelos antigos egípcios⁶ e dois estudos relativos à Botânica e Agricultura⁷, além de três livros relacionados à sua viagem pelo Oriente e quatro tratados de Zoologia (vide adiante). Para efeito do presente ensaio, apenas essas duas últimas categorias apresentam-se relevantes.

A viagem de Belon ao Oriente daria margem a três publicações distintas, as quais teriam início com as “Observations de Plusieurs Singularitez et Choses Memorables, trouvées en Grece, Asie, Iudée, Egypte,

da “Histoire de la nature des Oyseaux” ostente o título “Le troisieme livre de la natvre des oyseaux de riviere, qui ont le pied plat, & nagent sur les eaux, avec leurs descriptions & portraits, retirez du naturel” na versão de Guillaume Cavellat e “Le troisieme livre de la natvre des oyseaux vivants le long des rivieres, ayants le pied plat, nommez en Latin *Palmipedes aues*: avec leurs descriptions & portraits, retirez du naturel” na de Gilles Corrozet.

4 Certos detalhes da vida de Pierre Belon são motivo de controvérsia, o que explica as diferenças observadas entre os vários autores. Para maiores detalhes, vide Crié (1883a, 1883d), De Wit (1992-1994), Delaunay (1923, 1926a, 1926b, 1962), Gudger (1934), Legré (1901), Letessier (1975), Macgillivray (1834), A. Merle (*in* Belon, 2001), Mesnard (1973), Miall (1912), Morren & Crié (1885), Papavero *et al.* (1975) e Tricot (2004), bem como o “Sketch of Pierre Belon with portrait” (1889).

5 Essas edições compartilhadas podem apresentar algumas diferenças no texto, conforme atesta o fato de que o terceiro livro

6 “De Admirabile Operum Antiquorum et Rerum suspiciendarum praestantia”, edição compartilhada por Guillaume Cavellat, Gilles Corrozet e Benoît Prévost (Belon, 1553a, 1553b, 1553c).

7 “De Arboribus Coniferis, Resiniferis, aliis quoque nonnullis sempiterna fronde virentibus”, edição compartilhada por Guillaume Cavellat, Gilles Corrozet e Benoît Prévost (Belon, 1553d, 1553e, 1553f). “Les remonstrances sur le default du labour & culture des plantes, & de la cognoissance d’icelles”, edição compartilhada por Guillaume Cavellat e Gilles Corrozet (Belon, 1558a, 1558b).

L'HISTOIRE
DE LA NATVRE DES
OYSEAVX, AVEC LEVRS

descriptions, & naïfs portraicts

RETIREZ DV NATVREL:

ESCRITE EN SEPT LIVRES,

Par Pierre Belon du Mans.

AV ROY.



A PARIS,

Chez Guillaume Cavellat, deuant le college de Cambray,
à l'enfeigne de la Poulle grasse.

1 5 5 5.

Auec priuilege du Roy.

L'HISTOIRE
DE LA NATVRE DES
OYSEAVX, AVEC LEVRS

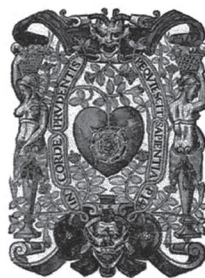
descriptions, & naïfs portraicts

RETIREZ DV NATVREL:

ESCRITE EN SEPT LIVRES,

Par Pierre Belon du Mans.

AV ROY.



A PARIS,

On le vend en la grand faille du Palais, en la boutique de
Gilles Corrozet, pres la chambre des consultations.

1 5 5 5.

Auec priuilege du Roy.

FIGURA 2: Folhas de rosto da “Histoire de la nature des Oyseaux” (1555) nas versões impressas por Guillaume Cavellat e Gilles Corrozet.

Arabie, & autres pays estranges” de 1553 (Fig. 3; Tabela 1)⁸. Uma nova versão, revista e ampliada, surgiria no ano seguinte com o título de “Les Observations de Plusieurs Singularitez et Choses Memorables, trouvées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges, redigées en trois livres ... Revez de nouveau & augmentez de Figures” (Fig. 4)⁹. Em 1555, haveria uma segunda tiragem em Paris¹⁰ e Antuérpia, esta última sob a responsabilidade de Christopher Plantin¹¹, ao passo que uma derradeira edição, datada de 1588, também surgiria em Paris graças à viúva de Guillaume Cavellat e seus associados (Tabela 1)¹². O

estabelecimento de Cavellat também seria responsável pelos “Portraits d’oiseaux, animaux, serpens, herbes, arbres, hommes et femmes, d’Arabie & Egypte”, volume impresso em 1557 (Fig. 5; Tabela 1). Calçadas em ilustrações da “Histoire de la Nature des Oyseaux” e das “Observations de Plusieurs Singularitez et Choses Memorables, trouvées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges”, as gravuras dessa coletânea estão acompanhadas por textos curtos baseados em passagens dessas mesmas obras, boa parte dos quais vazada sob a forma de quadras poéticas¹³.

No que tange à Zoologia propriamente dita, os três primeiros livros de Belon versariam sobre os peixes e outros animais aquáticos, sequência iniciada em 1551 com a “Histoire naturelle des estranges poissons marins, avec la vraie peinture & description du Daulphin” (Fig. 6; Tabela 1)¹⁴. Em 1553 surgiria o “*De aquatilibus Libri duo*”, que seria revisto e publicado em francês dois anos mais tarde sob o título de “La nature et diversité des poissons” (Fig. 7; Tabela 1)¹⁵.

8 Belon (1553g, 1553h), edição compartilhada por Guillaume Cavellat e Giles Corrozet.

9 Belon (1554a, 1554b), edição compartilhada por Guillaume Cavellat e Giles Corrozet.

10 Esta edição também seria compartilhada por Guillaume Cavellat e Giles Corrozet (Belon, 1555a, 1555b).

11 Belon (1555c). Em alguns exemplares dessa tiragem constaria o nome de Joannes Steelsius, pois Christopher Plantin trabalhou para terceiros antes de criar seu próprio estabelecimento (Bowen & Imhof, 2008). Anos mais tarde, Plantin publicaria a versão latina feita por Charles d’Écluse das viagens de Belon e de seu último livro de Botânica (Belon, 1589a, 1589b), traduções que também fariam parte do célebre “*Exoticorum Libri Decem*” (L’Écluse, 1605).

12 Belon (1588), edição de Hierosme de Marnef e da viúva de Guillaume Cavellat.

13 Belon (1557), edição de Guillaume Cavellat.

14 Belon (1551), edição de Regnaud Chaudiere.

15 Belon (1553i, 1553j, 1555d). A edição do “*De aquatilibus Libri duo*” seria compartilhada por Guillaume Cavellat e Charles Estienne, ao passo que “La nature et diversité des poissons” seria publicada apenas por esse último.

LES
OBSERVATIONS
DE PLUSIEURS SINGVLARITEZ ET
choses memorables, trouées en Grece, Asie, Iu-
dée, Egypte, Arabie, & autres pays estran-
ges, redigées en trois liures,
Par Pierre Belon
du Mans.
A monseigneur le Cardinal de Tournon.
Le Catalogue contenant les plus notables choses de ce presént
liure, est en l'autre part de ce fuceillet.



A PARIS,
En la boutique de Gilles Corrozet, en la grand
salle du Palais, près la chapelle de
mefieurs les Prefidens.

1 5 5 3 .

Avec priuilege du Roy.

FIGURA 3: Folha de rosto das “Observations de Plusieurs Singularitez et Choses Memorables, trouées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges” (1553). Versão impressa por Gilles Corrozet.

Por fim, o naturalista francês lançaria a célebre “Histoire de la Nature des Oyseaux”, que dispensa maiores comentários (Fig. 2; Tabela 1)¹⁶.

Entre os estudiosos das Ciências Naturais do Renascimento, Pierre Belon alinha-se entre os primeiros a descrever espécies da fauna brasileira (Teixeira, 2013), precedendo Conrad Gesner e até mesmo o testemunho de cronistas como Hans Staden (1557), André Thevet (1557) e Jean de Léry (1578)¹⁷. Embora o pioneirismo da “Histoire de la Nature des Oyseaux”

16 Belon (1555e, 1555f), edição compartilhada por Guillaume Cavellat e Giles Corrozet.

17 As primeiras referências de Conrad Gesner aos animais do Novo Mundo parecem ter sido publicadas no “*De Quadrupedibus Oviparis*” – segundo tomo de sua monumental “*Historia Animalium*” – e nas “*Icones animalium quadrupedum viviparorum et oviparorum*” (Gesner, 1553, 1554). Já em 1550, entretanto, o médico e matemático italiano Gerolamo Cardano reproduziria os comentários de Pietro Martire de Anghiera sobre os marsupiais sul-americanos, relato baseado em um exemplar talvez capturado no norte de Brasil e levado para a Europa por Vicente Yañez Pinzón no ano de 1500 (Anghiera, 1511, 1516, 1530; Cardano, 1550; Teixeira & Papavero, 2002).

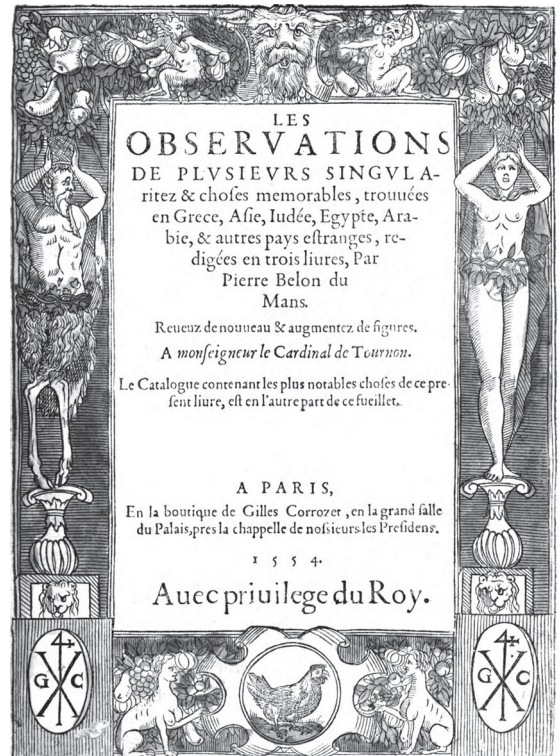


FIGURA 4: Folha de rosto das “Observations de Plusieurs Singularitez et Choses Memorables, trouées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges, redigées en trois livres ... Reveuz de nouveau & augmentez de Figures” (1554). Versão impressa por Gilles Corrozet.

tenha sido mencionado por certos autores (e.g., Asúa & French, 2005; Penard, 1925; Smith, 2007), as citações incluídas nos livros de viagem e nas obras sobre animais aquáticos parecem ter passado despercebidas. Sob esse ponto de vista, portanto, parece razoável reproduzir e comentar os vários trechos pertinentes, que fornecem interessantes subsídios para avaliar o conhecimento do restante da Europa sobre os animais encontrados nas possessões portuguesas do Novo Mundo durante a primeira metade do século XVI.

AS ESPÉCIES DA FAUNA BRASILEIRA MENCIONADAS

1. Do borrelho

“Há outra espécie de concha, muito grossa, pesada e maciça, que uns nomeiam impropriamente de ‘porcelana’. Esta eu não conheço, nem tampouco os borrelhos com que aqueles do Brasil fazem os ‘paternoster’, nem também os nácares – ou mãe das pérolas – que parecem uma concha de ostra, nem também os vários

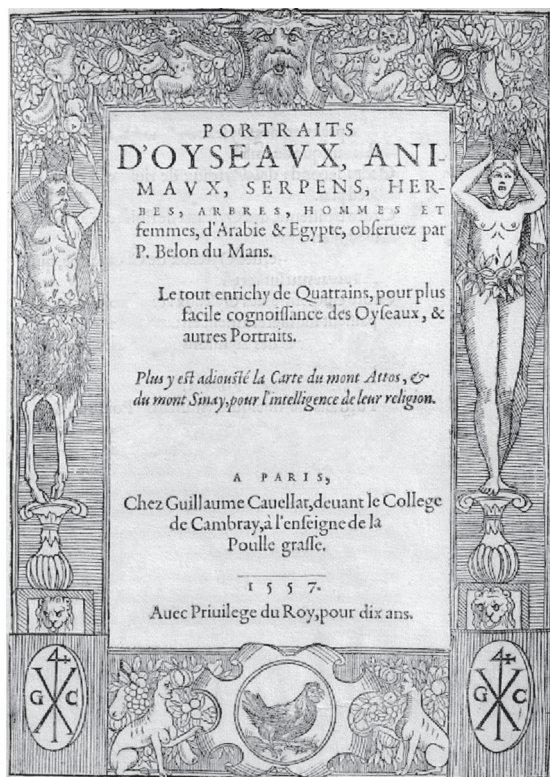


FIGURA 5: Folha de rosto dos “Portraits d’oyseaux, animaux, serpens, herbes, arbres, hommes et femmes, d’Arabie & Egypte” (1557), obra impressa por Guillaume Cavellat.

outros que são chamados de nácares de pérolas” (“L’histoire naturelle des estranges poissons marins, avec la vraie peinture & description du Daulphin”, 1551. Livro II, Capítulo XXVI, *folios* 53 v.-54 r. Vide Anexo 1).

No texto original (vide Anexo 1), o molusco brasileiro utilizado na confecção dos “paternoster”¹⁸ receberia o nome de “vignol”, antiga palavra francesa utilizada sobretudo para designar pequenos gastrópodes das famílias Littorinidae e Trochidae – por exemplo *Littorina littorea* (Linnaeus, 1758), *Littorina obtusata* (Linnaeus, 1758) e *Gibbula umbilicalis* (da Costa, 1778) – os quais também seriam chamados de “vigneau” ou “vignot” nesse mesmo idioma e de “borrelhos” em português (Godefroy, 1881-1902; Guérin, 1833-1834; Sanches, 1989). Apesar de muito superficial, tal relação evoca os nossos Littorinidae costeiros, grupo representado por três espécies distribuídas entre dois gêneros, entre as quais a comuníssima *Littoraria angulifera* (Lamarck, 1822), gastrópode comestível

18 Fieiras de pequenos objetos como grãos ou conchas que auxiliavam a controlar o total de preces efetuadas. Estavam geralmente divididos em cinco grupos de dez, sendo o décimo maior que os anteriores para facilitar a contagem.

L’histoire naturelle des ESTRANGES POISSONS MARINS,

AVEC LA VRAIE PEINCTVRE
 & description du Daulphin, & de
 plusieurs autres de son espee,

Obseruce par Pierre Belon du Mans.



AVEC PRIVILEGE.

A P A R I S.

De l'imprimerie de Regnaud Chaudiere.

1 5 5 1.

FIGURA 6: Folha de rosto da “Histoire naturelle des estranges poissons marins, avec la vraie peinture & description du Daulphin” (1551), obra impressa por Regnaud Chaudiere.

que atinge 30 mm de comprimento e pode ser encontrado em bom número nos manguezais e atracadouros (Rios, 1970, 1985). De certa forma, essa possibilidade parece estar respaldada pelo Capítulo XXIV das “Singularidades da França Antártica”, no qual André Thevet menciona que se encontram à beira mar “pequenos borrelhos – uma espécie de concha do tamanho de uma ervilha – que os selvagens levam no pescoço em feiras como pérolas, especialmente quando estão doentes”¹⁹.

Poucos anos mais tarde, o próprio Belon voltaria a empregar o termo “vignol” em termos bem semelhantes. Com efeito, no Capítulo LXXI das “Observations de Plusieurs Singularitez et Choses Memorables, trouvées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges”, o naturalista francês trata dos “vasos de porcelana vendidos no Cairo” (vide também

19 “Aussi se trouuent au riuage de la mer des petits vignots (qui est une espece de coquille de grosseur d’un pois) que les Sauuages portent à leur col enfilez comme perles, spcialement quand ils sont malades” (Thevet, 1557).

PETRI BELLONII CENOMANI
De aqualibus, Libri duo
 Cum eiconibus ad viam ipsorum effigiem, quoad
 eius fieri potuit, expressis.
 Ad amplissimum Cardinalem Castillonæum.
 P A R I S I I S.
 Apud Carolum Stephanum, Typographum Regium.
 M. D. LIII.
 Cum priuilegio Regis.

La nature & diuersité des poissons,

Avec leurs pourtraicts, representez au
 plus pres du naturel.

Par Pierre Belon du Mans.

A Monseigneur le Reuerendiss. Cardinal de Castillon.

A P A R I S.

Chez Charles Estienne, Imprimeur ordinaire du Roy.
 M. D. LV.

FIGURA 7: Folhas de rosto do “*De aqualibus Libri duo*” (1553) e de “*La nature et diversité des poissons*” (1555), obras impressas por Charles Estienne.

Anexo 1) e relata que os franceses teriam por hábito chamar os “paternoster” confeccionados com grandes borrelhos de “paternoster de porcelana”, passagem talvez sugestiva de conchas não tão pequenas²⁰. Nesse sentido, vale lembrar que Jean de Lery lançaria mão do mesmo termo “vignol” para descrever uma “grande concha marinha” cujos pedaços eram polidos nas pedras até estarem reduzidos a discos do tamanho de “un denier”, sendo então perfurados e passados por um fio para formar colares denominados de “bou-re” pelos indígenas²¹.

20 “Ce nom Porcelaine est donné à plusieurs coquilles de mer. Et pource qu’un beau vaisseau d’une coquille de mer ne se pourroit rendre mieux à propos suyvnt le nom antique, que de l’appeler de Porcelaine, avons pense que les coquilles polies & luyssantes, ressemblans à Nacre de perles, ont quelque affinité, avec la matiere des vases de Porcelaine antiques: joinct aussi que le peuple François nomme les patenostres faites de gros vignols, patenostres de Porcelaine” (Belon, 1554a).

21 “Semblamēt apres qu’avec une grade longueur de temps ils ont polis sur une pierre de grez, une infinité de pieces d’une grosse coquille de mer appelee Vignol, lesquelles ils arrondissent & font aussi primes & defliees qu’un denier tournois: perrees qu’ils nomment *Bou-re*, lesquels quand bon leur semble, ils tortillent à lentour de leur col, comme on fait em ces pays les chaines d’or. C’est à mon advis ce qu’aucuns appelēt porcelaine, de quoy on voit beaucoup de femmes porter des ceintures

2. Do “serra do mar”

“Deste peixe, que dizem ser grande e cartilaginoso, nós decidimos mostrar a figura mais importante, tanto porque ele vem das Índias e do grande mar do Brasil²², como também porque os comerciantes que por lá vão e vêm não conhecem senão uma parte dele que é como um grande chifre com três cúbitos de comprimento e um pé e meio de largura²³ – e afirmam que ele é preso na frente desse grande peixe à semelhança daquele do espadarte²⁴. De resto, ele não é tão agudo e possui de uma borda à outra o total de cinquenta e oito dentes muito duros, à maneira de uma serra. Este chifre é áspero por cima e coberto por um couro de coloração acinzentada. Os comerciantes chamam-no de ‘língua de serpente’, porque o crêem com propriedades medicinais. Em vários lugares, alguns o têm em grande conta”. (“*La nature & diversité des poissons, Avec leurs pourtraicts, representez au plus pres du naturel*”, 1555. Livro I, Capítulo VII, *folio 58 r*. Vide Anexo 2).

Sob os curiosos nomes de “serra do mar” e “língua de serpente”²⁵, Pierre Belon retrataria o característico rosto de um peixe-serra (Rajiformes, Pristidae), grupo de ampla distribuição nos oceanos tropicais e subtropicais representado no Brasil por *Pristis pectinata* Latham, 1794 e *Pristis pristis* (Linnaeus, 1758), os

par deça: & en avois plus de trois brasses des plus belles qui se puissent voir quand i’arriway em France” (Léry, 1578). A passagem em questão teria levado determinados autores (e.g., Rubiés, 2009; Sadlier, 2008) à desconcertante assertiva de que “vignol” seria o nome tupinambá de certos moluscos.

22 “Il vient des Indes & de la grand mer du Brasil” no original (Vide Anexo 2). A leitura comparativa dessa passagem com o texto existente no “*De aqualibus Libri duo*” sugere que Belon pretendia dizer que tal peixe vinha do Índico e do Atlântico – o “grande mar” – mais especificamente das águas brasileiras. Nessa obra, entretanto, o trecho correspondente omite qualquer referência explícita ao Brasil, mencionando apenas que o “serra”, frequente no Índico e Atlântico, seria desconhecido do litoral francês (“*Serra, Indico ac magno mari frequens est, nostris litoribus ignota*”; vide Belon, 1553i, 1553j). Tal discrepância torna evidente que “*La nature & diversité des poissons*” não pode ser considerada como a mera tradução francesa do “*De aqualibus*”.

23 Cerca de 145 cm de comprimento e 48 cm de largura.

24 “Heron de mer” no original. Significando literalmente “garça-do-mar”, tal denominação seria empregada pelo naturalista francês (vide Belon, 1555d) para designar o espadarte, *Xiphias gladius* Linnaeus, 1758.

25 “Scie de mer” e “Langue de serpent” no original (Belon, 1555d). Os naturalistas da época (e.g., Gesner, 1558) parecem associar os acúleos encontrados no rosto dos peixes-serra às chamadas “línguas de serpente” ou “*glossopetrae*”, dentes fósseis de tubarão aos quais se atribuíam notáveis poderes antidotais (vide Papavero et al., 1997).

quais podem atingir, respectivamente, 5,5 m e 6,1 m de comprimento, alcançando até 300 kg e 500 kg de massa corporal (Carvalho & McEachran, 2003; McEachran & Carvalho, 2003).

Perfazendo entre 20% e 25% do comprimento total em *Pristis pectinata* e *Pristis pristis*, os rostros dos peixes-serra despertariam grande interesse no século XVI, dando margem a diversas especulações sobre a natureza e aspecto desses animais²⁶. Muito embora Belon tenha caracterizado o “serra” como um “peixe grande e cartilaginoso”, alguns de seus contemporâneos insistiriam em classificar esse animal como um “cetáceo das Índias”, retratando-o ao modo de uma estranha baleia expelindo um jorro de seu espiráculo (e.g., Rondelet, 1554; Fig. 8)²⁷. Bem mais curiosa é a representação do “vtelif” do litoral africano, um “peixe assaz monstruoso” que André Thevet descreve como possuindo “como uma serra sobre a fronte, com três pés ou mais de comprimento e bordas providas de pontas muito aguçadas” (Fig. 9)²⁸.

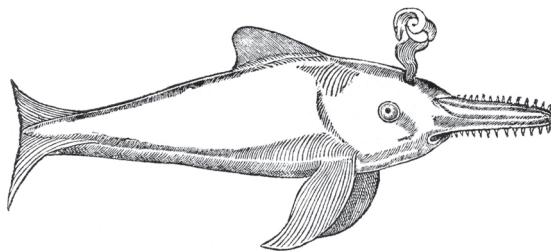


FIGURA 8: O peixe-serra (*Pristis* sp.) segundo o “*Libri de Piscibus Marinis*” de Guillaume Rondelet (1554).

Ainda que Hans Staden (1557) não fale dos peixes-serra, suas ilustrações da costa brasileira mostram claramente dois desses animais – um dos quais “sooprando” como um cetáceo, imagem que recorda aquela publicada pouco antes por Rondelet (Fig. 10)²⁹. Jean de Lery consideraria um exemplar pescado no litoral do Rio de Janeiro como o “mais bizarro, disforme e monstruoso peixe possível de ser visto”, pois apresentava um “nariz com cerca de cinco pés de comprimento e um pé e meio de largura guarnecido de dentes de uma borda à outra, agudos e cortantes como os de uma serra”. Posta para cozinhar por “mais de vinte e quatro horas”, sua carne mostrar-se-ia imprestável de tão dura, vencendo até mesmo o “bom apetite” dos franceses³⁰. No último quartel do século

26 Citados tanto por autores clássicos como Aristóteles, Plínio e Opiano, quanto por navegadores como Alvise da Cadamosto, os peixes-serra parecem ter sido extintos do Mediterrâneo e nordeste do Atlântico, embora indivíduos isolados por vezes penetrem no Canal de Suez (IUCN, 2012). Quanto às primeiras notícias relativas ao Novo Mundo, vale destacar que Gonzalo Fernandez de Oviedo y Valdés dedica breves comentários aos peixes-serra na “Natural Historia de las Indias” e na “Historia General de las Indias”, denominando-os de “peixe vihuela” ou “peixe vigüela” (Oviedo y Valdés, 1526, 1535, 1851-1855). Em curta passagem referente à sua viagem de 1535, Ulrich Schmidel fala das “maravilhas do alto mar” e menciona peixes “maus e grandes” providos de “uma serra de osso de baleia que se projeta do dorso”, chamados pelos espanhóis de “pese de sere” (*in* Franck, 1567). Um exemplar da espécie também aparece figurado junto ao litoral sulamericano no mapa-mundi de 1546, carta atribuída a Pierre Desceliers (vide Duzer, 2013), enquanto o desenho de um rosto adorna os originais de Galeotto Cey, manuscrito elaborado entre 1539 e 1552 (Galeotto Cey, 1995). Para outros detalhes, consulte-se Armas y Céspedes (1888) e Villa (1976).

27 “*Indi Cetaceum quandam piscem nōrunt, que, viuellam nonnulli appellat, qui insuauis est carne, & cibo inutilis, mirabili forma, maximè ob rostrum, quod valde longum est, osseum, vtrinque aculeatum, rastrum mode figuræque, eius aculei validi sunt, & delphinorum dentibus similes, sed longiores. Os, cui infixi sunt latum, tenue, cute aspera, cinerea. Huiusmodi rostrum misit ad me Guinus Pisanus doctor peritissimus. Vidi aliud Massiliae, quod mercator ex longinqua nauigatione attulerat*” no original (Rondelet, 1554). Além de aproveitar a figura e o texto de Rondelet, Gesner (1558) acrescentaria diversos outros detalhes, inclusive a figura de um rosto e o nome português da espécie (“*Lusitanus quidam uisa apud me icone, pesce Serra mihi appellabat*”). Baseado no exemplar seco pertencente ao gabinete de Jacobus Plateau, Charles de l’Écluse reafirmaria – décadas mais tarde – a opinião de Belon, classificando esses animais como peixes cartilaginosos afins dos tubarões (L’Écluse, 1605).

28 “Ouy bien de quelques poissons, & peaux de bestes, comme desia ie vous en ay descrit, que i’ay remarquez, courant fortune en l’Ocean de long des costes d’Afrique, visitant la Guinee & l’Ethiopie: lesquels y sont grands & monstrueux, & tout

différents à ceux qu’on voit en la Medterranee, ou en la mer Maiour, ou celle qu’on dit Caspie. Entre autres l’*Vtelif*, qui a comme vne scie sur le front, longue de trois pieds, ou plus, & large de quatre doigts, & ses pointes de deux costez fort aigues, dont en ay vne en ma possession. Or vous l’ay-ie bien voulu représenter au naturel, encores que Rondelet & autres se soient efforçez de l’effigier: & ce d’autant qu’il s’y sont merueilleusement trompez, pour ne l’auoir veu comme i’ay fait: lequel au reste n’est pas beaucoup différent de l’Arque, sauf qu’il est escaillé, & l’Arque est reuestu de cuyr comme vn Marsouyn, ou Chien de mer. Et me souient, qu’estant souz la Zone torride, i’en ay veu d’vne autre espece, que les Indiens nomment *Aquoin*, qui signifie en Moresque Mousche, la langue duquel estoit quasi semblable à la corne dudit *Vtelif*, hors mis que ses dentelletes n’estoient si drues, ne si pres à pres: qui pourroit auoir esté cause d’en faire abuser quelques vns, & prèdre l’vn pour l’autre” (Thevet, 1575). Esse peixe monstruoso também despertaria a atenção de outros autores como Aldrovandi (1613) e Paré (1579). Segundo algumas fontes (e.g., Destombes, 1972), o rosto de peixe-serra descrito por Belon teria vindo de Thevet, assertiva que parece não ser confirmada pelos textos originais.

29 Campanario (1980) atribui essa expedita gravura a *Pristis microdon* Latham, 1794, um dos táxons pertencentes ao complexo *Pristis pristis* (vide Carvalho & McEachran, 2003).

30 “Nous peschames grande quantité de plusieurs especes de poissons tous dissemblables à ceux de par deça. Mais entre les autres, il y en auoit vn, possible le plus bigerre, disforme & monstrueux qu’il est possible d’en voir, lequel pour ceste cause i’ay bien voulu ici descrire. Il estoit presque aussi gros qu’un bouueau d’un an, & auoit vn nez long d’environ cinq pieds, & large de pied & demy, garny de dents de costé & d’autre aussi piquantes e trenchantes qu’une scie: de façon que quand nous le vismes sur terre remuer si soudain ce maistre nez, ce



FIGURA 9: O “vtelif” segundo a “Cosmographie Universelle” de André Thevet (1575).

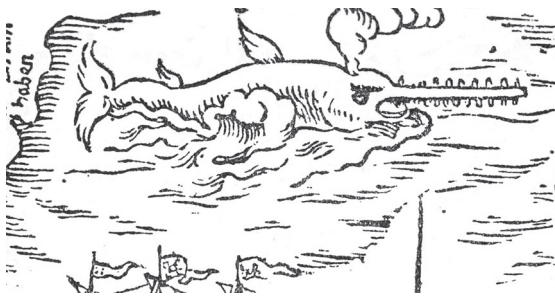


FIGURA 10: Peixe-serra (*Pristis* sp.) retratado na “Warhaftige Historia” de Hans Staden (1557).

XVI, entretanto, Gabriel Soares de Sousa mencionaria que, depois de secos, os tassalhos de “araguaguá” eram servidos aos escravos. De seu fígado podiam ser

fut à nous de nous en donner garde, voire sur peine d’en estre marqué, de crier l’un à l’autre garde les iambes. Au reste la chair en estoit si dure, qu’encores que nous eussions bon appetit, & qu’on le fit bouillir plus de vingt & quatre heures, si n’en sceusmes nous iamais mâger” (Léry, 1578).

obtidas até quarenta canadas de azeite, empregado em candeias e no preparo do breu usado para calafetar barcos (G.S. de Sousa, 1938). Vendidos como objetos exóticos até os dias de hoje (IUCN, 2012), os rostros de peixes-serra acabariam por se tornar um item cobiçado pelos proprietários dos “gabinetes de curiosidades”, conforme demonstram vários relatos dos séculos XVI e XVII (e.g., Gesner, 1558; Contant, 1609) (Figs. 11 e 12)³¹.

31 Apotecário em Poitiers, Paul Contant lançaria mão de versos para descrever tanto um jardim repleto de espécies exóticas quanto um idealizado “gabinete de curiosidades” seiscentista, o qual deveria necessariamente abrigar os prodígios mais notáveis encontrados no outro lado do oceano. Esta relação incluiria um “Vtelif”, que mereceria os seguintes versos: “Puis ce rare Vletij qui porte dans son front/ Ainsi que la Licorne un estoc qui desrompt/ Sans pitié ny mercy, des troupes escaillées/ Les milles legions sous les ondes sallées:/ Semblable au roide-bras, qui au fort du combat,/ Or la teste, or l’espaulle, or tout le corps abat/ De son fier ennemy, & qui brauche appelle/ Les plus hardis soldats de l’armée rebelle/ Luy furieux découpe, & en vn tourne-main/ Fait voir plus d’ennemis terrassez par sa

856 De Aquatilibus.

Os etiam illud denticulatum quod Rondeletius cetaceo corpori, ad coniecturam nimirum à se efficto, (nam authorem nullum affert, & peregrinum esse fatetur animal,) ceu rostrum præfigit, uidi aliquando Francfordiæ; ubi & iconē hanc eius delineandā mihi curauit: (cui Bellonius quoque simile pictum dedit.) Mercator qui habebat, nulla ratione lacertam marinam nominabat. Os erat latum circiter tres digitos, linguæ quadam effigie, una parte album, altera cinereum, duobus dodrantibus paulò longius; utrinque dentatum dentibus triginta. Bellonius substantiā per mediū ferè cartilagineam esse scribit, et flexilem; unde nimirum piscem etiam ipsūm cartilagineum esse conijcit, sed cetaceum, & ferræ nomine antiquis uocatum; cum Plinius (qui solus ueterum ferram nominat) neque magnitudinis neque formæ, suæ ferræ meminerit. In Medera insula Noui orbis aquaticæ ferræ sunt, quibus in afflamenta secantur ligna, Aloysius Cadamustus Navigationis suæ capite 6. uidetur autē de ferris isdem, quibus de nunc scribimus, sentire. Inutilis est piscis quem uiuellam uocant, quantum magnus: nam caro eius haud iucunda est; forma tamen mirabilis est hic piscis; ut qui ensis imagine cartilagineum quoddam in fronte ferat, palmorum quatuor longitudine, aut etiam amplius; ab imo usque ad supremum dentatum acutis robustisque dentibus, Cardanus. Aliud est autem rostrum piscis esse, aliud in fronte ferri. quòd si cartilagineum est, ceto non conuenit, sed cartilaginei generis pisci. Seras beluas marinas cute aspera tectas, uidi ex eo nomen trahentes, quòd ferræ speciem similitudinemque quandam gerant, nam ex fronte os unum eminet, longum, planum, rectum, tanquam ensis, in modum ferræ dentatum, Gillius. Lusitanus quidam uisa apud me icone, & pesce Serra mihi appellabat: addebat spinam dorsii esse, quod non crediderim, alius quidam balænae linguam nominabat, Louanij in domo publica serpentem pendere audio, tali insignem lingua, arte nimirum scelesto inserta. Dentes aiunt ferè lapideos esse, coloris cinerei, & uendi seorsim, quasi contra morsus serpentium efficaces.

Redeo ad præstim; eius nomen inditum puto, similiter ut physeteri, à flatu; siue quòd aquam suis fistulis reflant, & in altum eiaculantur; siue quòd respirantes uentum in aère moueant, & in undis fluctus. Cæterum ne quis in Oppiani uersibus erratum fortè librarium suspicetur, quod scribitur *πριστης*; animaduertat epitheton *σάφρονι*, id est cruenta uel sanguinaria, genere fœminino appositū: cum masculinum esse oporteret, si *πριστης*, ut apud Aristotelem, scriberetur. --- *ὅτι δὲ σαφρονὶ πριστης ἀπὸ πριστης τε ὀνύχων τε χροματι λαμβύσκει*. ubi carminis etiam ratione *πριστης* duabus longis admitti non posset: *πριστης* quidem cum iota in utraque syllaba posset, utpote trochaicum et fœmininum nomen, sed quorsum mutemus, cum Aelianus quoque & Suidas ita legerint: & similiter Eustathius, cuius hæc sunt uerba: In Lycia erant *ἰχθυομαίνταις*; *πρὸς οἷς ὁ ἑρπύς χροματὸς ἐδιδία ὀρφῶν φανομαίνου, ἢ φαι λαμβύσκει, ἢ πριστηδίων μεγάλων τε καὶ πολλῶν*. Locus sumptus est ex octauo Athenæi, ubi tamen *πριστης* leguntur. Videtur quidem apud Suidam præstim cum maltha confundi, ut in Maltha monui. *Βατίδες, ζύγαναι, πριστηδ*, Epicharmus in Nuptijs Iunonis, unde apparet duplicem huius nominis apud Græcos inflexionem esse, ut à recto *πριστης* genitiuus sit uel *πριστη* uel *πριστηδ*. Physeter pro animali apud Aristotelem nunquam, sed pristis nominatur. ab Oppiano, Aeliano & Suida physali (physeteres interpretor) & prestides simul inter cete nominantur; & pro diuersis eos habuisse has belluas, obijci mihi potest, quod ut concedam, nondum tamen prorius euerfa est sententia mea, qua physeterem prestidi uel eandem uel omnino cognatam esse belluam dixi, Suidæ nulla autoritas his in rebus, sua huiusmodi ferè ex Aeliano & alijs transcripsit; Aelianus & hic & alibi plerumque in his quæ ad piscium historiam pertinent, Oppianum sequitur, itaque tres illi nobis oppositi authores ad unum rediguntur Oppianum; cui non inuitus concedo de parte sententiæ meæ: partem retineo, cognatum duxerat esse prestidi physeterem; & fortè plus quam cognatum, ut physeter in Gallico Oceano, non aliud quam Indico prestis sit; quod & Plinius ferè innuit, his uerbis: Maximum animal in Indico mari pristis & balæna est, in Gallico Oceano physeter, &c. E balænarum quidem genere physeteras esse Rondeletius assentitur, quibus si prestis etiam, ut mihi uidetur, affinis est, non erit cetus uel piscis ille, quem rostro oblongo serratoque longè dissimilem balænis pro prestide pingit. Verum hæc omnia exercendi me magis, & uocabula quædam authorumque loca illustrandi gratiâ,

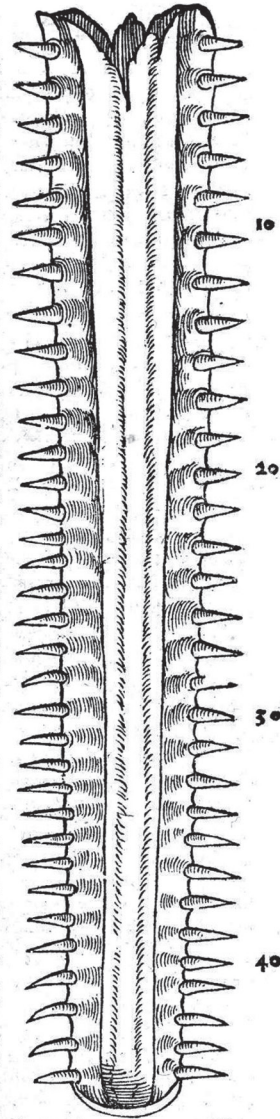


FIGURA 11: Rostro de peixe-serra (*Pristis* sp.) segundo a "Historiae Animalium Liber IIII qui est de Piscium & Aquatiliū animantium natura" de Conrad Gesner (1558).

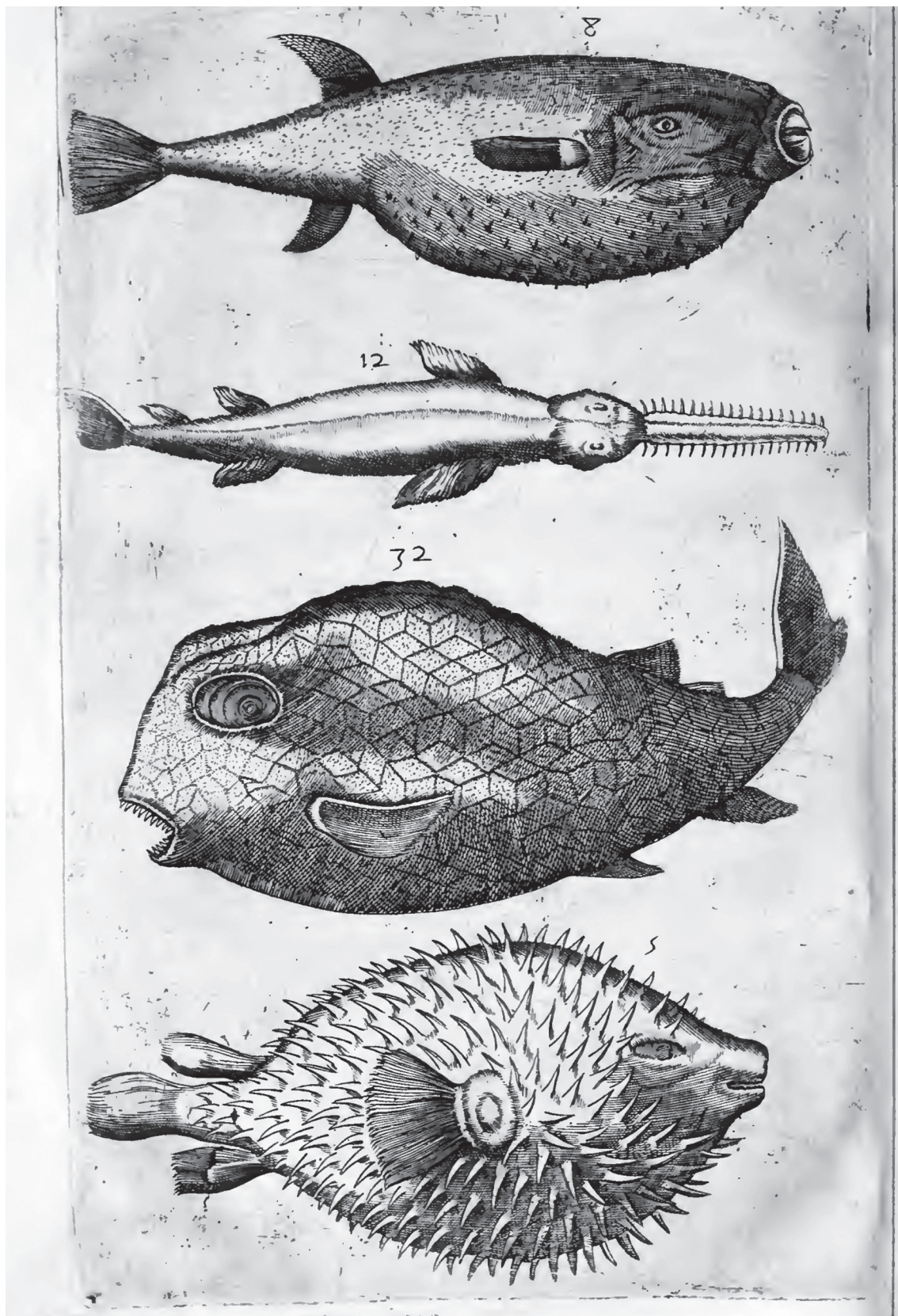


FIGURA 12: Peixe-serra (*Pristis* sp.) retratado no “Jardin, et Cabinet Poetique” de Paul Contant (1609).

3. Do “corpulento pato-da-guiné”

“Não faz muito tempo que começaram a manter e criar, em nossa França, uma variedade de pato encorpado cujo porte medeia o de um ganso e de um pato³². Não faz barulho ao gritar, pois sua voz é rouca e faz com que ele pareça ter os pulmões feridos. Já se encontra em tão grande quantidade por todas as nossas regiões que agora se cria pelos vilarejos e até começaram a ser vendidos publicamente pelas feiras para serem servidos em festas e casamentos. Este pato tem pernas curtas, sendo o macho maior que a sua fêmea. Assim como há muitas aves tão inconstantes na cor da plumagem, tanto o macho é negro, branco ou de diversas cores mescladas, quanto a fêmea é de uma cor e o macho de outra. De modo que dirão a esse respeito que tanto o macho é branco quanto a fêmea é branca, tanto todos dois são negros quanto de diversas cores. Não se pode, portanto, descrever bem as suas cores, senão que são semelhantes às de um pato. São comumente negros e mesclados de diversas outras cores. Seu bico, fora do costumeiro em patos e gansos, é curvado na ponta e – além disso – curto e largo, tendo uma espécie de crista vermelha não à feição de um galo, mas como uma tuberosidade (isto é, como um inchaço ou proeminência entre as duas aberturas do bico pelas quais a ave respira) da qual se dirá mais propriamente que é como uma cereja vermelha. Eles não têm penas nos dois lados da cabeça e ao redor dos olhos, mas sim uma sorte de pele vermelha da mesma natureza da dita “cereja” que leva acima dos olhos. Esta é uma marca suficiente para dar a conhecer de qual ave pretendemos falar. É surpreendente saber que semelhante ave possui um membro genital tão grande que é da grossura de um dedo encorpado – do comprimento de quatro a cinco dedos³³ – e vermelho como o sangue. Se não fosse tão dispendioso, seria muito mais criado do que se faz, porque

se dedica a comer tanto o quanto possa. Põem muitos ovos e em pouco tempo têm uma grande quantidade de filhotes, mas existe o temor de alimentá-los pela excessiva despesa que causam. Sua carne não é nem pior nem melhor que a de um pato ou ganso de casa”. (“L’Histoire de la Nature des Oyseaux”, 1555. Livro III, Capítulo XIX, páginas 174-175. Vide Anexo 3).

“Dessa ave, o membro genital/ é da grossura de um dedo e do comprimento de quatro./ Sua cor ora é branca, ora é anegrada:/ Eis no que ele se parece mal”. (“Portraits d’oyseaux, animaux, serpens, herbes, arbres, hommes et femmes, d’Arabie & Egypte”, 1557. *Folio 37 r.* Vide Anexo 5).

Malgrado faltarem provas arqueológicas conclusivas, existem fortes indícios de que o “pato-da-guiné” de Belon, *Cairina moschata* (Linnaeus, 1758), teria sido domesticado em tempos pré-colombianos, tornando-se uma ave de terreiro bastante comum ao longo de um grande espaço geográfico que se estendia desde o México e Caribe até o Paraguai e a bacia do Rio da Prata³⁴. Na verdade, em carta datada de 30 de janeiro de 1494, o médico Diego Alvarez Chanca mencionaria não haver, entre os nativos da ilha de Guadalupe, qualquer ave doméstica exceto “uns patos, em sua maioria brancos como a neve e alguns deles negros, muito lindos, com cristas rasas, maiores que os de lá [da Europa] e menores que gansos”³⁵. O próprio Colombo, em 1502, parece referir-se à espécie em Honduras³⁶, alusão secundada anos depois por Pietro Martire de Anghiera, López de Gómara e outros cronistas³⁷. A melhor descrição, entretanto, per-

main./ Qu’vn entier éscadron au plus fort d’vne guerre/ N’en sçauroit en un iour bouleuerser par terre” (Contant, 1609). Para maiores detalhes sobre outras coleções francesas da época, vide Schnapper (1988).

32 “Vne manière de Cane trape en nostre France, qui est de moyēne corpulēce entre vne Oye & vn Canard,” no original (vide Anexo 3). Belon utiliza “cane” (literalmente “pata”), ao lado de “oye” (“ganso”) e “canard” (“pato”). A julgar pelas demais passagens do texto, o naturalista francês pretendia referir-se às formas caseiras do ganso-comum, *Anser anser* Linnaeus, 1758, e do pato-doméstico, *Anas platyrhynchos* Linnaeus, 1758.

33 Entre 8 cm e 10 cm.

34 A história da domesticação de *Cairina moschata* parece ter despertado pouco interesse dos especialistas quando comparada com os eventos relativos aos mamíferos do Novo Mundo. Para alguns (e.g., Armas y Céspedes, 1888) tal processo teria ocorrido no Peru, enquanto outros (e.g., Donkin, 1989) sugerem o litoral da Venezuela, de onde esse Anatidae teria passado para o restante da América do Sul, América Central e Caribe. Vide também Angulo (1998), Clutton-Brock (2012), Latham (1922) e Lownie (1977).

35 Em carta dirigida ao Cabildo de Sevilha, durante a segunda viagem de Colombo ao Novo Mundo, o médico Diego Alvarez Chanca escreveria que “de las aves domésticas nunca se ha visto acá ninguna, salvo en la *Zuruquia* habia en las casas unas ánades, las mas dellas blancas como la nieve é algunas dellas negras, muy lindas, con crestas rasas, mayores que las de allá, menores que ánsares” (*in* Navarette, 1858).

36 Entre os mantimentos entregues a Colombo pelos indígenas estavam “oche” (patos) e “galline di quel paese” (“galinhas da terra”, i.e., perus) “melhores que as nossas” (vide Colón, 1571).

37 Esses registros dizem respeito à Curiana, Venezuela. Vide Anghiera (1516) e López de Gómara (1552).

tence à “Historia General y Natural de las Indias”, na qual Gonzalo Fernandez de Oviedo y Valdés observa existirem nos arredores de Cartagena, Colômbia, “uns patos domésticos que os índios criam em casa [...] os quais são brancos e os machos, algo maiores que as fêmeas, têm em torno dos olhos e na base do bico umas verrugas muito vermelhas como coral”³⁸.

No ano de 1527, Enrique Montes – um dos tripulantes da expedição de Sebastiano Caboto ao Rio da Prata – compraria oitenta patos dos nativos da Ilha de Santa Catarina por “vinte cunhas e seis anzóis”³⁹. Entre as várias alusões feitas aos “patos” domesticados, Álvaro Núñez Cabeza de Vaca destacaria que os habitantes do “Puerto de los Reyes” – atual região de Corumbá, Mato Grosso do Sul – criavam muitos patos para defender-se dos grilos que atacavam suas plantações⁴⁰. Contudo, os primeiros registros sobre “patos” no Brasil não permitem decidir se estaríamos tratando de exemplares de *Cairina moschata* mantidos pelos habitantes locais ou de exemplares introduzidos do pato-doméstico europeu, *Anas platyrhynchos* Linnaeus, 1758, pois nossos indígenas já possuíam, na primeira metade do século XVI, galinhas e perus trazidos do Velho Mundo. Não obstante, vale lembrar que o jesuíta Pedro Lonzano afirmaria terem os “patos de Castela” (*i.e.*, os europeus) chegado à região do Prata apenas em 1552 com a armada de Diego de Sanabria, logo se multiplicando em grande número⁴¹.

38 “Hay una manera de patos que crian en casa domésticos los indios, que los llaman *guayaiz*, los cuales son blancos, y los machos son algo mayores que las hembras, y tienen en torno de los ojos y en el nacimiento del pico unas verrugas muy coloradas, como corales: estas aves multiplican mucho y son buenas e de gentil sabor, quando son nuevas” no original (Oviedo y Valdés, 1851-1855).

39 “Mas compré ochenta patos, que costaran veinte cuás é seis anzuelos” no original (*in* Medina, 1898).

40 Tendo desembarcado na ilha de Santa Catarina em 29 de março de 1541, Cabeza de Vaca decidiria – em 18 de outubro desse mesmo ano – prosseguir viagem a pé até o Paraguai, chegando a Assunção em 11 de março de 1542, após cinco meses de caminhada. Em 8 de setembro de 1543, o militar espanhol iniciaria suas explorações subindo o rio Paraguai, tendo alcançado o “Puerto de los Reyes” no dia 8 de novembro. No original, o texto estabelece que “los indios de este puerto de los Reyes son labradores [...] crian los indios muchos patos, en gran cantidad, para defenderse de los grillos, como tengo dicho” (Cabeza de Vaca, 1555).

41 “De las aves domésticas hay en grande abundancia, las gallinas, palomas, pavos y patos, sin que falten las golondrinas, aunque no tan negras como las europeas, en el verano anidando en los tejados, que en el invierno se retiran á las regiones mas cálidas, y en iglesias las lechuzas y los torcos de dos especies en los campanarios. De la caza se hallan las garzas, perdices, palomas, torcazas, zorzales, tórtolas de dos espécies llamadas *picui* y *apicazú*, patos de agua de diversas especies; los de Castilla los trajo el año de 1552 la armada del adelantado don Diego de Sanabria, que aportó á la costa marítima en el puerto que hace

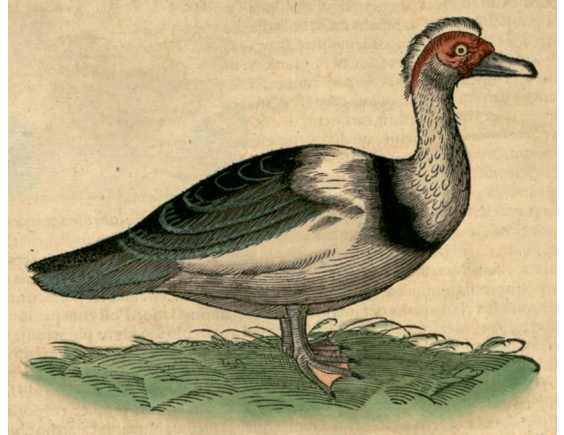


FIGURA 13: A “*Pica marina palmipede*” (*Cairina moschata*) retratada na “*Historiae Animalium Liber III qui est de Avium natura*” de Conrad Gesner (1555a).

Causa certa estranheza que os primeiros registros conhecidos do pato-do-mato em solo europeu não pertençam a espanhóis e portugueses, mas sim a Pierre Belon e Conrad Gesner, os quais retratam espécimens muito distintos entre si na “*Histoire de la Nature des Oyseaux*” e no volume da “*Historia Animalium*” dedicado às aves, obras publicadas em 1555 (Anexo 3 e Fig. 13). Em 1560, Gesner forneceria uma nova imagem desse Anatidae na segunda edição das “*Icones Avium Omnium*” (Fig. 14)⁴², enquanto o naturalista inglês John Caius publicaria duas breves descrições de exemplares domésticos sob o título de “*Anate Indica*” e “*Anate Turcica*” dez anos mais tarde⁴³. Influenciados

uma laguna hermosa, mas acá de la isla de Santa Catalina, y de unos pocos que allí dejaron, se procreó innumerable multitud que cubre aquellas aguas con tanto escenso, que, desde allí, se esparcen por todos los campos y costas á distancia de muchas leguas; y por ser tantos le dieron su nombre así á aquella dilatada laguna, como á todo el país, que hasta hoy se llaman *tierra y laguna de patos*. Otros hay pardos, otros blancos, otros negros y de otros colores; y todos de muy buen gusto y sabor” no original (Lozano, 1878). Para maiores detalhes sobre essa suposta introdução, vide Boiteux (1937) e Cardoso (1918).

42 A gravura do pato-do-mato existente na “*Historia Animalium*” voltaria a ser impressa na primeira edição das “*Icones Avium Omnium*” (Gesner, 1555a, 1555b). Cinco anos mais tarde, a segunda edição dessa última obra seria acrescida de uma nova imagem de *Cairina moschata* bastante diversa da anterior (Gesner, 1560a).

43 “*De Anate Indica: Est apud nos ex India anas, eadem planè corporis figura, eodem rostro & pede quo vulgaris, sed ex dimidio major ea & gravior. Caput illi rubescit ut sanguis, & bona pars conjuncti colli a posteriore parte. Id totum callosa caro est, & incisuris distincta; quaque ad nares finit, carunculam demittit a reliqua carne figura separatam, qualis cygnis est, rostro conjunctam. Nudum plumis caput est, & ea quoque colli pars que rubescit, nisi quòd in summo capite crista est plumea atque Candida, per totam capituli longitudinem protensa: quam, cum exandescit, erigit. Sub oculis ad rostri initium per inferna inordinate macule nigrae carni sunt inductae: & una atque altera a summo oculo ad superna elevata. Oculus flavescit, separatus a reliquo capite circulo nigro.*”

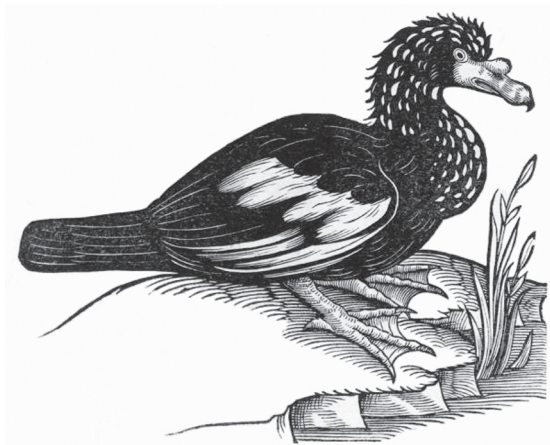


FIGURA 14: A “*Anas Indica*” (*Cairina moschata*) retratada nas “*Icones Avium Omnium*” de Conrad Gesner (1560a).

por nomes como “pato-da-guiné”, “pato-da-barbaria” e “pato-turco”, certos autores (e.g., Letard, 1950) não hesitariam em afirmar que *Cairina moschata* chegaria primeiro à África Ocidental, passando em seguida ao Oriente Médio e Europa. Apesar de o primeiro registro possível da espécie para uma localidade africana ter sido levado a cabo por volta de 1580, nada impediria a existência de introduções bem anteriores⁴⁴. De certa

*Sub extreme oculo in aversum macula est singularis, separata a 49 ceteris. Rostrum totum est caeruleum, nisi quòd in extreme macula nigrescit una. Pluma illi per totum colli processum reliquum alba. Qua corpori collum jungitur circulus est plumis niger, rara pluma alba, maculosus & inequalis, per ima angustior, per summa latior. Post eum per totum inum ventrem pluma alba est: per summum corpus fusca, sed ab circulo illo nigro pluma alba in summo divisa. Extremae alae atque cauda cum splendore virescunt, ut Cantharides. Tibiarum cutis fusca est, incisuris levibus per circuitus ducta. Membrana per intervalla digitorum pedis pallescit magis, una atque altera respersa macula fusca, incerta lege disposita, nisi in intervallo sinistri pedis, ubi sex per digiti extremi longitudinem disponuntur. Tardo gradu incedit propter corporis gravitatem. Vox illi non qualis ceteris anatibus, sed rauca, qualis faucibus humanis catarrho obsessis. Mas major est quam femina. Ea similis mari est, nisi quòd non ita variegato corporis colore est. Vivit ex caenosis aquis, & aliis quibus cetera vulgaris anas gaudet [...] De Anate Turcica sive Indica altera: Anati quidem similis est que Turcica sive Indica dicitur, sed quantitate & magnitudine corporis anserem ferè dices. Tota est Candida, nisi quòd rostrum, tibiae, atque pedes rubent, genaeque item callosa carne, & rostri tuber supra nares. Caro illi dulcis est, & vox sibilus. Sunt ejus generis quaedam colore albo & nigro variegata. In aqua vivit, locisque gaudet caenosis ut ceterae anates” no original (Caius, 1570). Embora certos autores (e.g., Letard, 1950) afirmem que *Cairina moschata* teria sido introduzido na Inglaterra no reinado de Henrique VIII (1509-1547), não está claro se o naturalista inglês viu tais exemplares em seu país de origem ou durante uma visita à Itália (Donkin, 1989).*

44 Donkin (1989) atribui à *Cairina moschata* o vago comentário feito por Duarte Lopes a Filippo Pigafetta sobre os patos domésticos encontrados na província de Bamba, Congo (“Vi sono li galli detti d’India, & galline, & oche, & anitre d’ogni maniera saluatiche, & domestiche”; vide Pigafetta, 1591).

maneira, a surpreendente observação feita por Belon de um tatu brasileiro (*Dasypodidae*) procedente da Guiné no mercado de Constantinopla (vide adiante) reforça a possibilidade de haver existido um intenso tráfico transatlântico antes de 1549. Nesse contexto, não parece de todo inusitado supor que os franceses possam ter desempenhado papel relevante na chegada do pato-do-mato em território europeu, pois navios com essa bandeira marcavam presença tanto no Brasil quanto na África já no primeiro quartel do século XVI (Bonnichon, 1998; Ogot, 1999).

4. “Do bico de uma ave das novas terras, desconhecidas dos autores da Antiguidade”⁴⁵

“Aqueles que navegam às novas terras obtêm seu lucro de todas as coisas, trazendo o que encontram de bom para ser vendido aos comerciantes. Ora, existe uma ave nesses países que possui o bico com meio pé de comprimento⁴⁶, grosso como o braço de uma criança, pontudo e negro na ponta, porém branco em todas as outras partes e um pouco chanfrado nas bordas. Ele é oco por dentro, sendo tão finamente delgado que é transparente e tênue como pergaminho – e por isso muito leve. Sua beleza faz com que se vejam vários nos gabinetes dos homens curiosos das coisas novas, porque para o restante ele não serve para nada. Nós não vimos a ave que o possui e não podemos dizer coisa alguma, exceto que suspeitamos que possa ter os pés palmados – e por isso a colocamos nesse sítio, entre as aves aquáticas. Para mostrar o que é esse bico, aqui colocamos a figura. Entre todas que temos observado, ela é a única na qual não vemos narinas⁴⁷”. (“L’Histoire de la Nature des Oyseaux”, 1555. Livro III, Capítulo XXVIII, página 184. Vide Anexo 3).

“Bico de uma ave aquática chegado das novas terras. Se alguém fizer um corpo de ave para esse bico sem volume suficiente, que decida fazê-lo à discreção, pois nós preferimos deixá-lo assim que lhe inventar um.

45 “Du bec d’vn oyseau des terres neufues, incognu aux anciens” no original (vide Anexo 3). Ausente do Livro Sagrado e da obra de autores clássicos – os “anciens” de Belon – o continente americano terminaria sendo chamado de “Novo Mundo” (“*Novus Orbis*”) pelo cronista italiano Pietro Martire de Anghiera.

46 Cerca de 15 cm.

47 “Il est seul entre tous ceux qu’auons obseruez, à qui n’ayons veu conduits pour odorer” no original. Vide Anexo 3.

Esse bico é grosso como o braço de uma criança,/ oco por dentro, transparente como vidro,/ tênue e leve, vem de terra estrangeira,/ negro na ponta e branco no resto”. (“Portraits d’oyseaux, animaux, serpens, herbes, arbres, hommes et femmes, d’Arabie & Egypte”, 1557. *Folio 40 r.* Vide Anexo 5)

A julgar pelo tamanho mencionado e sobretudo pela prancha original, Belon teria baseado sua descrição em um bico de tucanuçu, *Ramphastos toco* Statius Müller, 1776, mutilado na base (Fig. 15)⁴⁸, o que explicaria sua dificuldade de encontrar a abertura das narinas (vide adiante). Dispondo apenas desse material, o naturalista francês incluiria essa estranha “ave das novas terras” entre os seus “palmípedes”, categoria que compreende os patos, gansos, cisnes e afins (Anatidae), as gaivotas e trinta-réis (Laridae), os pelicanos (Pelecanidae) e os cormorões (Phalacrocoracidae), bem como os mergulhões (Podicepsidae) e os frangos-d’água pertencentes ao gênero *Fulica* (Rallidae)⁴⁹.

Ao contrário do que pensam alguns, Belon não seria o primeiro europeu a mencionar os Ramphastidae, grupo muito peculiar típico do neotrópico. Décadas antes, Gonzalo Fernandez de Oviedo y Valdés dedicaria o Capítulo XLII de sua “Natural Historia de las Indias” – mais conhecida como “Sumário” – ao “bicudo”, uma ave da “Terra Firme” assim chamada pelos cristãos por ter “o bico muito grande”, com “três dedos ou quase” de largura e a plumagem “muito linda e de muitas cores”⁵⁰. Apesar de reproduzida de

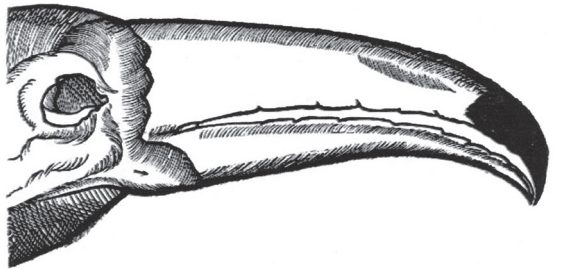


FIGURA 15: O bico de um adulto de tucanuçu (*Ramphastos toco*) comparado ao “bico de uma ave das novas terras” retratado na “Histoire de la Nature des Oyseaux” de Pierre Belon (1555). Foto Guilherme Renzo Rocha Brito (Setor de Ornitologia, Museu Nacional – UFRJ).

forma truncada por Gerolamo Cardano em 1550, a descrição de Oviedo parece ter passado totalmente despercebida até a primeira metade do século XVII, quando voltaria a ser mencionada na “*Animalia Mexicana*” do naturalista alemão Johannes Faber⁵¹.

Embora contivesse a primeira ilustração impressa relativa a um tucano, essa passagem da “Histoire de la Nature des Oyseaux” parece ter despertado pouca atenção entre os naturalistas do século XVI, sendo claramente suplantada pelo livro de André Thevet, o

48 Alcançando mais de 20 cm nos maiores exemplares, o bico de *Ramphastos toco* apresenta-se amarelo alaranjado com conspícua nódoa negra na ponta do maxilar superior e uma evidente faixa basal da mesma cor. Além de omitir essa última característica, a gravura de Belon mostra um bico com a base chanfrada e de contorno muito irregular, detalhes que sugerem um espécimen parcialmente danificado.

49 Smith (2007) aventa a possibilidade de semelhante escolha ter derivado do “bico alongado de comissuras serrilhadas, características que Belon também observou em palmípedes comedores de peixes como os pelicanos, mergansos e algumas outras espécies de patos”. Semelhante explicação, entretanto, parece-nos um tanto forçada.

50 “Picudos: Una ave hay en tierra firme que los cristianos llaman Picudo y tiene vn pico muy grande, segun la pequenez del cuerpo, el qual pico pesa mucho mas que todo el cuerpo. Este paxaro no es mayor que vna Codorniz, o poco mas, pero el bulto es muy mayor, porque tiene mucha mas pluma que carne. Su plumaje es muy lindo y de muchas colores, y el pico es tan grande como vn xeme, o mas, rebuelto para abajo, y al principio a par dela cabeça tá ancho como tres dedos o quasi: y la lengua que tiene, es vna pluma, y da grandes silvos, y haze agujeros con el pico en los aruoles, por donde se mete y cria alli dentro: y cierto es aue muy estraña, y para ver, porque es muy diferente de todas quantas aues yo he visto, assi por la lengua, que como es dicho, es vna pluma, como por su vista

y desproporcion del gran pico a respeto del cuerpo. Ninguna aue ay q quando cria este mas segura y sin temor de los gatos, assi porque ellos no pueden entrar a tomarles los hueuos o los hijos por la manera del nido: como por que en sintiendo que ay gatos se metem en su nido y tienen el pico hazia fuera, y dan tales picadas que el gato ha por bien de no curar dellos” no original (Oviedo y Valdés, 1526).

51 “Genus auium piscosum est etiã rostri magnitudine & corporis celebre in occidentali India Alcatraz dictum, cinerea, croceaque pluma distinctum, rostrum duorum palmorum in acutum tendente, cum tamen parum ab hac magnitudine absit rostrum, tum ciconiae, tũ gruus. Sed Picuto rostrum maius est toto corpore, corpus autem coturnice paulo maius. rostrum igitur longius, latum, ubi capiti iungitur tribus digitis, aduncum, quo terebrat arbores, atque ibi à caudatis simijs arte ac rostro quanquam pusillum se tuetur pulchrè. Illud in eo mirum quòd pennam habeat loco linguae, unde à natura aliarum auium multum dissidet, sibilat uehemẽter, hunc & eadem terra alit quae Alcatraz” no original (Cardano, 1550) Torna-se claro, portanto, que Cardano mescla os comentários de Oviedo sobre o “picudo” (Ramphastidae) e o “alcatraz”, *Pelecanus occidentalis* Linnaeus, 1776. Para maiores detalhes sobre a trajetória da descrição de Oviedo e sua posterior recuperação no “*Animalia Mexicana*” de Faber (1628), vide o fundamentado artigo de Smith (2007).

qual trata os Ramphastidae como voláteis “maravilhosamente disformes e monstruosos” pelo bico desmesurado. Mais adiante, esse autor oferece uma crítica sobre os comentários de Belon ao acrescentar que os tucanos – conforme demonstrava sua própria experiência – habitavam as matas e viviam de frutos, não sendo em absoluto aves aquáticas, conforme “podem pensar alguns”⁵². De forma mais velada, tal divergência prosseguiria na prancha anexa, que representa um exemplar de bico gigantesco provido de uma inusitada narina próxima à comissura do maxilar superior (Fig. 16), sutil referência ao fato de Belon não ter encontrado orifícios nasais em seu exemplar⁵³. Sem maiores esclarecimentos, esse curioso equívoco desapareceria na versão dessa prancha publicada na “Cosmographie Universelle” (Fig. 17), cujo texto secunda os reparos a Belon quase com as mesmas palavras encontradas nas “Singularitez de la France Antarctique”, além de fornecer observações mais extensas sobre os Ramphastidae do Novo Mundo e sua importância como fonte de plumas e item cobiçado pelos “gabinetes de curiosidades” quinhentistas⁵⁴. Pierre Belon,

52 “Sur la coste de la marine, la plus frequēte marchandise est le plumage d’vn oiseau, qu’ils appellent en leur langue *Toucan*, lequel descristons sommairement, puis qu’il vient à propos. Cest oiseau est de la grandeur d’vn pigeon. Il y en a vne autre espece de la forme d’vne pie, de mesme plumage que l’autre: c’est à sçavoir noirs tous deux, hors-mis autour de la queue, ou il y a quelques plumes rouges, entrelacées parmy les noires, soubz la poitrine plume iaune, enuirió quatre doigts, tant en longueur que largeur: & n’est possible truer iaune plus excellēt que celuy de cest oiseau: au bout de la queue il a petites plumes rouges cōme sang. Les Sauuages en prēnent la peau, à l’endroit qui est iaune, & l’accommodēt à faire garnitures d’espees à leur mode, & quelques robes, chapeaux, & autres choses. J’ay apporté vn chapeau fait de ce plumage, fort beau & riche, lequel a esté presenté au Roy, comme chose singuliere. Et de ces oiseaux ne s’entrouue sinon en nostre Amerique, prenant depuis la riuere de Plate iusques à la riuere des Amazones. Ilz s’en trouue quelques vns au Peru, mais ne sont de si grande corpulēce que les autres. A la nouuelle Espagne, Floride, Messique, Terre neuue, il ne s’en trouue point, à cause que le país est trop froid, ce qu’ils craignent merueilleusemēt. Au reste cest oiseau ne vit d’autre chose parmy les bois ou il fait sa residence, sinon de certains fruitz provenans du país. Aucuns pourroient penser qu’il fust aquatique, ce qui n’est vray semblable, comme j’ay veu par experience. Au reste cest oiseau est merueilleusement difforme & monstrueux, ayant le bec plus gros & plus long quasi que le reste du corps” no original (Thevet, 1557).

53 Nos tucanos, as narinas são bastante discretas e estão situadas na base do cúlmen. Thevet tampouco respeita a disposição zigodáctila encontrada nos pés dos Ramphastidae, equívoco que influenciaria outros autores quinhentistas. Para outros detalhes, vide Smith (2007).

54 “Or entre les plumages les plus frequens, desquels ils font trafic, eft celuy d’vn oiseau qu’ils appellent *Toucan* en leur langue, duquel ie vous feray maintenant la description, come aussi ie vous en donneray cy apres le pourtraict selon le naturel. Cest oiseau est de la grandeur d’vn pigeon, & encor vne autre espe-

entretanto, parece tentar reagir às opiniões contrárias em seu “Portraits d’oiseaux, animaux, serpens, herbes, arbres, hommes et femmes, d’Arabie & Egypte” de 1557, pois republica sua gravura da cabeça de um tucano acompanhada pela ácida observação de que “se

ce, comme vne Pie, tous les deux de mesme plumage, a sçavoir tous noirs, sauf le bout de la queue, ou ils ont quelques plumes aussi rouges que sang, entrelacées parmy les noires: mais soubz la poitrine leur plume est iaune enuiron quatre doigts, tant en longueur qu’en largeur: & est ce iaune si fin, pur & excellent, que il eft impoffible de trouuer couleur plus viuē. Les Sauuages ont bien l’industrie d’escorcher ces oiseaux, & mesmement où est ce pennage iaune, lequel ils accommodent à faire des garnitures d’espee à leur mode, & quelques robes & chapeaux, & plufieurs autres choses de plaisir. L’apportay en France vn chapeau riche & fort beau, fait de ce plumage, lequel ie presentay au feu Roy Henry second du nom, comme chose rare & singuliere, digne d’estreadmiree, veu la gentillesse de l’oeuvre, où ces Sauuages font le tissu du plumage si mignōnement avec leur filet d’escorce d’arbre, que à grand peine le scauroit on faire plus proprement par deça à tout le fil de soye. Au reste, il ne se trouue de ces oiseaux, sinon vers le Cap de Frie, & où nous estions sur la riuere de *Ianaire*, prenant neantmoins le cours du país, depuis la riuere de *Plate*, iusques à celle de *Dorlane*. Il est vray, qu’il s’en trouue quelques vns au Peru, mais beaucoup plus petits que les autres. D’en voir en Mexique, Terre neufue, ou à la Floride, n’en faut point parler, à cause que le pays n’y est de telle temperature, & que cest oiseau ne scauroit viuere parmy la froidure, quil craint merueilleusement. Ce *Toucan* est tres monstrueux & difforme, entant qu’il a le bec plus gros & long presque que tout le reste du corps: & n’est point aquatique, comme plusieurs l’ont pensé, car il en ay veu l’experience au contraire, d’autant qu’il se recule tousiours le plus qu’il peut des riuieres. Cest oiseau ne vit que de certains fruitz parmy les boys, où il fait ordinairement sa residence, & mange aussi de certain poiure long & rouge, duquel se trouuent deux especes, l’vn plus long que l’autre, & le plus petit est fait tout ainsi qu’vne fraise, vn peu toutesfois plus pointu, & se nomme *Quēin Apoūa*: le plus grand s’appelle en leur patois *Quēin Boucoup*. De ce poiure se nourrit non seulemēt le *Toucan*, ains encor vn autre oiseau, que les Sauuages appellent *Suiiath*, lequel est de la grandeur d’vn Merle, duquel s’en voyent deux especes, l’vn tout noir, & l’autre aussi finement rouge que Escarlatte, tel que encor l’en ay dans mon Cabinet diuerses peaux que ce peuple escorche. Quand ces oiseaux ont mangé de ce poiure, en quelque lieu qu’ils fientent, soit sur vn rocher ou ailleurs, ceste matiere, bien digeree & cuite, ou non, ne faudra de prendre en terre, & se conuertir en herbe, tout ainsi que si lon y auoit semé de ce mesme poiure sunommé, & deuiet ceste herbe, haulte d’vne couldee & demye, & dauantage quelquefois. Le *Toucan* encor vit d’vn fruit nommé *Ieravna*, qui croist en vn certain arbre, à la façon d’vn pruneau verd, & est ce fruit tout rond. L’arbre qui le porte est assez gros & grand, & tout espineux, tirant sur le noir, & est dur à merveilles: & pour telle dureté plusieurs Sauuages en font des fleches. Ses feuilles sont semblables à celles d’vn Palmier, sans nulle difference. Ils en mangent par faute d’autre pasture, à cause que le goust n’en est guere delectable. L’apportay trois becs de ces *Toucans* venant par deça, qui me furent donnez des Sauuages, avec plusieurs autres plumages et peaux de diuers oiseaux, & icelles de couleurs diuerses, les vnēs rouges comme escarlatte, les autres iaunes comme Or, & aucunes asurees, comme le plus fin turquin que homme vit oncques, & de plusieurs autres sortes & couleurs” no original (Thevet, 1575).

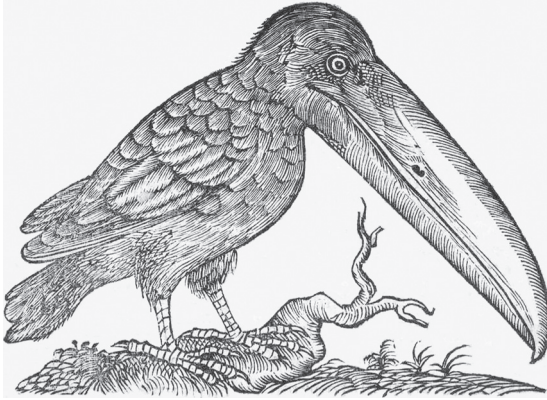


FIGURA 16: O “toucan” (Ramphastidae) retratado nas “Singularitez de la France Antarctique” de André Thevet (1557).

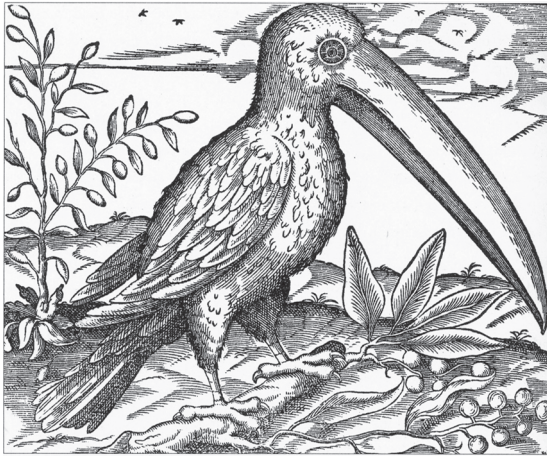


FIGURA 17: O “toucan” (Ramphastidae) retratado na “Cosmographie Universelle” de André Thevet (1575).

alguém fizer um corpo de ave para esse bico sem volume suficiente, que decida fazê-lo à discreção, pois nós preferimos deixá-lo assim que lhe inventar um” (vide Anexos 3 e 5).

As ilustrações de Thevet terminariam por exercer decisiva influência sobre a iconografia zoológica do século XVI, estando presente até em mapas como o “*Brasilía et Peruvia*” lançado por Cornelis de Jode em 1593 (Fig. 18). Semelhante prestígio mostrar-se-ia suficiente para que Ambroise Paré reproduzisse a ilustração da “*Cosmographie Universelle*” mesmo tendo embalsamado um tucano recém-chegado das “terras novas” para Charles IX (Fig. 19)⁵⁵. Uma notável exce-

55 “Thevet en sa *Cosmographie* dict qu’il a veu aux terres neuves vn oiseau que les sauages appellent en leur gergon Toucan, lequel est fort monstreux & difforme, entant qu’il a le bec plus gros & plus long que tout le reste du corps. Il vit & mange de poiure, comme nos tourtes, merles & estourneaux font icy de grene de lierre, qui n’est point moins chaude que le poiure. Vn gentilhomme Prouençal en fait present d’vn au feu Roy Charles neufiesme ce qu’il ne peut faire vif, car en l’apportant

ção pode ser encontrada nas “*Icones Avium*” de Conrad Gesner (1560a), pois embora o texto de sua “*Pica Bressillica*” faça diversas referências a Thevet, a figura correspondente não passa de uma montagem que reúne um autêntico bico de tucano com um corpo fictício (Fig. 20). Grosso modo, este último recorda a imagem da “*Cosmographie Universelle*”, enquanto o bico lembra aquele retratado na prancha de Belon⁵⁶.

5. “Da pega do Brasil”

“Não possuindo autoridade bastante de poder impor um nome francês a uma ave que não possui nenhum, parece ser suficiente deixá-lhe aquele que ouvimos dizer por aqueles que a trouxeram, os quais a denominaram de pega do Brasil. Tal como a pega (que é toda negra nas partes inferiores do corpo, só tendo branco sob as asas e no baixo ventre), esta ave (cuja corpulência é um pouco menor que a da pega) é igualmente toda negra, exceto por uma linha amarela que há sob as asas (como aquela de uma pega, que a possui branca) e também é toda amarela para além da metade do dorso até o uropígio e parte da cauda. Por outro lado, é de um negro muito acentuado nas coxas, embaixo no ventre e na cabeça. Tem o bico agudo, alongado e pontudo, branco e cinzento. Suas pernas e pés são negros com unhas bem fortes e curvadas, motivo pelo qual poderia se pensar tratar-se de ave de rapina, não fosse o fato de que seu bico não é adunco. No todo é uma ave muito bela, algo maior que um melro⁵⁷ e muito distinta da pega, pelo que representamos aqui sua figura. Os autores da Antiguidade não a conheciam, pois nós a

mourut neantmoins le presenta au Roy: le quel apres l’auoir veu commanda à Monseigneur le Mareschal de Rets, me bailler pour l’anatomiser & embaumer à fin de le mieux cōseruer: toutesfois bien tost apres se putrefia. Il estoit de grosseur & plumage à vn Corbeau, reste que le bec estoit plus grand que le reste du corps de couleur iaunastre transparent, fort leger, & dentelé en maniere de scye. Je le garde comme vne chose quasi monstreuse. La figure duquel t’est icy representé” no original (Paré, 1579).

56 Entretanto, esse bico teria sido enviado por um certo Giovanni Ferrerio do Piemonte (“*Pica Bressillica, cuius rostrus Io Ferrerius Pedemontanus summae eruditionis uir me donauit*”, vide Gesner, 1560a). Ainda que Thevet afirme ter remetido para Gesner um bico de tucano aproveitado nas “*Icones Avium*” (“je luy envoyay [...] un bec de de l’oiseau *Tocan*, long d’un pied, et grosse comme le bras d’un homme, encor que cét oyseau ne soit non plus gros qu’un pigeon, qu’il a mis dans son livre de bestes, qu’il a fait cinq ans devant que mourir”; Thevet in Laborie & Lestrington, 2006), não existe qualquer referência a esse respeito na obra do naturalista suíço.

57 “Merle” no original. Vide Anexo 3 e nota 84.



FIGURA 18: O tucano (Ramphastidae) retratado no “*Brasilia et Peruvia*”, mapa de Cornelis de Jode (1593).

trouxemos recentemente do Brasil”. (“L’Histoire de la Nature des Oyseaux”, 1555. Livro VI, Capítulo IX, páginas 292-293. Vide Anexo 3).

“Tanto é bela e gentil esta ave,/ quanto nossa pega, exceto pelo negro/ que se faz ver muito mais em seu corpo./ Por isto tem o nome de pega do Brasil”. (“Portraits d’oiseaux, animaux, serpens, herbes, arbres, hommes et femmes, d’Arabie & Egypte”, 1557. Folio 71 v. Vide Anexo 5).

A ilustração e o texto de Belon apontam para um xexéu, *Cacicus cela* (Linnaeus, 1758), espécie de ampla distribuição na América do Sul que o autor compara à pega européia, *Pica pica* (Linnaeus, 1758), denominando-a “pega do Brasil”⁵⁸. Apesar da pouca semelhança encontrada entre os Icteridae neotropicais e os Corvidae do Velho Mundo, os xexéus seriam relacionados às pegas com certa frequência durante os

58 “Pie de Bresil” no original (vide Anexo 3). Outras passagens da “Histoire de la Nature des Oyseaux” deixam claro que “pie” seria a pega européia.

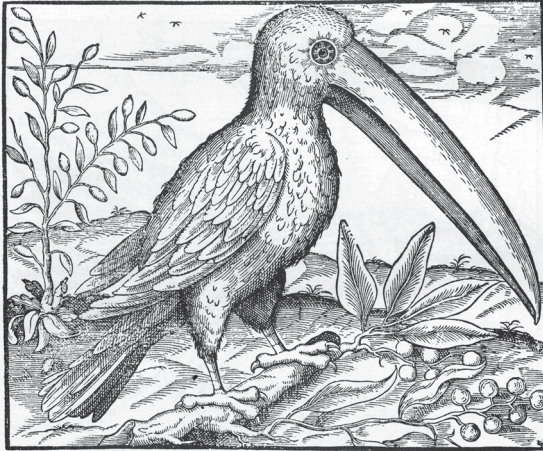


FIGURA 19: O “toucan” (Ramphastidae) retratado em “Les Oeu-vres” de Ambroise Paré (1579).

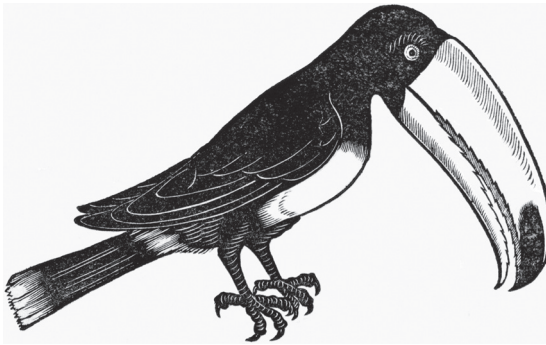


FIGURA 20: A “Pica Bressillica” (Ramphastidae) retratada nas “Ico-nes Avium” de Conrad Gesner (1560a).

séculos XVI e XVII. De fato, a primeira citação nesse sentido parece caber a Pero Vaz de Caminha, que em sua famosa carta refere-se a “aves pretas quase como pegas, senão quanto tinham o bico branco e os rabos curtos”⁵⁹. Mais de um século depois, durante a ocupação holandesa do Nordeste do Brasil, algumas fontes também associariam *Cacicus cela* a “pegas”⁶⁰, uso que perdura na língua portuguesa até os dias de hoje para representantes como *Cacicus chrysopterus* (Vigors, 1825) e *Icterus cayanensis* (Linnaeus, 1766)⁶¹.

Apesar de serem mantidos como xerimbabos por sua plumagem vistosa e comportamento elaborado, os Icteridae não teriam despertado grande atenção entre

os cronistas do século XVI. No entanto, as “Coisas mais notáveis do Brasil”, manuscrito quinhentista frequentemente atribuído ao jesuíta Francisco Soares, faz uma provável referência a *Cacicus cela* ao assinalar a existência de “japus [...] pretos pelo corpo e amarelos nas asas e encontros” que criariam “nos mais delgados ramos das árvores e fazem uns sacos de musgo e assim estão dependurados por amor das cobras e de outras coisas”⁶².

6. “Dos papagaios e periquitos”

“O papagaio é também chamado periquito, mas tal nome lhe é imposto por causa de sua pronúncia”⁶³. Nós conhecemos atualmente mais espécies de aves vindas de países longínquos que no passado, pois a terra tornou-se muito mais frequentada pelas navegações do que antes. Isso é evidente pelas diversas espécies de papagaios que nós estamos agora a trazer tanto do Brasil quanto de outros lugares. Aqueles de antigamente também nomeavam de Índia o que nós chamamos hoje de Brasil⁶⁴. Plínio, no quadragésimo segundo livro da “*Historia Naturalis*”, escreveu: “As aves imitam, além de tudo, as vozes humanas e os papagaios, de fato, na verdade falam. Esta ave procede da Índia e ali a chamam de *psittacus*. Seu corpo é todo verde, distinguindo-se apenas um colar avermelhado no pescoço”⁶⁵. De maneira que o papagaio descrito por Plínio –

62 “Saõ pretos pello corpo e amarelos nas azas e emcôtros as penas do Rabo grâdes estes saõ m^o estimados e a pena pera remate de suas carapuças por ser fina ha os nos Jlheos e criaõ em os mais delgados Ramos das aruores e fazẽ hũs sacos de musgo e assi estaõ dependurados por amor das cobras e doutras cousas e assi saõ os mais dos ninhos dos passaros do brazil” no original. Vide Cunha (1966).

63 “Le Papegay est aussi nommé vn Perroquet: mais tel nom luy à esté imposé à cause de sa prononciation” no original (Vide Anexo 3).

64 “Lon trouue que les anciens nommoient aussi Indie, ce que nous appellons maintenât le Bresil” no original (vide Anexo 3). Em meados do século XVI, ainda restavam muitas dúvidas sobre a separação da Ásia e o Novo Mundo, detalhe capaz de explicar a curiosa assertiva do autor. Não obstante, vale lembrar que as “Índias Ocidentais” – o continente americano – eram totalmente desconhecidas na Antiguidade (vide nota 45).

65 “*Super omnia humanas voces reddunt Psittaci, quidam etiam sermocinantes. India hanc auem mittit. Psittacem vocat viridem toto corpore, torque tantum miniato in ceruice distinctam*” no original (vide Anexo 3). Ao longo dos séculos, a “*Historia Naturalis*” seria objeto de incontáveis versões, detalhe que explica as distintas referências fornecidas pelos vários autores. Nas edições mais recentes (e.g., Plínio, 1979-1984), tal sentença pertence ao Livro X e apresenta algumas poucas diferenças: “*Super omnia humanas voces reddunt, psittaci quidem etiam sermocinantes. India hanc auem mittit, siptacem vocat, viridem toto corpore, torque tantum miniato in cervice distinctam*”.

59 “Aues pretas casy como pegas se nõ quãto tijnham obico bramco eos Rabos curtos” no original (vide Teixeira & Papavero, 2006).

60 Em seu famoso “Thierbuch”, Zacharias Wagener utilizaria “Aglaster”, mera variante de “Agalaster”, forma bastante arcaica de “Elster”, nome alemão de *Pica pica*. Para maiores detalhes, vide Grimm & Grimm (1854) e Teixeira (1997, 1998a).

61 Vide Clerot (1959), Fernandes *et al.* (1991), Goeldi (1894), Ihering (1940), Pinto (1944), Vieira (1936) e Wied-Neuwied (1831-1833).

o qual nunca vimos senão em pintura – possuía um colar vermelho. Contudo, atualmente nós conhecemos papagaios grandes e pequenos, cinzentos, vermelhos e de diversas outras cores, os quais se tornaram tão notórios que oferecemos apenas a figura de um dos grandes e – consequentemente – de um pequeno. Assim como são diferentes em cor e cores, também são trazidos de diversos países. O mais admirável, porém, é que tenham vozes distintas, pois uns possuem-na áspera e outros agradável.

Nós descrevemos o papagaio antes dos pica-paus verdes⁶⁶, pois eles também possuem as pernas curtas e os dedos dos pés divididos ao meio – dois para frente e dois para trás. Também seguram seu alimento com um pé alçado no ar e levam-no ao bico à maneira das aves de rapina. Plínio, no quadragésimo segundo capítulo do décimo livro da “*Historia Naturalis*”, quase segue o que Aristóteles falou do papagaio no duodécimo capítulo de seu nono livro dos animais, tendo dito: “Como também é a ave da Índia cujo nome é ‘psittacus’, conforme eles falam⁶⁷. Aristóteles parece não tê-lo visto nunca, pois se ele o houvesse visto, não teria escrito “conforme eles falam⁶⁸. Nesse texto, onde ele coloca “torna-se ainda mais insolente após beber vinho⁶⁹, Plínio diz “especialmente lascivo sob os efeitos do vinho⁷⁰. Os selvagens do Brasil, que possuem grande habilidade em atirar bem com arco, têm flechas muito longas em cuja extremidade colocam uma borla de algodão, a

fim de que – ao atirar nos papagaios – possam abatê-los sem feri-los, para que não deixem de se recuperar depois de aturdidos pelo golpe⁷¹. A natureza deu-lhes um forte bico para quebrar as cascas dos duros frutos dos quais vivem quando em liberdade, mas cativos comem toda a sorte de alimentos que lhes seja oferecido. Assim como é voz comum que a semente do heléboro não faz mal quando comida pelas codornas⁷², nem aquela da cicuta aos estorninhos⁷³, também os papagaios podem nutrir-se comodamente da semente de *Carthamus* que, no entanto, serve de purgante ao homem⁷⁴. Os papagaios cinzentos são os maiores. Aqueles que são entremeados de vermelho são os medianos, mas os verdes são os menores, não possuindo outra cor sobre eles que a da verdura. Têm a cauda muito longa e não excedem um estorninho em corpulência. Existem diferenças entre eles, sendo os maiores chamados de papagaios e os outros de periquitos, que são pequenos e verdes”. (“L’Histoire de la Nature des Oyseaux”, 1555. Livro VI, Capítulo XII, páginas 296-298. Vide Anexo 3).

“Os papagaios, que de periquitos são chamados,/ são diferentes na cor e tamanho./ Estimam-se como aves de grande valor,/ por serem instruídos na linguagem do homem”. (“Portraits d’oyseaux, animaux, serpens, herbes, arbres, hommes et femmes, d’Arabie & Egypte”, 1557. Folio 73 r. Vide Anexo 5).

“Este periquito, que é verde com a cauda/ longa, não excede no porte o estorninho./ Não se sabe como encontrar um mais bonito,/

66 “Pics verds” no original (vide Anexo 3). Belon distingue o “pic vert, le plus grand” *Dryocopus martius* (Linnaeus, 1758), o “pic verd rouge”, *Dendrocopos major* (Linnaeus, 1758), e o “pic verd” ou “pic verd jaune”, *Picus viridis* Linnaeus, 1758. Parece razoável supor que o texto pretenda mencionar essa última espécie.

67 “*Nam & Indica avis, cui nomen Psittace, quam loqui aiunt*” no original. Trata-se da tradução latina de parte dos comentários de Aristóteles sobre o formato da língua e a capacidade de imitação das aves em geral, sentença que se encontra transcrita em grego logo abaixo da gravura do “Papegauta” existente na página 296 (vide Anexo 3). A exemplo do que ocorre com a “*Historia Naturalis*” (vide nota 65), a “*História dos Animais*” também seria objeto de inúmeras versões, detalhe que explica as distintas referências fornecidas pelos vários autores. Nas edições mais recentes (e.g., Aristóteles, 1965-1991), tal frase pertence ao Livro VIII.

68 “*Quem loqui aiunt*” no original, trecho com óbvio erro tipográfico (vide nota anterior). Ao contrário do que pretende Belon, essa passagem em absoluto sugere que Aristóteles não teria visto um periquito-de-coleira.

69 “*Loquacior, cum biberit vinum, redditur*” no original. Excerto do Livro VIII da “*História dos Animais*” (vide nota 67).

70 “*In vino praecipue lasciuu*” no original. Excerto do Livro X da “*Historia Naturalis*” (vide nota 65).

71 Talvez a primeira alusão às flechas especiais empregadas pelos tupinambás para capturar aves vivas, artefato engenhoso que despertaria a atenção de vários cronistas. O trecho em questão ajuda a demonstrar como as informações sobre os indígenas brasileiros já circulavam na França durante a primeira metade do século XVI.

72 “Et tout ainsi comme le commun bruit est, que la semence de l’Hellebore ne nuit aux Cailles, quand elles en mangent” no original (vide Anexo 3). Enquanto a “caille” de Belon não passa da codorna européia, *Coturnix coturnix* (Linnaeus, 1758), o “hellebore” apresenta-se bem mais difícil de identificar. Parece razoável, contudo, que o naturalista francês tivesse a intenção de mencionar algum representante do gênero *Helleborus* (Ranunculaceae), grupo bem conhecido por apresentar diversas espécies venenosas.

73 “La Cicuë aux Estourneaux” no original (vide Anexo 3). Breve alusão ao estorninho-comum, *Sturnus vulgaris* Linnaeus, 1758, e à cicuta, *Conium maculatum* (Apiaceae).

74 “Aussi les Papegaux peuuent estre nourriz commodement de la semence de *Carthamus*, qui toutesfois est au lieu de purgation à l’homme” no original (vide Anexo 3). Provável alusão ao cártamo, *Carthamus tinctorius* (Asteraceae).

embora existam muitas espécies conhecidas”. (“Portraits d’oyseaux, animaux, serpens, herbes, arbres, hommes et femmes, d’Arabie & Egypte”, 1557. *Folio 73 v.* Vide Anexo 5).

De natureza bastante geral, o texto não permite identificar a que “papagaios do Brasil” o autor pretendia referir-se. Não obstante, Belon menciona de bastante clara o periquito-de-coleira, *Psittacula krameri* (Scopoli, 1769), espécie da África tropical e sul da Ásia conhecida desde a Antiguidade e que durante muito tempo parece ter sido o único representante dos Psittacidae familiar aos europeus, tendo sido figurada em numerosas fontes romanas e medievais⁷⁵. A breve referência a “papagaios cinzentos” de maior porte, porém, diria respeito ao papagaio-do-congo, *Psittacus erithacus* Linnaeus, 1758, variedade da África centro-oriental que começaria a chegar em bom número na Europa graças às navegações dos séculos XV e XVI⁷⁶.

Numerosos a ponto de cobrirem os céus⁷⁷, os papagaios, araras, periquitos e afins foram – em maior ou menor grau – mencionados por praticamente todos os cronistas do século XVI. De fato o primeiro registro de um Psittacidae brasileiro caberia a Pero Vaz de Caminha, cuja carta menciona “papagaios vermelhos, muito grandes e formosos” obtidos com os nativos, uma clara alusão à arara-vermelha, *Ara chloropterus* Gray, 1859. Essas exuberantes araras-vermelhas logo se afirmariam como a mais surpreendente de todas as “maravilhas” trazidas pela frota de Cabral, destacando-se a ponto de transformar a recém-descoberta “Terra de Santa Cruz” em “Terra dos Papagaios”, expressão vinda à luz pela primeira vez na carta de Giovanni Matteo Camerini, “il Cretico”, datada de 27 de

junho de 1501 (Greenlee, 1938; Teixeira & Papavero, 2006)⁷⁸. Além de copiosas citações em manuscritos e crônicas impressas⁷⁹, essas aves apareceriam nos mapas como elementos característicos da região, prática extensível a diversos representantes típicos de outras biotas ao redor do globo (*teste* George, 1969). Apesar de envolver figuras demasiado estilizadas, uma relação desse tipo pode ser percebida no chamado “Atlas Miller” de Lopo Homem (1519: Biblioteca Nacional da França, Paris), atingindo sua plenitude com o belotrio de araras-vermelhas que ornamenta o litoral brasileiro no famoso “Planisfério de Cantino” (1502)⁸⁰.

A julgar por fontes iconográficas, tanto a supracitada arara-vermelha quanto o papagaio-verdadeiro, *Amazona aestiva* (Linnaeus, 1758), já eram conhecidos na Europa durante a primeira metade do século XVI. Todavia, o chamado “Regimento da Nau Bretoa”, manuscrito datado de 1511, não só aponta para uma maior variedade de espécies como sugere que o tráfico de animais já era algo plenamente estabelecido no começo do século XVI⁸¹. Ao lado de elementos autorizados pela Coroa portuguesa, o lucrativo comércio de animais também despertaria o interesse dos aventureiros franceses atraídos pelos “paus-de-tinta”, fato

75 As fontes clássicas são unânimes em mencionar que os “psittacus” seriam originários da “Índia”, embora Plínio faça referência a exemplares obtidos durante a expedição enviada por Nero à Etiópia (Toynbee, 1973; Pollard, 1977). Presentes em mosaicos e murais, os periquitos-de-coleira continuariam presentes em textos e imagens ao longo da Idade Média e Renascimento, inspirando desde poemas e bestiários até pinturas religiosas, pois acabariam sendo relacionados à Anunciação por sua capacidade de reproduzir a fala humana (Boehrer, 2004; Rowland, 1978; Verdi, 2007; Walker-Meikle, 2012; Werness, 2006; Yapp, 1982).

76 Desconhecido dos autores greco-romanos (Toynbee, 1973), o papagaio-do-congo acabaria por se tornar um animal de estimação bastante comum no tempo das grandes navegações, sendo levado para a Europa em bom número a partir da África ocidental (Ferronha *et al.*, 1993; Lloyd, 1971).

77 No final do século XVI, o jesuíta Fernão Cardim escreveria que “os papagaios nessa terra são infinitos, mais que as gralhas, zorzais, estorninhos, nem pardaes na Espanha” (Cardim, 1939). Décadas mais tarde, essa opinião seria reforçada pela afirmativa de Guilherme Piso de não haver “em nenhuma parte [...] tanta cópia de papagaios como no Brasil”, estando “os bosques [...] repletos deles” (Piso, 1658).

78 “Di sopra dal capo de Bonasperanza uerso garbi hanno scoperto una terra noua la chiamano de li Papaga: per esser gene di longeza de brazzo .i. & mezo de uarii colori: de li quali ne hauemo uisto doi” no original (vide Teixeira & Papavero, 2006).

79 O indisfarçável entusiasmo de Caminha por esses “formosos papagaios vermelhos” encontra paralelo em vários outros relatos de época, pois o colorido e o porte das araras do Novo Mundo superava, por larga margem, aquele dos psittácidas africanos e asiáticos até então conhecidos dos europeus, constituindo um presente digno da realeza caso se considere que animais exóticos desse tipo podiam custar quantias vultosas, muitas vezes equivalentes a vários meses de trabalho de um artesão especializado (Teixeira, 1998b, 1999). Reflete tal prestígio o fato de as variedades neotropicais logo terem surgido em trabalhos de artistas do século XVI, cabendo ressaltar a arara-vermelha – talvez *Ara macao* (Linnaeus, 1758) – figurada no dístico de Lucas Cranach intitulado “Retrato do Casal Cuspinian”, pintura concluída em Viena entre 1502 e 1503 (Sick, 1984).

80 Essa carta geográfica na verdade retrata três araracangas, *Ara macao*, detalhe revelador da dificuldade do artista em discernir as duas araras de grande porte e plumagem escarlate existentes no Novo Mundo. Sedimentado no século XVII, tal engano deveria sustentar-se por mais de 300 anos, sendo desfeito com a descrição de *Ara chloroptera* como espécie independente em meados do século XIX (Gray, 1859; Teixeira, 1997).

81 Depositado nos arquivos da Torre do Tombo, Lisboa, o “Regimento da Nau Bretoa” relata a viagem que a embarcação assim nomeada realizou ao Brasil, entre 22 de fevereiro e 22 de outubro de 1511, em busca de uma partida de “paus-de-tinta”, exploração arrendada na época a particulares. Além da madeira de tinturaria, a “Bretoa” levaria para o Reino 35 escravos indígenas e nada menos de 72 animais, sendo 22 periquitos, 16 gatos, 16 sagüis, 15 papagaios e três macacos. Para maiores detalhes, vide Baião (1923), Teixeira & Papavero (2010) e Varhagen (1857).

explícito no texto de Belon. Mais numerosas do que podem parecer a princípio, tais investidas encontram-se bem exemplificadas pelo episódio da nau “La Pélerine”, talvez o mais famoso caso de contrabando da nossa história colonial. Capturada por um navio português em setembro de 1531, a “Pélerine” transportava, entre vários produtos da terra, 3.000 peles de “leopardos” (*i.e.*, de onças-pintadas, *Panthera onca*) e de outros animais, 600 papagaios “já acostumados à nossa língua” (*i.e.*, o francês) e 300 macacos, o que reflete o grande interesse despertado pela fauna exótica nos países situados à margem das navegações ibéricas⁸².

7. “Do melro do Brasil”

“Aqueles que fazem o tráfico de mercadorias das novas terras não perdem a ocasião de reunir as singularidades que pretendem vender por aqui. Mesmo que não possam trazer as aves daquele país vivas em seus navios, escorçam-nas para obter as peles, principalmente aquelas que possuem as mais belas cores. Entre estas está a que descrevemos agora, da qual os marinheiros obtêm seus lucros e lhe dão o nome de melro do Brasil. Ela não é maior que um melro e tem as plumas de todo o corpo, exceto as da cauda e asas (que são de um belo negro), mais vermelhas que qualquer outro vermelho. É impossível que o engenho humano pudesse produzir um colorido vermelho que não fosse apagado quando comparado ao de suas plumas. Sua cauda é longa, seus pés e pernas são negros. Seu bico é curto – à figura daquele de um pardal⁸³ – e suas

plumas vermelhas são negras na base. Houve poucas que chegaram vivas até nossas costas, mas encontram-se várias peles inteiras que podem ser comparadas com a gravura que damos aqui, tão perfeita como se a ave estivesse cheia de vida”. (“L’Histoire de la Nature des Oyseaux”, 1555. Livro VI, Capítulo XXVI, página 319. Vide Anexo 3).

“A cor vermelha nessa ave singela,/ faz diferir dela todas as outras./ Como o original, eu creio ser este,/ que está em tudo igual a um melro vivo”. (“Portraits d’oiseaux, animaux, serpens, herbes, arbres, hommes et femmes, d’Arabie & Egypte”, 1557. Folio 80 r. Vide Anexo 5).

Trata-se do macho do tiê-sangue, *Ramphocelus bresilius* (Linnaeus, 1766), pássaro de vistosa plumagem rubra assinalado da Paraíba a Santa Catarina, sendo encontrado na borda de florestas, capoeiras, restingas e até mesmo em terrenos de cultivo (Hoyo *et al.*, 2011; Isler & Isler, 1987; Sick, 1985). Podendo atingir 19 cm de comprimento, *Ramphocelus bresilius* é menor que o melro europeu, *Turdus merula* Linnaeus, 1758, representante dos Thraupidae capaz de alcançar até 29 cm, o que justifica o comentário de Belon⁸⁴.

A flamante aparência dos machos do tiê-sangue despertaria a atenção de alguns cronistas do século XVI, os quais chegariam a comparar seu colorido ao do escarlate⁸⁵ ou ao sangue-de-dragão⁸⁶. Apesar de

se depreende de várias passagens da “Histoire de la nature des Oyseaux” (Belon, 1555e, 1555f).

82 Com a discreta licença do Rei de França e tendo como armador Bertrand d’Ornessan – Barão de Saint-Blancard e comandante da esquadra gaulesa no Mediterrâneo – a “Pélerine” deixaria Marselha em dezembro de 1530 com a missão de estabelecer uma praça-forte no Brasil. Após arrasar a feitoria existente na foz do Rio Igarapé, Pernambuco, em março de 1531, os invasores ergueriam uma nova fortaleza na Ilha de Itamaracá, zarpando de volta à França em julho desse mesmo ano. Em setembro de 1531, porém, a “Pélerine” seria capturada por um navio português ao largo de Málaga, Espanha, ação contestada em juízo pelo Barão de Saint-Blancard. Graças a essa contenda, sabe-se que a carga da “Pélerine” compreendia 5.000 quintais de pau-brasil (*ca.* 300 toneladas) cotados em 40.000 ducados, bem como trezentos quintais de algodão (*ca.* 1,8 toneladas), sementes diversas, amostras de minérios e óleos medicinais avaliados em 904.900 ducados. Como se não bastasse, a embarcação transportava 3.000 peles de “leopardos” e de outros animais no valor de 9.000 ducados, 600 papagaios estimados em 3.600 ducados e 300 macacos valendo 1.800 ducados. Para maiores detalhes, vide Carvalho (1909), Sanceau (1956), Simonsen (1937), P.L. de Sousa (1927) e Souza (1939).

83 “Moyneau” no original (vide Anexo 3). Embora Belon atribua esse nome a diversas espécies, trata-se provavelmente do “moyneau de ville”, *Passer domesticus* (Linnaeus, 1758), conforme

84 Belon utiliza “merle” para nomear tanto representantes dos Turdidae quanto dos Muscicapidae, distinguindo o “merle au collier”, *Turdus torquatus* Linnaeus, 1758, o “merle noir”, *Turdus merula* Linnaeus, 1758, e o “merle azul”, *Monticola solitarius* (Linnaeus, 1758), além de mencionar como “merle blanc” os indivíduos albinos de *Turdus merula*. Parece razoável supor que o texto pretenda referir-se a essa última espécie (vide Belon, 1555e, 1555f).

85 Thevet (1575) fala de “vn autre oiseau, que les Sauvages appellent *Suiiath*, lequél est de la grandeur d’vn Merle, duquel s’en voyent deux especes, l’un tout noir, & l’autre aussi finement rouge que Escarlatte, tel que encor i’en ay dans mon Cabinet diuerses peaux que ce peuple escorche”, enquanto Léry (1578) de “vn autre [oiseau] de la grosseur d’vne Grive qu’ils nomment *Quiampian*, lequél sans rien excepter a le plumage auisi entierement rouge qu’escarlate”. “*Quiampian*” talvez não passe de uma cacografia de “guirá-pitanga”, enquanto “grive” seria equivalente a “tordo”, nome português aplicável a diversos representantes do gênero *Turdus* que não ultrapassam os 27 cm de comprimento, entre os quais *Turdus pilaris* Linnaeus, 1758, *Turdus philomelos* Beheim, 1831 e *Turdus iliacus* Linnaeus, 1766. Já o “escarlate” poderia constituir uma referência à flor também conhecida como pimpinela-escarlate, *Anagallis arvensis* (Myrsinaceae).

86 “Ils’en trouue d’autres grans comme noz merles, tous rouges comme sang de dragon, qu’ils nomment en leur langue *Quia-*

muito breves, as observações mais detalhadas pertencem a Gabriel Soares de Sousa, cujo texto adianta ser esse um pássaro “do tamanho de pintarroxos”, com o “corpo vermelho e as asas pretas”, tão formoso que era esfolado pelos índios para “forrar as [suas] carapuças”. Talvez essa fosse a origem de pelo menos algumas das peles levadas para a Europa pelos marinheiros e comerciantes franceses⁸⁷.

8. Do tatu

“Há uma coisa que não me parece muito despropositada: posto que [alguém de] uma nação chega em um lugar onde encontra qualquer coisa que possua nome próprio em sua língua, não tendo autoridade para poder inventar um, tem a liberdade de tomar emprestado o nome dos estrangeiros para dele se servir. Assim como nós fazemos com os animais e drogas que chegam das Índias, os quais chamamos com os mesmos nomes que eles trazem de seus países, conforme prova uma pequena besta vinda do Brasil que chamam tatu. É uma espécie de ouriço⁸⁸ que os clássicos não conheceram⁸⁹, mas porque o conservam cheio de crina (posto que ele é coberto de uma casca dura), houve quem o chamou de icnêumon, mas isso é falso, pois semelhante animal não compartilha nada da natureza do icnêumon⁹⁰. (“Les Observations de Plusieurs Singularitez et Choses Memorables, trouvées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie,

& autres pays estranges”, 1553. Livro I, Capítulo III, *folio* 5 r. Vide Anexo 4).

“Os turcos têm mercados pelas cidades da Turquia em cada dia da semana. Com efeito, observei que certo lugar ocupa o mercado em Constantinopla na segunda-feira, outro lugar na terça e em Péra na quinta-feira⁹¹ e assim outros. E se há algo de raro, eles o mostram lá nesse dia. Por esse motivo, estando de volta em Constantinopla – e encontrando-me frequentes vezes a ver seus mercados – encontrei muitas singularidades chegadas de países estrangeiros, principalmente entre as drogas de certos apotecários⁹² que buscam reunir tudo o que possam de novidades. A fim de mostrá-las em público, eles fazem grupos de muitas pessoas as quais eles vendem qualquer coisa de sua arte. Uns exibem serpentes em público, mas eu não direi outra coisa nesse lugar, pois escrevi todas essas coisas em detalhe no livro onde forneci as imagens das serpentes⁹³. Outros vendem tão somente unguentos, raízes e a erva-de-são-jão⁹⁴. Passam frequentes vezes do Egito a Constantinopla, porque reconhecí em Constantinopla aquilo que já tinha visto no Cairo e com os quais pude refazer certas imagens de peixes do Nilo que aparecem em outras obras minhas, no livro dos peixes⁹⁵. Uma vez que o animal de que falei antes, chamado tatu⁹⁶, é encontrado em suas mãos – o qual, todavia, é trazido da Guiné e da nova terra da qual os clássicos não falam⁹⁷ – todavia pareceu-me bom fornecer-lhe o retrato.

pian” no original (Thevet, 1557). Conhecido já na Antiguidade, o “sangue-de-dragão” seria uma substância resinosa de vivo colorido vermelho obtida a partir de diferentes espécies vegetais dos gêneros *Dracaena* (Ruscaceae), *Pterocarpus* (Fabaceae), *Calamus* e *Daemonorops* (Arecaceae). Para maiores detalhes, vide Langenheim (2003).

- 87 “Tié-piranga são pássaros vermelhos do corpo que têm as asas pretas, e são tamanhos como pintarroxos; criam em árvores, onde fazem seus ninhos, aos quais os índios esfolam os peitos para forrarem as carapuças, por serem muito formosos” (G.S. de Sousa, 1938). Embora o nome “pintarroxo” possa ser aplicado a diversas espécies, trata-se provavelmente de *Carduelis cannabina* (Linnaeus, 1758), espécie que alcança apenas 14 cm de comprimento.
- 88 “Herisson” no original (vide Anexo 4), nome conferido ao ouriço-europeu, *Erinaceus europaeus* Linnaeus, 1758.
- 89 “Que les anciens n’ont pas cogneu” no original. Vide Anexo 4, bem como as notas 45 e 64.
- 90 “Ichneumon” no original (vide Anexo 4). Trata-se do mangusto-do-egito, *Herpestes ichneumon* (Linnaeus, 1758), que Belon descreve e retrata no segundo livro dessa obra. Mencionado por vários autores clássicos como caçador de serpentes e crocodilos (e.g., Plínio, 1979-1984), esse mamífero passaria aos bestiários medievais como fero inimigo do dragão, ao qual daria combate cobrindo-se de lama e protegendo as narinas com a cauda. Para maiores detalhes, vide Gubernatis (1874).

- 91 “En Pere au ieu dy” no original (vide Anexo 4). Trata-se de Pera, subúrbio de Constantinopla.
- 92 “Theriacleurs” no original (vide Anexo 4), referência aos vendedores de trianga ou triaga. Conhecida desde a Antiguidade, essa legendaria droga seria um poderoso antidoto composto por dezenas de itens capazes de variar sobremaneira conforme a época e o espaço geográfico considerado, tendo sido empregada pelo menos até o século XVIII (Griffin, 2004). Em 1766, a receita de uma “trianga brasilica” preparada pelos jesuítas do colégio da Bahia reunia nada menos de 77 elementos distintos entre raízes, extratos, gomas, óleos e sais, além do mel de abelhas e jararacas secas reduzidas a pó (Leite, 1938-1950, 1953).
- 93 Belon descreve e figura diferentes tipos de serpentes em várias passagens dessa obra, que se encontra dividida em três livros distintos.
- 94 “Mort aux verms” no original (vide Anexo 4). Conforme estabeleceu Fuchs (1561), trata-se da versão francesa de um antigo nome alemão aplicado a *Hypericum perforatum* (Hypericaceae).
- 95 Provável alusão ao “*De aquatilibus Libri duo*” (Belon, 1553i, 1553j).
- 96 “Tatou” no original (vide Anexo 4).
- 97 “De la terre neuue, dont les anciens n’en ont point parlé” no original. Vide Anexo 4, bem como as notas 45 e 64.

O que faz com que já possamos comumente ver este animal em numerosos gabinetes⁹⁸ e lhe permite ser levado para países tão distantes é que a natureza o armou de uma dura casca e grandes escamas à maneira de um corselete e por isso é possível remover facilmente sua carne lá de dentro sem nada estragar de seu aspecto natural⁹⁹. Eu já falei que ele é uma espécie de ouriço do Brasil, pois se encolhe em suas escamas como um ouriço em seus espinhos¹⁰⁰. Ele não ultrapassa o tamanho de um porquinho, possuindo as pernas, pés e focinho iguais. Pois já foi visto vivo na França e se alimenta de grãos e de frutos”. (“Les Observations de Plusieurs Singularitez et Choses Memorables, trouvées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges”, 1553. Livro III, Capítulo LII, *folios* 209 v.-210 r. Vide Anexo 4).

“O tatu é um tipo de ouriço¹⁰¹,/ que se recolhe em suas escamas como/ o ouriço em seus espinhos. Quanto/ ao resto, possui o aspecto de um porquinho”. (“Portraits d’oyseaux, animaux, serpens, herbes, arbres, hommes et femmes, d’Arabie & Egypte”, 1557. *Folio* 106 v. Vide Anexo 5).

Após uma longa e atribulada permanência no Novo Mundo, o bacharel Martin Fernandez de Enciso publicaria, no ano de 1519, sua famosa “Suma de Ge-

ographia”, o primeiro livro escrito em espanhol sobre as descobertas efetuadas no outro lado do oceano¹⁰². Objeto de duas outras edições datadas de 1530 e 1546, esta obra pode ser entendida como um manual de navegação, compreendendo uma parte introdutória de caráter geral e várias anotações sobre particularidades geográficas das diferentes “províncias” do globo, com especial destaque para as “Índias” recém-descobertas.

Malgrado não dedique maior atenção aos produtos naturais, o texto de Enciso dispensa algumas linhas a certos animais notáveis da América tropical. Com efeito, ao discorrer sobre a região de Darién, Panamá, o geógrafo espanhol mencionaria beija-flores, iguanas, onças, jacarés e uma criatura estranha, “pequena como leitões de um mês”, que tinha “as mãos, pés e cabeça como as de um cavalo” mas se apresentava “toda coberta por uma concha, desde as orelhas até a cauda”, como um “cavalo em armadura”, sendo “bonita de olhar”¹⁰³. Embora deixe a desejar, esta seria a primeira descrição publicada por um europeu de um tatu (Cingulata, Dasypodidae), grupo de mamíferos encontrado apenas no continente americano entre o sul dos Estados Unidos e o Estreito de Magalhães.

Sete anos mais tarde, Gonzalo Fernández de Oviedo empregaria termos muito parecidos ao tratar dos Dasypodidae em seu afamado “Sumário” da “Historia Natural de las Indias”¹⁰⁴, cujo texto confere destaque à semelhança observada entre o casco dos tatus e a armadura dos cavalos espanhóis¹⁰⁵. Reforçada por

98 Bastante comuns já em 1553, os tatus estariam representados nos “museus” de Gonzalo Argote de Molina (1571) e Rodrigo Zamorano (1600) em Sevilha, bem como nos gabinetes de Felipe II (1572) e Henrique IV (1589-1610) em Madri e Paris. O mesmo parece ter ocorrido durante o século XVII, pois catálogos publicados entre 1622 e 1716 registrariam um ou mais exemplares em dez de treze coleções inglesas, dinamarquesas, holandesas, francesas e italianas, sendo que o próprio Rembrandt van Rijn contava com um tatu em seu acervo privado. Para maiores informações, vide Asso y del Rio (1793), George (1985), Gestoso y Pérez (1910), Joppien (1978), López Rodríguez (1995), Mocquet (1617), Moran & Checa (1985), Schama (1999), Schnapper (1988) e Thevet (1575).

99 As incipientes técnicas de preparação de material zoológico conhecidas na época mostrar-se-iam favoráveis à conservação das resistentes carapaças dos tatus, permitindo até mesmo a preservação de espécimens mais ou menos completos. Após terem as vísceras retiradas, as carcaças eram secas e/ou salgadas, podendo receber um recheio de palha e uma camada final de verniz protetor. Apesar de fácil e expedito, esse grosseiro processo de mumificação costumava produzir espécimens muito frágeis, deformados e difíceis de conservar, tendo sido gradualmente abandonado com os posteriores avanços da taxidermia. Para maiores detalhes sobre as técnicas empregadas nos séculos XVI e XVII, vide Aitinger (1626-1631), Hohberg (1682) e Olinia (1622).

100 Referência às observações existentes no terceiro capítulo do primeiro livro, as quais também se encontram reproduzidas acima. Sobre o ouriço, vide nota 88.

101 Vide nota 88.

102 Por volta de 1508-1509, Martin Fernandez de Enciso vivia em Santo Domingo, Hispaniola, como advogado e comerciante, mantendo estreita relação com Alonso de Hojeda. Durante incursões efetuadas no litoral da Colômbia e Panamá (1510-1512), terminaria por confrontar Vasco Núñez de Balboa, sendo preso, despojado de bens e enviado de volta a Espanha. Chegando à Europa em 1513, Enciso iniciaria um bem sucedido pleito contra Balboa, retomando suas posses e conquistando o cargo de governador de Darién, retornando ao Novo Mundo, já em 1514, na companhia de Pedrarias Dávila, executor da sentença. Pouco tempo depois da execução de Balboa, em 1517, abandonaria em definitivo a América, falecendo em Sevilha em 1528. Para maiores detalhes, consulte-se Domingo (1987), Howgego (2003) e García-Romeral (2004).

103 “En esta tierra hay unos animales pequeños, como un lechón de un mes. Éstos tienen los pies é las manos como un caballo é la cabeza como un caballo, pequeña, con sus orejuelas, y está todo cubierto de una concha desde las orejas fasta á la cola, que parece caballo encubertado. Son fermosos de mirar. Pacen como un caballo” (Enciso, 1519).

104 Não deixa de ser curioso existirem vários autores que atribuam a primeira descrição dos tatus à “Natural Historia de las Indias” de Oviedo (e.g., Arranz, 1993; Mason, 2007; Richart, 1999; Schnapper, 1988).

105 “Los encubertados son animales de mucho ver, y muy estraños a la vista de los xpianos, y muy diferentes de todos los q se há dicho o visto en españa ni en otras partes. Estos animales son de qtro pies y la cola y todo el es de tez, la piel como cobertura, o pellejo de lagarto, po es étre bláco e pardo, tirádo mas a la color

cronistas posteriores como López de Gómara¹⁰⁶, tal relação terminaria consagrando os nomes de “armadillo” e “encubertado”, chegando mesmo a propiciar equívocos surpreendentes quanto à verdadeira natureza desses quadrúpedes. Vistos como uma espécie peculiar de equino encouraçado pelos mais desavisados, os tatus eram por vezes comparados aos rinocerontes¹⁰⁷ e mais comumente aos porcos e até mesmo aos quelônios, alinhando-se entre os “anfíbios” e os “animais de carapaça”¹⁰⁸.

Como animais “dignos de ver” e “muito estranhos aos olhos dos cristãos”¹⁰⁹, os tatus devem ter

blāca y es de la faciō y hechura ni mas ni menos q̄ vn cauallo encubertado cō sus costaneras y copló y en todo y por todo. y por debaxo de lo q̄ muestrā las costaneras y cubiertas sale la cola y los braços en su lugar y el cuello y las orejas por su parte. Finalm̄te es de la misma manera q̄ vn corsier cō bardas. E es del tamaño de vn perillo, o gozq̄ de estos comunes. y no haze mal y es couarde, y hacē su habitaciō en torrōteras y cauando con las manos ahondā sus cueuas, y madrigueras de la forma que los conejos las suelē hazer. Son excelente manjar, y tomanlos con redes y algunos matan vallerteros, y las mas vezes se toman quando se quemā los campos para sembrar o por renouar los eruajes para las vacas y ganados. yo los he comido algunas vezes, y son mejores q̄ cabritos en el sabor, y es manjar sano. No podria dexas de sospechase si a queste animal se ouiera visto donde los primeros caualllos encubertados ouieron origē, sino q̄ de la vista de estos animales se auia aprēdido la forma de las cubiertas para los caualllos de armas” (Oviedo y Valdés, 1526).

106 “Al redor de aquella laguna se criā infinitas liebres, conejos, monillos, o gatillos, de muchos tamaños, puercos, venados, leones, y tigres: y vn animal, dicho Ayotochtli, no mayor q̄ gato. El qual tiene rostro de anadon, pies de puerco espín, o eriço, y cola larga. Esta cubierto de cóchas, que se encojen, como escarcelas, dōde se mete, como galapago. Y que parescen mucho cubiertas de cauallo. Tiene cubierta la cola de conchuelas y la cabeza de vna testera de lo mesmo, q̄dando fuera las orejas. Es en fin ni mas ni menos q̄ cauallo encubertado. Y por eso lo llaman Españoles el encubertado, o el armado. Y los indios Ayotochtli, q̄ suena conejo de calabaza” (López de Gómara, 1552).

107 No final do século XVI, Sir Walter Raleigh falaria de uma “beast called by the Spaniards ‘armadilla’ which seemeth to be all barred over with small plates somewhat like to a Renocero”. Apesar de inusitada, semelhante comparação continuaria presente na literatura por quase cem anos, fato bem exemplificado pelo romance de Aphra Behn intitulado “Oroonoko”, o qual menciona “a little beast called an armadillo, a thing which I can liken to nothing so well as a rhinoceros; ‘tis all in white armor, so jointed that it moves as well in it as if it had nothing on: this beast is about the bigness of a pig of six weeks old”. Vide Behn (1688) e Raleigh (1596).

108 A idéia dos tatus como anfíbios encontra-se explícita no curioso poema escrito no final do século XVII por um certo Dr. Powis, cujos versos estabelecem que “This animal is arm’d with Scale/ As if it wore a Coate of Maile/ In shape and snout he is a swine/ And like to him doth grunt and whine./ But if you view his scaly skin/ Hees Fish without and Swine within/ A creature of Amphibious nature/ And lives both in and out of water” (in Honour, 1975). Vide também Bernon (1670) e Simmons & Snider (2009).

109 Conforme Oviedo y Valdés (1526). Décadas mais tarde, o capitão Vargas Machuca iria referir-se a esses mamíferos como “animalejos muy galanos á la vista” (Vargas Machuca, 1599).

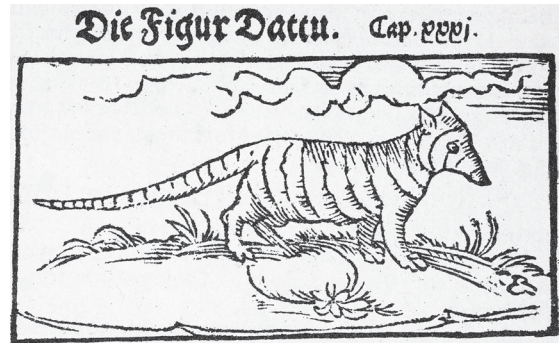


FIGURA 21: O “dattu” retratado na “Warhaftige Historia” de Hans Staden (1557).

chegado bastante cedo em terras espanholas, as quais recebiam um número crescente de produtos vindos do além-mar. Em 1524, ao passar por Sevilha, o embaixador veneziano Andrea Navagero teria a oportunidade de experimentar batatas e “um belíssimo fruto, bastante oloroso e de sabor entre o melão e o pêssego” – talvez um abacaxi – ficando assaz impressionado pela habilidade demonstrada por “jovens índios” que brincavam com uma “bola leve e elástica” usando apenas os flancos para rebatê-la¹¹⁰. Quatro anos mais tarde, já no final de 1528, Hernán Cortés voltaria a trazer para a Espanha praticantes desse jogo, assim como malabaristas, anões, albinos, corcundas e membros da nobreza de Tenochtitlán, Tlaxcala e outras cidades conquistadas, inclusive um filho do próprio Moctezuma. Tampouco podiam faltar representantes da fauna neotropical entre tantas “curiosidades”, havendo notícia de aves, felinos, um tatu e um gambá¹¹¹.

Apesar de não constituir propriamente uma novidade, o texto de Belon sobre o tatu constitui a primeira citação desses mamíferos para o Brasil e fornece o que também parece ser a primeira figura impressa desses animais, antecipando-se ao “dattu” do livro de Hans Staden (1557), um estranho quadrúpede de aspecto vulpino protegido pelas placas de uma grosseira armadura (Fig. 21)¹¹². Retratando um

110 Com sua “Casa de Contratação”, Sevilha era o único porto de desembarque permitido para as frotas vindas das “Índias”. Quanto à presença de artigos e “curiosidades” do Novo Mundo, vide Navagero (1563) e López Rodríguez (1995).

111 Conforme López de Gómara (1552). Sobre o espanto causado pela descoberta dos marsupiais, vide Eastman (1915) e Teixeira & Papavero (1999).

112 Ao contrário da afirmação corrente, a primeira imagem conhecida de um tatu não pertenceria à famosa “Carta Universal” de Diogo Ribeiro (1529: Biblioteca Apostólica Vaticana, na Cidade do Vaticano), já que esse mapa sequer abriga uma criatura passível de ser indiscutivelmente atribuída a um Dasyopodidae. Tal primazia tampouco deve caber à imagem pertencente ao “De Natura Avium et Animalium” do humanista italiano Pier Candido Decembrio, pois as pinturas de animais existentes

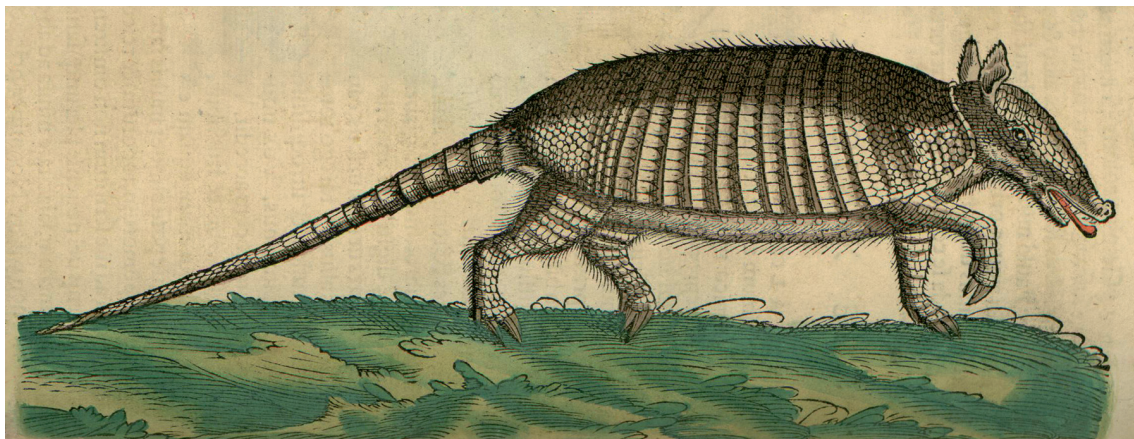


FIGURA 22: O “tato” (*Dasypos* sp.) retratado no “*Historiae Animalium Liber II. de Quadrupedibus Oviparis*” de Conrad Gesner (1554).

exemplar do gênero *Dasypos* (vide Anexo 4), a gravura do naturalista francês reaparece na versão revista e ampliada das “Observations de Plusieurs Singularitez et Choses Memorables, trouvées en Grece, Asie, Judée, Egypte, Arabie” e nos “Portraits d’oiseaux, animaux, serpens, herbes, arbres, hommes et femmes d’Arabie & Egypte”¹¹³. Malgrado tenha sido aproveitada no mapa-múndi de Guillaume Le Testu (vide adiante), o original de Belon despertaria pouco interesse, cedendo lugar ao “Tato” existente no “*De Quadrupedibus Oviparis*” de Conrad Gesner (Fig. 22)¹¹⁴. Reproduzi-

da em diversas oportunidades, essa última figura seria aproveitada em obras tão diversas quanto o chamado “Códice Pomar” (ca. 1590)¹¹⁵ e o “*Symbolorum & emblematum*” de Joachim Camerarius (1595), o qual compara a carapaça dos tatus à “armadura da virtude” (“*virtus lorica fidelis*”) (Fig. 23). Presente em numerosas publicações do século XVII (e.g., Nieremberg, 1635; Aldrovandi, 1637), a prancha de Gesner permaneceria viva por mais de duzentos anos, aparecendo mesmo em títulos relativos à História Natural impressos na segunda metade do século XVIII (e.g., Boreman, 1774).

Tanto a descrição quanto a gravura de Belon apresentam um tatu com patas de porco, detalhe indicativo de que o naturalista francês teria visto um artefato ou um exemplar parcialmente conservado, completando sua figura de acordo com as frequentes comparações entre os Dasypodidae e os leitões

nesse códice de 1460 foram adicionadas ao original 130 anos mais tarde por Teodoro Ghisi, não passando de cópias das pranchas de Conrad Gesner. Para maiores detalhes, compare George (1969, 1980), Egmond & Mason (1994), Honour (1975), Mason (2001) e Teixeira (2013).

113 Na versão revista das “Observations de Plusieurs Singularitez et Choses Memorables, trouvées en Grece, Asie, Judée, Egypte, Arabie” vinda à luz em 1555, a gravura do tatu encontrase voltada para a esquerda como se fosse a imagem especular das anteriores. Já na tradução efetuada por Charles d’Écluse em 1589 (vide nota 11), a prancha original seria simplesmente substituída pela mesma figura encontrada na versão latina do livro de Nicolás Monardes também publicada por Christopher Plantin em 1574 (Teixeira, 2014). Para maiores detalhes, vide Belon (1555a, 1555b, 1555c, 1589a) e Monardes (1574).

114 Um ano após o livro de Belon, Gesner lançaria o “*De Quadrupedibus Oviparis*”, segundo tomo de sua monumental “*Historia Animalium*”, acrescido de um apêndice sobre os mamíferos não incluídos no volume anterior dos “*Quadrupedibus Viviparis*”. Ao lado de um porquinho-da-índia (*Cavia* sp.) e de um quati (*Nasua* sp.), esse anexo teceria alguns comentários sobre um tatu do gênero *Dasypos*, fornecendo uma gravura elaborada a partir de um desenho e do casco, cauda e patas remetidos ao célebre naturalista suíço por um certo Adrianus Marsilius, farmacêutico da cidade alemã de Ulm (“*nostram quidem egregius vir Adrianus Marsilius à Dongē Pharmacopola Ulmensis ad me misit, una cum cortice ipso, cauda & cruribus hujus animalis, unde pictura quoque rectilissime opera eius expressam omnino apparet*”; vide Gesner, 1554). Ao contrário do que afirma Lestringant (in Laborie & Lestringant, 2006), Gesner reproduziria sua pró-

pria gravura – e não aquela de Belon – na segunda edição das “*Icones animalium quadrupedum viviparorum et oviparorum*”, fazendo apenas ligeira menção ao texto do naturalista francês (Gesner, 1560b).

115 Oferecido pelo Rei de Espanha a Jaime de Honorato Pomar, seu médico herborista, as pinturas do chamado “Códice Pomar” reproduziriam itens das coleções de Felipe II, inclusive espécimens obtidos por Francisco Hernández no Novo Mundo. Tal suposição encontra apoio na identidade observada entre várias ilustrações e as gravuras existentes nos resumos do manuscrito de Hernández (1628; publicados por Antonio Recchi) e também publicados por Juan Eusebio Nieremberg (1635), convergência responsável pela crença generalizada de que as imagens de animais do Novo Mundo presentes no “Códice Pomar” estariam baseadas apenas no material reunido por Hernández durante sua viagem à América Central (1571-1577). No entanto, como a pintura do tatuê (*Dasypos* sp.) encontrada nessa iconografia constitui mera cópia da gravura de Gesner, torna-se claro que os artistas envolvidos empregaram mais de uma fonte de inspiração. Além de Hernández (1628) e de Nieremberg (1635), vide também Lopez Piñero (1990, 1991a, 1991b, 2003) e Richart (1999).



FIGURA 23: O tatu (*Dasypus* sp.) retratado no “*Symbolorum & emblematum*” de Joachim Camerarius (1595).

observadas na época. Semelhante equívoco seria criticado por André Thevet e Jean de Lery, os quais acentuam o fato de os tatus possuírem as pernas muito curtas com as patas armadas de unhas grossas e longas¹¹⁶.

116 “Quant au *Tatou* de ceste terre du Bresil, cest Animal (comme les herissons par deça) sans pouvoir courir si viste que plusieurs autres, se traîne ordinairement par les buissons: mais en recompense il est tellement armé & tout couuert d’escailles, si fortes & si dures, que ie croy qu’un coup d’espee ne luy feroit rien: & mesmes quand il est escorché les escailles iouans & se manians avec la peau (de laquelle les Sauuages font de petits cofins qu’ils appellent *Caramemo*) vous diriez que c’est vn gâtellet d’armes: la chair en est blanche & d’assez bonne saueur. Mais quant à sa forme, qu’il soit si haut monté sur ses quatre iambes que celuy que Belon a représenté par portrait à la fin du troisieme livre de ses obseruations (lequel toutesfois il nomme *Tatou* du Bresil) ie n’en ay point veu de semblables en ce pays là” (Léry, 1578). Já Thevet descreveria o “*Tatou*” como “un petit animal estrange à voir. Il n’est possible de voir escaille Milanoise mieux faite que sa peau, qui est si forte à percer, qu’un espée, ou javelot n’y scauroit faire que la nique. Il est, comme j’ay dit, fait comme un petit cochon d’un moys, ou six sepmaines, et presque de mesme forme, principalement l’oreille, et la queuë: mais des pieds il est bien different, d’autant qu’il a des ongles fort longues, et fort grosses, et bien armé jusques sur les oreilles, depuis le bas de la queuë. Il a les jambes fort petites, et le ventre, qui approche quatre doigts de terre. En quoy se seroit grandement abusé mon compaignon Pierre Belon, avec lequel j’ay longuement voyagé en Grece, et en Egypte, lequel faisant son livre des poissons, et de quelques animaux, nous a représenté en son livre des obseruations iceluy *Tatou*, non tel, que je luy donnay la peau, ains luy a fait les jambes fort hautes, tout au contraire du naturel” (Thevet *in* Laborie & Lestringant, 2006). Além de não mencionar em nenhum momento esse tatu proveniente de Thevet, Belon deixa claro que suas observações estão baseadas em exemplares encontrados no mercado de Constantinopla (vide nota 28).

DISCUSSÃO

A importância de Pierre Belon para a biologia comparada e sua famosa viagem realizada ao Levante fariam com que pouca atenção fosse dedicada às observações reunidas sobre a fauna do Novo Mundo¹¹⁷. Contudo, essas poucas referências parecem ter exercido certa influência no século XVI, sendo reproduzidas até mesmo em mapas e atlas de prestigiados cartógrafos franceses. Com efeito, ao referir-se ao Brasil em sua “*Cosmographie Universelle*” de 1556¹¹⁸, Guillaume Le Testu escreveria ser essa terra habitada por “javalis, linceos, cutias, tatus e muitos tipos de animais”, possuindo “grandes borrelhos dos quais se fazem ‘paternosters’ e cintos femininos”¹¹⁹ – detalhes que evocam algumas passagens da “*Histoire naturelle des estranges poissons marins*” e das “*Observations de Plusieurs Singularitez et Choses Memorables, trouuées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie*”. Em seu “*Mappemonde*” de 1566¹²⁰, Le Testu tornaria essa relação bem mais explícita ao povoar o desconhecido interior da América do Sul com hipotéticas cadeias de montanhas, rios caudalosos de traçado incerto, lagos, árvores e dois animais exóticos: o enigmático “su” representado por André Thevet nas “*Singularitez de la France Antarctique*” (1557)¹²¹ e o “*Tatou*” retratado por Belon nas “*Observations de Plusieurs Singularitez et Choses Memorables, trouuées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie*” e nos “*Portraits d’oiseaux*,

117 Embora os livros de Belon sobre os animais aquáticos fossem logo suplantados pela obra de Rondelet (1554), sua “*Histoire de la Nature des Oyseaux*” é vista por muitos um verdadeiro marco para a anatomia e taxonomia, tendo sido considerada a base da moderna classificação ornitológica. Para maiores detalhes, vide Glardon (*in* Belon, 1997), Céard (1975), Cole (1949), Crié (1882a, 1882b, 1883b, 1883c, 1883d, 1884), De Wit (1992-1994), Delaunay (1926b, 1962), Glardon (2011), Miall (1912), Needham (1934), Papavero *et al.* (1975) e Stremsemann (1951).

118 Atlas ilustrado pertencente à biblioteca do Service Historique de la Défense (D1. Z14, *in fol.*).

119 “Sengliers, loups seuiers, agoutins, tatous, et plusieurs sortes de bestes, avec grand nombre de pouaille, semblable a ceste de ce pais de France, papageaux de divers plumage. Les marchandizes de ceste terre sont cotons, bresil, poyvres servans a la taincture. Avec gros vignolz desquelz on fainct paternostres et ceinctz a femme” no original (vide Le Testu, 2012).

120 Traçado sobre velino, esse mapa de 79 × 118 cm encontra-se acompanhado da seguinte legenda “Ceste Carte Fut pourtraicte en toute perfection Tant de Latitude que Longitude Par moy Guillaume Le Testu Pillotte Royal Natif de La ville Françoisse de grace [...] et fut achevé le 23^e jour de May 1566”. Encontra-se hoje depositado no Département Cartes et Plans da Bibliothèque Nationale de France (RES GE AA-625).

121 Motivo de numerosas controvérsias e hipóteses das mais curiosas, esse animal tem sido relacionado por certos autores (*e.g.*, Eastman, 1915) aos marsupiais do Novo Mundo. Vide também Ley (1941).



FIGURA 24: O tatu (*Dasypos* sp.) retratado no “Mappemonde” de Guillaume Le Testu (1566: Département Cartes et Plans (RES GE AA-625), Bibliothèque Nationale de France, Paris).

animaux, serpens, herbes, arbres, hommes et femmes d’Arabie & Egypte” (Fig. 24)¹²².

A assertiva de haver tatus vivos na Europa quinhentista¹²³ e as várias alusões ao considerável interesse demonstrado em representantes exóticos ou espetaculares de nossa fauna constitui testemunho eloquente

do intenso tráfico promovido pelos franceses no litoral brasileiro durante a primeira metade do século XVI. Na verdade, essa presença talvez fosse bem maior do que se costuma imaginar, pois os textos de Belon estabelecem claramente que todos os animais provenientes de nosso país – exceção feita do chamado pato-da-guiné – teriam chegado no solo da França graças à ação dos comerciantes dispostos a desafiar o monopólio de Portugal e promover o contrabando dos “paus de tinta” e de outros produtos do além-mar. Entre outros aspectos, esses mercadores representariam uma fonte privilegiada de informações e espécimens, contribuindo de forma significativa para ampliar o conhecimento sobre a natureza e os habitantes do Novo Mundo em uma Europa ávida pelas riquezas e curiosidades trazidas do outro lado do oceano.

A inusitada presença de despojos de tatus nos mercados de Constantinopla comprova tanto a impressionante dimensão do tráfico de produtos neotropicais existente nos primeiros quartéis do século XVI quanto o interesse do Império Otomano no Novo

122 O desenho de Le Testu apresenta um tatu voltado para a direita, mesma posição observada na maioria das edições das “Observations de Plusieurs Singularitez et Choses Memorables, trouvées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie” e nos “Portraits d’oiseaux, animaux, serpens, herbes, arbres, hommes et femmes d’Arabie & Egypte” (Belon, 1553g, 1553h, 1554a, 1554b, 1557, 1558a-b). Vide nota 113.

123 Contrariando certos autores (e.g., George, 1985), Belon menciona claramente que tatus vivos teriam chegado na França em meados do século XVI, sendo mantidos em cativeiro à custa de grãos e frutos (“car on l’a desia veue viure en France, & se nourrir de grain & de fruitz”; vide Anexo 4). Em 1607, ao comentar o mesmo tema, Edward Topsell acrescentaria que “os mercadores – conforme ouvi – e os habitantes de Londres mantêm esses animais com suas minhocas de jardim” (“the merchants as I have heard, and citizens of London keep of these [animals] with their garden worms”; vide Topsell, 1607).

Mundo, aspecto muito pouco abordado nos dias de hoje. Já por volta de 1580, entretanto, um autor turco desconhecido – talvez o Emir Mehmet ibn Emir Hasan el-Suudi – escreveria uma extensa “História da Descoberta da América” (“Tarih-i Hind-i garbi veyâ Hadis-i Nev”), texto baseado em traduções italianas de López de Gómara, Pietro Martire d’Anghiera, Oviedo y Valdés e Agustín de Zárate¹²⁴. Não deve causar surpresa, portanto, que símplies de nosso país chegassem à África – a “Guiné” mencionada por Pierre Belon – e terminassem sendo oferecidos no Oriente¹²⁵, pois os negócios em torno dos animais e plantas do Brasil constituíam uma atividade econômica tão organizada e sistemática quanto qualquer outra do período colonial, tendo logo se integrado ao florescente comércio ultramarino promovido pela expansão européia.

AGRADECIMENTOS

Cumpro agradecer a João Alves de Oliveira e Guilherme Renzo Rocha Brito (Departamento de Vertebrados, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro) pelo auxílio prestado na elaboração do manuscrito e comentários apresentados. Vale destacar ainda o apoio concedido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) às pesquisas realizadas por Nelson Papavero durante os últimos anos.

124 Essa obra seria publicada apenas em 1730 por Ibrahim Muteferrika, o primeiro impressor do Império Otomano. Para maiores detalhes, vide Goodrich (1982, 1987).

125 Contrariando a irônica opinião de Francesco Redi (1671), o rabo do tatu era considerado um símplíce muito efetivo para o tratamento da sífilis e de dores de ouvido. Ao descrever os medicamentos trazidos do Novo Mundo, Nicolás Monardes comenta que as virtudes medicinais dos tatus estavam limitadas à cauda, a qual era reduzida a pó (“Traen ansi mismo de tierra firme, vn hueso, que es de la cola de vn animal extraño, que esta todo encobertado de conchicas, hasta los pies, como vn cauallo, que esta encobertado de armas: por do le llaman, el Armadillo, es del tamaño de vn Lechon, y em el hocico parece a el, tiene vna colalarga, y gruessa, como de Lagarto, abita dentro de la tierra, como Topo, y dizen, que dela se mantiene, porque fuera dela, no le veen comer cosa alguna. Tiene la virtud solo en el hueso de la cola, el qual hecho poluos subtiles, y tomando dellos tanto como vna cabeça de alfilel gordo, hecho vna pelotica: y metiendolo em el oydo, auiendo dolor en el, lo quita marauillosamente. Y ansi mismo, si ay zumbido, com alguna sordedad haze grande efecto. Em lo del dolor se tiene grande experiencia en aquellas partes en muchas personas que lo han vsado, y han sanado com el. Y el señor Obispo me certificado, auerlo visto muchas vezes, con grande admiracion: que tal es ella: ver que aya tal virtude en tan oculta parte. Ay estos animales en la Índia de Portugal, llaman los encobertados, por ser como tengo dicho, armados de launas y conchas”; Monardes, 1571).

RESUMO

A importância de Pierre Belon (1517-1564) para a biologia comparada e sua famosa viagem ao Levante fariam com que pouca atenção fosse dedicada às observações reunidas sobre a fauna do Novo Mundo. Contudo, Belon alinha-se entre os primeiros estudiosos das Ciências Naturais do Renascimento a descrever animais do Brasil, precedendo Conrad Gesner e até mesmo aventureiros e cronistas como Hans Staden, André Thevet e Jean de Léry. Dos dez títulos publicados pelo naturalista francês ao longo de seus 47 anos de vida, seis apresentam-se relevantes nesse sentido – elenco que abrange os livros relacionados à sua passagem pelo Oriente e três tratados de Zoologia. Entre moluscos, peixes, aves e mamíferos, Belon faz alusão a pelo menos oito representantes de nossa fauna, com destaque para um tatu (*Dasyops* sp.) observado nos mercados de Constantinopla. Além de comprovar a impressionante dimensão do tráfico de produtos neotropicais existente nos primeiros quartéis do século XVI e o notável interesse demonstrado pelo Império Otomano nos artigos e curiosidades do Novo Mundo, os textos de Belon constituem testemunho eloquente da forte presença francesa no litoral brasileiro durante a primeira metade do século XVI.

PALAVRAS-CHAVE: Pierre Belon; Brasil; França; Império Otomano; Fauna; Naturalistas; Comércio Colonial; Século XVI; Brasil Colônia; História da Zoologia.

REFERÊNCIAS

- AITINGER, J.C. 1626-1631. *Kurtzer Vnd Einfeltiger bericht Von Dem Vogelstellen*. Cassel, Salomon Schadewitz.
- ALDROVANDI, U. 1613. *De Piscibus Libri V et de Cetus Lib. vnus*. Bononiae, Ioannem Baptistam Bellagambam.
- ALDROVANDI, U. 1637. *De Quadrupedib'. Digitatis Viviparis Libri Tres et de Quadrupedib'. Digitatis Oviparis Libri Dvo*. Bononiae, Nicolaum Tebaldinum.
- ANGHIERA, P.M. D'. 1511. *P. Martyris Anglerii mediolanensis opera. Legatio Babylonica. Oceani Decas. Poemata. Epigrammata*. Hispali, Jacobum Corumberger.
- ANGHIERA, P.M. D'. 1516. *Ioannes Ruffus foroliuensis Archiepus Cosentin.: Legat. Apo. ad lectore. De orbe nouo. Accipe non noti praeclara uolumina mundi oceani: & magnas nascito lector opes. Plurima debetur typhis tibi gratia: gentes ignotas: & aues que uebis orbe nouo. Magna quoq. auctori referenda est gratia nostro: Qui facit haec cunctis regna uidenda locis. Autor. Siste pedem lectore: breuibus compacta libellis haec leges principibus uabriis de cimoq. leoni Pontifici summo inscripta, hic noua multa uidebis. Oceani magnas terras: uasta aequora: linguas haectenus ignotas: atq. aurea saecula nosces: et gentes nudas expertes seminis atri: mortiferi nummi: Gemmisq. auroq. feracem torrentem zonam: parcat ueneranda uetustas. De orbe nouo Decades*. Alcala, Antonii Nebrissensis,

- ANGHIERA, P.M. D'. 1530. *De Orbe Nouo Petri Martyris ab Angleria Mediolanensis Protonotarii Cesaris senatoris Decades*. Michaelae d' Eguia, [Alcalá de Henares].
- ANGULO, E.G. 1998. Interpretación biológica acerca de la domesticación del pato criollo (*Cairina moschata*). *Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines*, 27(1): 17-40.
- ARISTÓTELES. 1965-1991. *History of Animals*. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts.
- ARMAS Y CÉSPEDES, J.I. DE. 1888. *La Zoología de Colón y de los primeros exploradores de América*. Habana, Establecimiento Tipográfico.
- ARRANZ, J.J.G. 1993. Fauna americana en los emblemas europeos de los siglos XVI y XVII. *Cuadernos de Arte e Iconografía*, 6(11): 468-478.
- ASSO Y DEL RIO, I.J. 1793. *Clariorum Hispaniensium atque exterorum epistolae cum praefatione et notis Ignatii de Asso*. Zaragoza, Typographia Regia.
- ASÚA, M. DE & FRENCH, R. 2005. *A New World of Animals. Early Modern Europeans on the Creatures of Iberian America*. Aldershot, Ashgate.
- BAIÃO, A. 1923. O comércio do pau-brasil. In: Dias, C.M. (Ed.). *História da colonização portuguesa do Brasil*. Porto Litografia Nacional. v. 2, p. 317-347.
- BEHN, A. 1688. *Oroonoko: or, The Royal Slave*. London, Will[iam] Canning.
- BELON, P. 1551. *L'histoire naturelle des estranges poissons marins, avec la vraie peinture & description du Daulphin, & de plusieurs autres de son espece*. Paris, Regnaud Chaudiere.
- BELON, P. 1553a. *De admirabile operum antiquorum et rerum suspiciendarum praestantia liber primus ... Parisiis, Gulielmum Cauellat*.
- BELON, P. 1553b. *De admirabile operum antiquorum et rerum suspiciendarum praestantia liber primus ... In: Bibliotheca Egidij Corrozet*. Parisiis.
- BELON, P. 1553c. *De admirabile operum antiquorum et rerum suspiciendarum praestantia liber primus ... Parisiis, Benedictum Prevost*.
- BELON, P. 1553d. *De arboribus coniferis, resiniferis, aliis quoque nonnullis sempiterna fronde virentibus, cum earundem iconibus ad viuum expressis*. In: Gulielmum Cauellat. Parisiis.
- BELON, P. 1553e. *De arboribus coniferis, resiniferis, aliis quoque nonnullis sempiterna fronde virentibus, cum earundem iconibus ad viuum expressis*. In: Bibliotheca Egidij Corrozet. Parisiis.
- BELON, P. 1553f. *De arboribus coniferis, resiniferis, aliis quoque nonnullis sempiterna fronde virentibus, cum earundem iconibus ad viuum expressis*. Parisiis, Benedictum Prevost.
- BELON, P. 1553g. *Les observations de plusieurs singularitez et choses memorables, trouuées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges, redigées en trois liures Par Pierre Belon du Mans*. Paris, Guillaume Cauellat.
- BELON, P. 1553h. *Les observations de plusieurs singularitez et choses memorables, trouuées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges, redigées en trois liures Par Pierre Belon du Mans*. Paris, Gilles Corrozet.
- BELON, P. 1553i. *De aquatilibus, Libri duo*. Parisiis, Carolum Stephanum.
- BELON, P. 1553j. *De aquatilibus, Libri duo*. Parisiis, Gulielmum Cauellat.
- BELON, P. 1554a. *Les observations de plusieurs singularitez & choses memorables, trouuées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges, redigées en trois liures, Par Pierre Belon du Mans. Reueuz de nouveau & augmentez de figures*. Paris, Guillaume Cauellat.
- BELON, P. 1554b. *Les observations de plusieurs singularitez & choses memorables, trouuées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges, redigées en trois liures, Par Pierre Belon du Mans. Reueuz de nouveau & augmentez de figures*. Paris, Gilles Corrozet.
- BELON, P. 1555a. *Les observations de plusieurs singularitez et choses memorables, trouuees en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges, redigées en trois liures, Par Pierre Belon du Mans. Reueuz de nouveau & augmentez de figures*. Paris, Guillaume Cauellat.
- BELON, P. 1555b. *Les observations de plusieurs singularitez et choses memorables, trouuees en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges, redigées en trois liures, Par Pierre Belon du Mans. Reueuz de nouveau & augmentez de figures*. Paris, Gilles Corrozet.
- BELON, P. 1555c. *Les observations de plusieurs singularitez & choses memorables, trouuées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges, redigées en trois Liures, Par Pierre Belon du Mans. Reueuz de rechef, & augmentez de figures, avec vne nouvelle Table de toutes les matieres traitées en iceux*. Anvers, Christofle Plantin.
- BELON, P. 1555d. *La nature & diuersité des poissons, avec leurs pourtraicts, representez au pres du naturel*. Paris, Charles Estienne.
- BELON, P. 1555e. *L'histoire de la nature des oyseaux, avec leurs descriptions, & naïfs portraits retirez du naturel*. Paris, Guillaume Cauellat.
- BELON, P. 1555f. *L'histoire de la nature des oyseaux avec leurs descriptions & naïfs portraits retirez du naturel*. Paris, Gilles Corrozet.
- BELON, P. 1557. *Portraits d'oyseaux, animaux, serpens, herbes, arbres, hommes et femmes, d'Arabie & Egypte*. Paris, Guillaume Cauellat.
- BELON, P. 1558a. *Les remonstrances sur le default du labour & culture des plantes, & de la cognoissance d'icelles*. Paris, Guillaume Cauellat.
- BELON, P. 1558b. *Les remonstrances sur le default du labour & culture des plantes, & de la cognoissance d'icelles*. Paris, Gilles Corrozet.
- BELON, P. 1588. *Les observations de plusieurs singularitez et choses memorables, trouuees en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges, redigées en trois liures, Par Pierre Belon du Mans. Reueuz de nouveau & augmentez de figures*. Paris, Chez Hierosme de Marnef & la veusve Guillaume Cauellat.
- BELON, P. 1589a. *Plurimarum singularium & memorabilium rerum in Graecia, Asia, Aegypto, Iudaea, Arabia, alliãq. exteris Prouinciis ab ipso conspectarum Obseruationes, tribus Libris expressae*. Antverpiae, Ex Officina Christophori Plantini.
- BELON, P. 1589b. *De neglecta Stirpium Cultura, atque earum cognitione Libellus*. Antverpiae, Ex Officina Christophori Plantini.
- BELON, P. 1997. *L'Histoire de la Nature des Oyseaux*. Genève, Librairie Droz.
- BELON, P. 2001. *Voyage au Levant: les observations de Pierre Belon du Mans*. Paris, Editions Chandeigne.
- BERNON, L. 1670. *Recueil des pieces curieuses apportées des Indes, d'Egypte et d'Ethiopie qui se trouvent dans le Cabinet de Leonard Bernon, sieur de Bernonville à La Rochelle*. Paris, Imprimerie de laques le Gentil.
- BOEHRER, B.T. 2004. *Parrot culture: our 2,500-year-long fascination with the world's most talkative bird*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- BOITEUX, L.A. 1937. A toponomastica da costa catharinense no seculo XVI. *Revista Maritima Brasileira*, 56(11/12): 1043-1094.
- BONNICHON, P. 1998. Images et connaissance du Brésil: diffusion en France de Louis XII à Louis XIII. In: Queirós Mattoso, K. de & Rolland, D. (Org.), *Naissance du Brésil Moderne, 1500-1808*. Paris, Presses de l'Université de Paris Sorbonne. p. 11-31.

- BOREMAN, T. 1774. *A description of three hundred animals, viz. beasts, birds, fishes, serpents, and insects ...* London, J. and F. Rivington, Hawes, Clarke and Collins, T. Caslon, S. Crowdeer, B. Law, F. Newbery, G. Robinson & H. Baldwin.
- BOWEN, K.L. & IMHOF, D. 2008. *Christopher Plantin and Engraved Books Illustrations in Sixteenth-Century Europe*. Cambridge, Cambridge University Press.
- CABEZA DE VACA, A.N. 1555. *La relacion y comentario del gouenador Aluar nuñez cabeça de vaca, de lo acaescido en las dos jornadas que hizo a las Indias*. Valladolid, Francisco Fernandes de Cordoua.
- CAIUS, J. 1570. De Rariorum Animalium atque Stirpium Historia. Londini, William Seres.
- CAMERARIUS, J. 1595. *Symbolorum & emblematum ex animalibus quadrupedibus desumptorum centuria altera collecta*. Norimbergae, Paulus Kaufmann.
- CAMPANARIO, M. DE A. 1980. *Hans Staden: o homem e a obra*. São Paulo, Editora Parma.
- CARDANO, G. 1550. *De Subtilitate Libri XXI*. Norimbergae, Ioh. Petreium.
- CARDIM, F. 1939. *Tratados da terra e gente do Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- CARDOSO, A. 1918. La ornitología fantástica de los Conquistadores. *El Hornero*, 1(3): 153-160.
- CARVALHO, M.E.G. DE. 1909. *D. João III e os franceses*. Lisboa, Livraria Classica Editora.
- CARVALHO, M.R. DE & MCEACHRAN, J.D. 2003. Family Pristidae (Sawfishes). In: Reis, R.E.; Kullander, S.O. & Ferraris Jr., C.J. *Check list of the freshwater fishes of South and Central America*. Porto Alegre, EDIPUCRS. p. 17-20.
- CÉARD, J. 1975. Pierre Belon, zoologiste. In: Colloque Renaissance-Classique du Maine, 1, 1975. Le Mans. *Actes ...* Paris, Librairie A.G. Nizet., p. 129-140.
- CLEROT, L.F.R. 1959. *Vocabulário de termos populares e gírias da Paraíba*. Rio de Janeiro, Gráfica Riachuelo Editora.
- CLUTTON-BROCK, J. 2012. *Animals as domesticates: a World view through History*. East Lansing, Michigan State University Press.
- COLE, F.J. 1949. *A History of Comparative Anatomy, from Aristotle to the Eighteenth Century*. London, Macmillan.
- COLÓN, F. 1571. *Historie del S.D. Fernando Colombo; nelle s'ba particolare et vere relatione della vita e de' fatti dell'Almiraglio D. Christoforo Colombo suo padre*. Venetia, Francesco de' Franceschi Sanese.
- CONTANT, P. 1609. *Le Iardin, et Cabinet Poetique de Paul Contant apoticaire de Poitiers*. Poitiers, Anthoine Mesnier.
- CRÍE, L. 1882a. Pierre Belon du Mans et l'Anatomie Comparée. *Revue Scientifique*, 3(16): 481-485.
- CRÍE, L. 1882b. Pierre Belon et la nomenclature binaire. *Revue Scientifique*, 3(24): 737-740.
- CRÍE, L. 1883a. Les voyages de Pierre Belon et l'Égypte au XVI^e siècle. *Revue Scientifique*, 4(7): 197-203.
- CRÍE, L. 1883b. Pierre Belon et l'Horticulture. *Revue Scientifique*, 3(17): 534-538.
- CRÍE, L. 1883c. Pierre Belon et l'Ichtyologie. *Revue Scientifique*, 4(24): 741-745.
- CRÍE, L. 1883d. Pierre Belon du Mans et son oeuvre. *Bulletin de la Société Philotechnique du Maine*, 3(3): 121-125.
- CRÍE, L. 1884. Pierre Belon et l'Histoire Naturelle du dauphin. *Revue Scientifique*, 5(22): 689-692.
- CUNHA, A.G. 1966. *Coisas notáveis do Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro.
- DE WIT, H.C.D. 1992-1994. *Histoire du développement de la Biologie*. Lausanne, Presses Polytechniques et Universitaires Romandes.
- DELAUNAY, P. 1923. Les voyages en Angleterre du médecin naturaliste Pierre Belon. In: International Congress of the History of Medicine, 3, 1922, London. *Proceedings ...* Anvers, Imprimerie De Vlijt. p. 306-308.
- DELAUNAY, P. 1926a. *L'aventureuse existence de Pierre Belon du Mans*. Paris, Edouard Champion.
- DELAUNAY, P. 1926b. *Pierre Belon, naturaliste*. Le Mans, Imprimerie Monnoyer.
- DELAUNAY, P. 1962. *La zoologie au seizième siècle*. Paris, Hermann.
- DESTOMBES, M. 1972. André Thevet (1504-1592) et sa contribution à la cartographie et à l'océanographie. *Proceedings of the Royal Society of Edinburgh, Section B, Biology*, 72(1): 123-131.
- DOMINGO, M.C. (Ed.). 1987. *Suma de Geografia*. Madrid, Museo Naval.
- DONKIN, R.A. 1989. *The Muscovy Duck, Cairina moschata domestica: origins, dispersal, and associated aspects of the geography of domestication*. Rotterdam, A.A. Balkema.
- DUZER, C. VAN. 2013. *Sea Monsters on Medieval and Renaissance Maps*. London, The British Library.
- EASTMAN, C.R. 1915. Early Portrayals of the Opossum. *American Naturalist*, 49(586): 585-594.
- EGMOND, F. & MASON, P. 1994. Armadillos in Unlikely Places. Some Unpublished Sixteenth-Century Sources for New World *Rezeptiongeschichte* in Norther Europe. *Ibero Amerikanisches Archiv*, 20(1/2): 3-52.
- ENCISO, M.F. DE. 1519. *Suma de Geographia q̃ trata de todas las partidas y provincias del mundo: en especial de las indias*. Seuilla, Jacobo Cróberger.
- FABER, J. 1628. *Animalia Mexicana descriptionibus scholijsq. exposita*. Roma, Jacobus Mascardus.
- FERNANDES, A.L.S., COUTO, L.L. & AVELINE, L.C. 1991. Dicionário dos nomes vulgares de aves brasileiras. In: *Sistema de Informação de Recursos Naturais e Meio Ambiente*. Rio de Janeiro, IBGE. v. 3, Sistematização de dados sobre a fauna brasileira.
- FERRARI, C.E. 1835. *Vocabolario Bolognese-Italiano colle voci francese corrispondenti*. Bologna, Tipografia de la Volpe.
- FERRONHA, A.L., BETTENCOURT, M. & LOUREIRO, R. 1993. *A fauna exótica dos descobrimentos*. Lisboa, Edição ELO.
- FRANCK, S. 1567. *Ander theil dieses Weltbuchs von Schiffffahrten. Warhafftige Beschreibunge aller und mancherley sorgfältigen, Schiffarten, auch viler vnbekanten erfundenen Landschafften, Insulen, Königreichen und Stedten, von derselbige gelegenheit, wesen gebreuchen, siten, Religion Künst vnd handtierung*. Franckfurt am Mayn, Martin Lechler im Verlegung Sigmund Feirabends und Simon Hüters.
- FUCHS, L. 1561. *L'Histoire et povtrait des plantes, et herbes dont on use coustumierement, foit au manger, ou en medecine, auleur propriété & vertu*. Lyon, Benoist Rigaud.
- GALEOTTO CEY. 1995. *Viaje y descripción de las Índias, 1539-1553*. Caracas, Fundación Banco Venezolano de Crédito.
- GARCÍA-ROMERAL, C. 2004. *Diccionario de Viajeros Españoles: desde la Edad Media a 1970*. Madrid, Ollero y Ramos Editores.
- GEORGE, W. 1969. *Animals on maps*. London, Secker and Warburg.
- GEORGE, W. 1980. Sources and background to discoveries of new animals in the sixteenth and seventeenth centuries. *History of Science*, 18: 79-104.
- GEORGE, W. 1985. Alive or dead: Zoological Collections in the Seventeenth Century. In: Impey, O. & Macgregor, A. (Ed.), *The Origins of Museums*. Oxford, Clarendon Press. p. 179-187.
- GESNER, C. 1553. *Icones animalium quadrupedum viviparorum et oviparorum, quae in Historiae Animalium Conradi Gesneri libro I. et II. describuntur, cum nomenclatvris singulorum latinis, graecis, italicis, gallicis, et germanicis plerumque, et aliarum quoque linguarum, certis ordinibus digestas*. Tiguri, C. Froscchevervs.
- GESNER, C. 1554. *Historiae Animalium Liber II. de Quadrupedibus Ouiparis. Adiectae sunt nouae aliquot Quadrupedum figurae*.

- in primo libro de Quadrupedibus uiuiparis desideratae, cum descriptionibus plerorumque breuissimis. Tigvri, C. Froschovervs.
- GESNER, C. 1555a. *Historiae Animalium Liber III. qui est de Avium natura*. Tigvri, Christoph. Froschovervm.
- GESNER, C. 1555b. *Icones Avium Omnium, quae in Historia Avium Conradi Gesneri describuntur, cum nomenclaturis singulorum latinis, italicis, gallicis et germanicis plerumque, per certos ordines digestae*. Tigvri, C. Froschovervm.
- GESNER, C. 1558. *Historiae Animalium Liber IIII. qui est de Piscium & Aquatiliu animantium natura*. Tigvri, Christoph. Froschovervm.
- GESNER, C. 1560a. *Icones Avium Omnium, quae in Historia Avium Conradi Gesneri describuntur, cum nomenclaturis singulorum latinis, italicis, gallicis et germanicis plerumque, per certos ordines digestae. Editio secunda, nouis aliquot Eiconibus aucta*. Tigvri, C. Froschovervm.
- GESNER, C. 1560b. *Icones Animalium Quadrupedum Viviparorum et Oviparorum, quae in Historiae Animalium Conradi Gesneri Libro I. et II. describuntur, cum nomenclaturis singulorum latinis, graecis, italicis, gallicis et germanicis plerumque, et aliarum quoque linguarum, certis ordinibus digestae. Editio secunda, nouis Eiconibus non paucis, & passim nomenclaturis ac descriptionibus auctior*. Tigvri, C. Froschovervs.
- GESTOSO Y PÉREZ, J. 1910. *Curiosidades Antiguas Sevillanas*. Sevilla, El Correo de Andalucía.
- GILLES, P. 1561a. *De topographia Constantinopoleos, et de illius antiquitatibus Libri quator*. Lvgdvi, Gvilielmvm Rovillivm.
- GILLES, P. 1561b. *De Bosporo Thracio Libri III*. Lvgdvi, Gvilielmvm Rovillivm.
- GLARDON, P. 2011. *L'Histoire Naturelle au XV^e Siècle. Introduction, étude et édition critique de La nature et diversité des poissons de Pierre Belon (1555)*. Genève, Librairie Droz.
- GODEFROY, F. 1881-1902. *Dictionnaire de l'Ancienne Langue Française et de tous ses dialectes du IX^e au XV^e siècle*. Paris, Librairie Émile Bouillon.
- GOELDI, E.A. 1894. *As aves do Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria Clássica de Alves.
- GOODRICH, T.D. 1982. Ottoman Americana: the Search for the Sources of the Sixteenth-century Tarihi-i Hind-i garbi. *Bulletin of Research in the Humanities*, 85: 269-294.
- GOODRICH, T.D. 1987. Tarihi-i Hind-i garbi: An Ottoman Book on the New World. *Journal of the American Oriental Society*, 107(2): 317-319.
- GRAY, G.R. 1859. *List of the specimens of birds in the collection of the British Museum*. London, Trustees of the British Museum. Part III, Section II: Psittacidae.
- GREENLEE, W.B. 1938. *The Voyage of Pedro Álvares Cabral to Brazil and India*. London, Hakluyt Society.
- GRIFFIN, J.P. 2004. Venetian treacle and the foundation of medicines regulation. *British Journal of Clinical Pharmacology*, 58(3): 317-325.
- GRIMM, J. & GRIMM, W. 1854. *Deutsches Wörterbuch*. Leipzig, Verlag von S. Hirzel. v. 1: A – Biermolke.
- GUBERNATIS, A. DE. 1874. *Mythologie Zoologique ou les Legendes Animales*. Paris, Durand et Pedone Lauriel.
- GUDGER, E.W. 1934. The Five Great Naturalists of the Sixteenth Century: Belon, Rondelet, Salviani, Gesner and Aldrovandi: a Chapter in the History of Ichthyology. *Isis*, 22: 21-40.
- GUÉRIN, F.E. (ORG.). 1833-1834. *Dictionnaire pittoresque d'Histoire Naturelle et des Phénomènes de La Nature*. Paris, Bureau de Subscription.
- HERNÁNDEZ, F. 1628. *Rerum Medicarum Novae Hispaniae Thesaurus seu Plantarum Animalium Mineralium Mexicanorum Historia*. Romae, Vitalis Mascardi.
- HOHBERG, W.H. VON. 1682. *Georgica curiosa, das ist: Umständlicher Bericht und klarer Unterricht vom dem adelichen Land- und Feld-Leben ...* Nürnberg, Michael Endter.
- HONOUR, H. 1975. *The New Golden Land. European Images of America from the Discoveries to the Present Time*. London, Allen Lane.
- HOWGEGO, R.J. 2003. *Encyclopedia of Exploration to 1800*. Potts Point, Hordern House.
- HOYO, J. DEL, ELLIOT, A. & CHRISTIE, D. (ED.). 2011. *Handbook of the birds of the world*. Barcelona, Lynx Edicions. Vol. 16: Tanagers to New World Blackbirds.
- IHERING, R. VON, 1940. *Dicionário dos animais do Brasil*. São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo.
- ISLER, M.L. & ISLER, P.R. 1987. *The tanagers: Natural History, distribution and identification*. Washington D.C., Smithsonian Institution Press.
- IUCN. 2012. *The IUCN Red List of Threatened Species: Version 2012.2*. IUCN Global Species Programme Red List Unit, Cambridge. Disponível em <www.iucnredlist.org>. Consulta em 22 de janeiro de 2013.
- JODE, C. DE. 1593. *Speculum Orbis Terrae*. Sumptibus viduae et heredu[m] Antverpiae, Gerardi de Iudaeis.
- JOPPIEN, R. 1978. Étude de quelques portraits ethnologiques de l'oeuvre d'André Thevet. *Gazette des Beaux Arts*, 1978(avril): 125-136.
- L'ÉCLUSE, C. DE. 1605. *Exoticorum Libri Decem: Quibus Animalium, Plantarum, Aromatum, aliorumque peregrinorum Fructuum historiae describuntur*. Antuerpiae, Ex Officina Plantiniana Raphelengii.
- LABORIE, J.C. & LESTRINGANT, F. (ED.). 2006. *Histoire d'André Thevet Angoumoisain, Cosmographe du Roy, de deux voyages par luy faits aux Indes Australes, et Occidentales*. Genève, Librairie Droz.
- LANGENHEIM, J.H. 2003. *Resins: Chemistry, Evolution, Ecology and Ethnobotany*. Portland, Timber Press.
- LATCHAM, R.E. 1922. *Los animales domésticos de la America Precolombiana*. Santiago de Chile, Museo de Antropologia y Antropologia.
- LE TESTU, G. 2012. *Cosmographie Universelle selon les navigateurs tant anciens que modernes*. Paris, Arthaud, & Carnets des Tropiques. Direction de la Mémoire, du Patrimoine et des Archives.
- LEGRÉ, L. 1901. *La Botanique en Provence au XVI^e Siècle*. Marseille, H. Aubertin & G. Rolle.
- LEITE, S. 1938-1950. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa & Rio de Janeiro, Livraria Portugália & Civilização Brasileira.
- LEITE, S. 1953. *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil*. Lisboa & Rio de Janeiro, Edições Brotéria & Livros de Portugal.
- LÉRY, J. DE. 1578. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, autrement dite Amerique*. La Rochelle, Antoine Chuppin.
- LESTRINGANT, F. 1991. *André Thevet: Cosmographe des derniers Valois*. Genève, Librairie Droz.
- LETARD, E. 1950. Origine des oiseaux domestiques. In: Grassé, P.P. (Org.), *Traité de Zoologie*. Paris, Masson et Cie. Vol. 15: Oiseaux, p. 1100-1120.
- LETESSEIER, F. 1975. Vie et survivance de Pierre Belon. In: Colloque Renaissance-Classique du Maine, 1, 1975, Le Mans. *Actes ...* Paris, Librairie A.G. Nizet. p. 107-128.
- LEY, W. 1941. *The lungfish, the dodo, and the unicorn*. New York, Viking Press.
- LLOYD, J.B. 1971. *African animals in Renaissance literature and art*. Oxford, Clarendon Press.
- LÓPEZ DE GÓMARA, F. 1552. *Primera y Segunda parte de la Historia General de las Indias con todo el descubrimiento y cosas notables que han acaecido dende que ganaron ata el año de 1551*. Çaragoça, Augustin Millan.
- LOPEZ PIÑERO, J.M. 1990. *El Atlas de Historia Natural donado por Felipe II a Jaime Honorato Pomar*. Valencia, Vicente Garcia.

- LOPEZ PIÑERO, J.M. 1991a. *El Códice Pomar (ca. 1590), el interés de Felipe II por la Historia Natural y la expedición Hernández a América*. Valencia, Instituto de Estudios Documentales e Históricos sobre la Ciencia.
- LOPEZ PIÑERO, J.M. 1991b. The Pomar Codex (ca. 1590): Plants and Animals of the Old World and from Hernández Expedition to America. *Nuncius*, 7: 35-52.
- LOPEZ PIÑERO, J.M. 2003. La Cátedra de Medicamentos Simples o "Herbes" de la Universidad de Valencia durante el siglo XVI. In: Congreso Internacional de Historia de las Universidades Hispánicas, 6º. *Aulas y Saberes*. Valencia, Universitat de València. v. 2, p. 111-123.
- LÓPEZ RODRÍGUEZ, J.R. 1995. Sevilla, el nacimiento de los museos, América y la Botánica. In: La Calle, F.G. & Beltrán, J.L. (Org.). *La Antigüedad como Argumento II: Historiografía de Arqueología e Historia Antigua en Andalucía*. Sevilla, Scriptorium. p. 75-97.
- LOWNIE, H. 1977. Research problems regarding the domestication of South American mammals. In: Brothwell, D.R., Thomas, K.D. & Clutton-Brock, J. (Ed.), *Research problems in Zooarchaeology*. London, University of London. p. 113-121.
- LOZANO, P. 1878. *Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman*. Buenos Aires, Imprenta Popular.
- MACGILLIVRAY, W. 1834. Lives of eminent zoologists, from Aristotle to Linnaeus. Edinburgh, Oliver & Boyd.
- MASON, P. 2001. *The Lives of Images*. London, Reaktion Books.
- MASON, P. 2007. *Americana in the Exoticorum libri decem* of Charles de l'Écluse. In: Egmond, F.; Hoftijzer, P. & Visser, R. (Ed.). *Carolus Clusius: Towards a cultural history of a Renaissance naturalist*. Koninklijke Nederlandse Amsterdam, Akademie van Wetenschappen. p. 195-219.
- MCEACHRAN, J.D. & CARVALHO, M.R. DE. 2003. Order Rajiformes, Pristidae, Sawfishes. In: Carpenter, K.E. *The living marine resources of the Western Central Atlantic*. Rome, FAO. v. 1, Introduction, molluscs, crustaceans, hagfishes, sharks, batoid fishes, and chimaeras. p. 524-526.
- MEDINA, J.T. 1898. *El veneciano Sebastián Caboto al servicio de España*. Santiago de Chile, Imprenta y Encadernación Universitaria.
- MESNARD, P. 1973. L'Horizon zoologique de la Renaissance. In: Buck, A., Costabel, P., Debus, A.G. et al. (Ed.). *Les sciences de la Renaissance*. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin. p. 197-205.
- MIALL, L.C. 1912. *The Early Naturalists, their lives and work*. London, Macmillan.
- MOCQUET, J. 1617. *Voyages en Afrique, Asie, Indes Orientales et Occidentales faits par Jean Mocquet, Garde du Cabinet des Sçavants du Roi*. Paris, Jean Heuqueville.
- MONARDES, N. 1571. *Segunda parte del libro de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales, que sirven al uso de medicina*. Sevilla, Alonso Escriuano.
- MONARDES, N. 1574. *De Simplicibus Medicamentis ex Occidentali India delatis, quorum in Medicina usus est*. Antverpiae, Christophori Plantini.
- MORAN, M. & CHECA, F. 1985. *El coleccionismo en España. De la Cámara de las Maravillas a la Galería de Pinturas*. Madrid, Ediciones Cátedra.
- MORREN, E. & CRIÉ, L. 1885. A la mémoire de Pierre Belon du Mans, 1517-1564. *La Belgique Horticole*, 35: 5-16.
- NAVAGERO, A. 1563. *Il viaggio fatto in Spagna, et in Francia, dal magnifico m. Andrea Navagiero, fu oratore dell'illustrissimo Senato Veneto, alla cesarea maesta di Carlo V. Venezia, Domenico Farri*.
- NAVARETTE, M.F. DE. 1858. *Colección de los Viajes y Descubrimientos que hicieron por mar los Españoles desde fines del siglo XV, con varios documentos inéditos concernientes a la historia de la Marina Castellana y de los Establecimientos Españoles en Indias*. Madrid, Imprenta Real. v. 1, Viajes de Colón, Almirantazgo de Castilla.
- NEEDHAM, J. 1934. *A History of Embryology*. Cambridge, Cambridge University Press.
- NIEREMBERG, J.E. 1635. *Historia Naturae, Maxime Peregrinae, Libris XVI. distincta*. Antverpiae, Officina Plantiniana Balthazaris Moretis.
- OGOT, B.A. (Ed.). 1999. *Histoire Generale de l'Afrique*. Paris, Éditions UNESCO. v. 5, L'Afrique du XVI^e au XVIII^e siècle.
- OLINA, G.P. 1622. *Vccelliera, o vero Discorso della Natura e Proprieta di diversi Vccelli, e in particolare di que' che cantano, con il modo di prendergli, conoscergli, alleuargli, e mantenergli*. Roma, Andrea Fei.
- OVIDEO Y VALDÉS, G.F. DE. 1526. *De la natural hystoria de las Indias*. Toledo, Remón de Petras.
- OVIDEO Y VALDÉS, G.F. DE. 1535. *Historia General y Natural de las Indias, Islas y Tierra-Firme del Mar Oceano*. Sevilla, Iuam Cromberger.
- OVIDEO Y VALDÉS, G.F. DE. 1851-1855. *Historia General y Natural de las Indias, Islas y Tierra-Firme del Mar Océano*. Madrid, Imprenta de la Real Academia de Historia.
- PAPAVERO, N., LLORENTE-BOUSQUETS, J. & ESPINOSA-ORGANISTA, D. 1975. *Historia de la Biología Comparada desde el Génesis hasta el Siglo de las Luces*. México DF, Universidad Nacional Autónoma de México. v. 3, De Nicolás de Cusa a Francis Bacon.
- PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D.M. & RAMOS, M.C. 1997. *A "Protogaea" de G.W. Leibniz (1749): uma teoria sobre a evolução da Terra e a origem dos fósseis*. São Paulo, Editora Plêiade & Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
- PARÉ, M. 1579. *Les Oeuvres de Ambroise Paré, Conseiller, et Premier Chirvrgien du Roy*. Paris, Gabriel Buon.
- PENARD, T.E. 1925. Historical sketch of the Ornithology of Surinam. *New West Indian Guide*, 6(1): 145-168.
- PIGAFETTA, F. 1591. *Relatione del Reame di Congo et delle circonvicine contrade Tratta dalli Scritti & ragionamenti di Odoardo Lopez Portoghese*. Roma, Bartolomeo Grassi.
- PINTO, O.M. DE O. 1944. *Catálogo das aves do Brasil e lista dos exemplares existentes na coleção do Departamento de Zoologia*. São Paulo, Departamento de Zoologia, Secretaria de Agricultura. Parte 3 – Superfamília Tyrannoidea e Subordem Passeres.
- PISO, G. 1658. *De Indiae Utriusque re naturali et medica Libri quatuordecim, Quorum contenta pagina sequens exhibet*. Amstelædami, Ludovicum et Danielem Elzevirios.
- PLÍNIO, O VELHO. 1979-1984. *Natural History*. Cambridge, Mass., Harvard University Press & William Heinemann.
- POLLARD, J. 1977. *Birds in Greek life and myth*. London, Thames and Hudson.
- RALEGH, W., SIR. 1596. *The Discoverie of the Large, Rich, and Bewtiful Emppye of Gviana, with a relation of the great and Golden Citie of Manoa (which the Spanyards call El Dorado) and of the Prouinces of Emeria, Arromaia, Amapaia, and others Countries, with their riuers, adioyning*. London, Robert Robinson.
- REDI, F. 1671. *Esperienze intorno a diverse cose naturali e particolarmente a quelle, che si son portate dall'Indie*. Firenze, All'Isogna della Nave.
- RICHART, M.B. 1999. *Iconografía Animal. La representación animal en libros europeos de Historia Natural de los siglos XVI y XVII*. Cuenca, Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.
- RIOS, E.C. 1970. *Coastal Brazilian Seashells*. Rio Grande, Museu Oceanográfico de Rio Grande.
- RIOS, E.C. 1985. *Seashells of Brazil*. Rio Grande, Museu Oceanográfico de Rio Grande.
- RONDELET, G. 1554. *Libri de Piscibus Marinis, in quibus verae Piscium effigies expressae sunt*. Lvgdvi, Matthiam Bonhomme.
- ROWLAND, B. 1978. *Birds with human souls: a guide to bird symbolism*. Knoxville, University of Tennessee Press.

- RUBIÉS, J.P. 2009. Texts, images, and the perception of 'savages' in Early Modern Europe: what we can learn from White and Harriot. In: Sloan, K. *European Visions, American Voices*. London, British Museum. p. 120-130.
- SADLER, D.J. 2008. *Brazil imagined: 1500 to the present*. Austin, University of Texas Press.
- SANCEAU, E. 1956. *Capitães do Brasil*. Porto, Livraria Civilização Editora.
- SANCHES, J.G. 1989. Nomenclatura portuguesa de organismos aquáticos (proposta para normalização estatística). *Publicações Avulsas do Instituto Nacional de Investigação das Pescas*, 14: 1-322.
- SCHAMA, S. 1999. *Rembrandt's Eyes*. New York, Alfred A. Knopf.
- SCHNAPPER, A. 1988. *Le géant, la licorne et la tulipe. Collections et collectionneurs dans la France du XVII^e siècle*. Paris, Flammarion.
- SICK, H. 1984. Brasilianischer Ara 1502/03 in Europa gemalt. *Journal für Ornithologie*, 125(4): 479-481.
- SICK, H. 1985. *Ornithologia brasileira, uma introdução*. Brasília, Editora Universidade de Brasília.
- SIMMONS, J. & SNIDER, J. 2009. *Ciencia y arte en la ilustración científica*. Bogotá, Sistema de Patrimonio Cultural y Museos.
- SIMONSEN, R.C. 1937. *Historia Economica do Brasil 1500-1820*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- SKETCH OF PIERRE BELON WITH PORTRAIT. 1889. *Popular Science Monthly*, 34(March): 692-696.
- SMITH, P.J. 2007. On toucans and hornbills: readings in early modern ornithology from Belon to Buffon. In: Enekel, K.A.E. & Smith, P.J. (Ed.). *Early Modern Zoology. The Construction of Animals in Science, Literature and the Visual Arts*. Leiden, Brill. p. 75-117.
- SOUSA, G.S. DE. 1938. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- SOUSA, P.L. DE. 1927. *Diário da Navegação de Pero Lopes de Sousa 1530-1532*. Rio de Janeiro, Typographia Leuzinger.
- SOUZA, B.J. DE. 1939. *O Pau-Brasil na História Nacional*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- STADEN, H. 1557. *Warhaftige Historia vnd beschreibung eyner Landschafft der Wilden, Nacketen, Grimmigen Menschfresser Leuthen, in der Newenwelt America gelegen, vor vnd nach Christi geburt im Land zu Hessen vnbekant, bis vff dise ij. nechst vergangene jar, Da sie Hans Staden von Homberg auss Hessen durch sein eygne erfahrung erkant, vnd yetzo durch den truck an tag gibt*. Marburg, Andress Kolben.
- STRESEMANN, E. 1951. *Der Ornithologie von Aristoteles bis zur Gegenwart*. Berlin, F.W. Peters.
- TEIXEIRA, D.M. (ORG.). 1997. *Brasil Holandês: documentos da biblioteca universitária de Leiden, o "Thierbuch" e a "Autobiografia" de Zacharias Wagener e os quadros do "Weinbergsschlösschen" de Hoflösnitz*. Rio de Janeiro, Editora Index.
- TEIXEIRA, D.M. 1998a. As aves do "Thierbuch" de Zacharias Wagener de Dresden (1614-1668). *Historia Naturalis*, 1: 57-98.
- TEIXEIRA, D.M. (ORG.). 1998b. *Brasil Holandês: "Coleção Niedenthal", "Animaux et Oiseaux" & "Naturalien-Buch" de Jacob Wilhelm Griebner*. Rio de Janeiro, Editora Index.
- TEIXEIRA, D.M. 1999. *O mito da natureza intocada: as aves do Brasil Holandês (1624-1654) como exemplo para a história recente da fauna do Novo Mundo*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Ciências Biológicas/Zoologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- TEIXEIRA, D.M. 2013. As aves brasileiras descritas na *Histoire de la nature des oiseaux* de Pierre Belon (1555). *Filosofia e História da Biologia*, 8(3): 413-428.
- TEIXEIRA, D.M. 2014. A curiosa história dos tatus: um improvável símbolo Renascentista do Novo Mundo. In: Stols, E. & Thomas, W. (Ed.). *Um Mundo Sobre o Papel: Livros e Gravuras Flamengas no Império Hispano-Português (XVI-XVIII)*. São Paulo & Belo Horizonte, Edusp & UFMG. [no prelo].
- TEIXEIRA, D.M. & PAPAVERO, N. 1999. The problem of marsupial reproduction: a brief historical review. *Historia Naturalis*, 2: 285-303.
- TEIXEIRA, D.M. & PAPAVERO, N. 2002. A viagem de Vicente Yáñez Pinzón (1499-1500) e o primeiro relato sobre a História Natural do Brasil, segundo as "Décadas" de Pietro Martire de Anghiera. *Publicações Avulsas do Museu Nacional*, 93: 1-48.
- TEIXEIRA, D.M. & PAPAVERO, N. 2006. Os Animais do Descobrimento: a fauna brasileira mencionada nos documentos relativos à viagem de Pedro Álvares Cabral (1500-1501). *Publicações Avulsas do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, 111: 1-133.
- TEIXEIRA, D.M. & PAPAVERO, N. 2010. O tráfico de primatas brasileiros nos séculos XVI e XVII. In: Pessoa, L.M., Tavares, W.C. & Siciliano, S. (Org.), *Mamíferos de Restingas e Manguezais do Brasil*. Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Mastozoologia & Museu Nacional – UFRJ. p. 253-282.
- THEVET, A. 1554. *Cosmographie de Levant*. I. Lyon, de Tovrnés et G. Gazeau.
- THEVET, A. 1557. *Les singularitez de la France Antarctique, avtrement nommée Amerique: & de plusieurs Terres & Isles decouvertes de nostre temps*. Paris, Maurice de la Porte.
- THEVET, A. 1575. *La Cosmographie Vniverselle d' André Thevet Cosmographe du Roy*. Paris, Guillaume Chaudiere.
- TOPSELL, E. 1607. *The Historie of Fovre-Footed Beastes*. London, William Iaggard.
- TOYNBEE, J.M.C. 1973. *Animals in Roman life and art*. London, Thames & Hudson.
- TRICOT, J.P. 2004. Le voyage en 1547 à Stamboul du médecin naturaliste Pierre Belon du Mans. *Histoire des Sciences médicales*, 38(2): 191-198.
- VARGAS MACHUCA, B. DE. 1599. *Milicia y Descripcion de las Indias, por el Capitan don Bernardo de Vargas Machuca, Cauallero Castellan natural de la villa de Simancas*. Madrid, Pedro Madrigal.
- VARNHAGEN, F.A. 1857. *Historia Geral do Brasil*. Rio de Janeiro, E. & H. Laemmert.
- VERDI, R. 2007. *Parrot in art*. London, Scala Publishers.
- VEIRA, C.O. DA C. 1936. Nomes vulgares de aves do Brasil. *Revista do Museu Paulista*, 20: 437-490.
- VILLA, J. 1976. Ichthyology of the Lakes of Nicaragua: Historical Perspective. In: Thorson, T.B. (Ed.). *Investigations of the Ichthyofauna of Nicaraguan Lakes*. Lincoln, University of Nebraska-Lincoln. p. 101-113.
- WALKER-MEIKLE, K. 2012. *Medieval pets*. Woodbridge, Boydell Press.
- WERNES, H.B. 2006. *The Continuum Encyclopedia of animal symbolism in Art*. New York, Continuum.
- WIED-NEUWIED, M. PRINZ ZU, 1831-1833. *Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien*. Weimar, Landes-Industrie-Comptoirs. v. 3-4 – Aves.
- YAPP, J.M.C. 1982. *Birds in medieval manuscripts*. New York, Schocken Books.

Aceito em: 25/09/2014

Publicado em: ##/##/####



Publicado com o apoio financeiro do Programa de Apoio às Publicações Científicas Periódicas da USP

ANEXO 1

Leitura diplomática das passagens sobre as espécies brasileiras existentes em “L’histoire naturelle des estranges poissons marins, avec la vraie peinture & description du Daulphin” de Pierre Belon (1551)

[Folios 53 v.-55 r.]

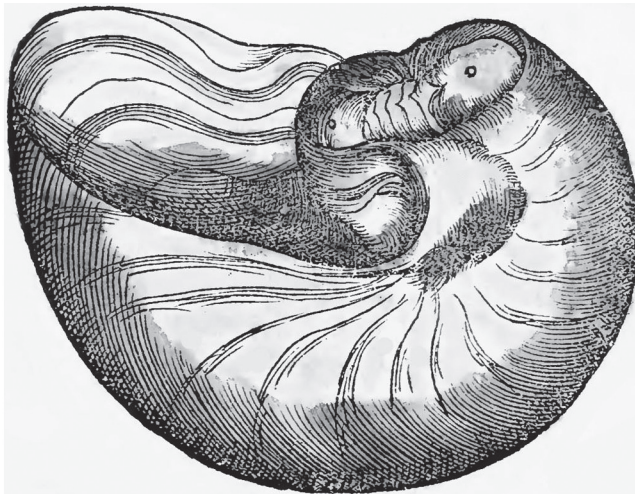
“Second Livre

D’vne autre coquille presque semblable au Nautilus, dont anciennement ont fait les plus beaux vases qu’eussent les Romains en usage. Chap. XXVI

La comparaison que j’ay naguere faicte de mon *Nautilus*, a la grand coquille de Porcelaine, m’a baillé occasion de la descrire. Elle est autrement nommee Coquille de Nacre de perle: il l’auoyt au parauant soupsonnee estre celle a qui le nom de Nauttil⁹ deust conuenir. Mais depuis aiant trouué le *Nautilus*, ie me suys mis en effort, de trouuer vn nom ancien de la susdicte Coquille de Porcelaine, qui ne m’a esté chose moult difficile, veu mesmement que le commun peuple la nommē vulgairemēt grosse Porcelaine, a la difference des petites. Desquelles l’a appellation n’est pas moderne. Car ie trouue des auteurs qui en on fait mētiō, expresse les nōmāts en Latī *Porcelliones*: desquelles les medecīs ont quelque vsage, comme ont peult veoir en l’ auteur des Pādictes & au Nicolas. Cela m’a faict autrefois penser que les ouuriers eussent l’industrie de les scaouir accoustrer pour en faire ces beaux vases que nous nommons de Porcelaine. Or ces Coquilles que j’ay dit estre nommees Porcelaines, sont moult petites, aiāts quelque affinité avec celles qui ont nom *Murices*, & *Murex* est a dire *Purpura*, qui se resent de *Murrha*. Parquoy sachant que les vaisseaux qui anciennement s’appelloient *Murrhina*, surpassoient tous autres en excellence de beauté & en pris lesquels toutesfois estoient naturels: sachant aussi que ceuls que nous nommons de Porcelaine sont artificiels. J’ay bien osé penser que les vases vulgairement nommez Porcelaine ne soient pas vraiment *Murrhina*. Car *Murrhina* me semble retenir quelque affinité avec *Murex*, & aussi la diction de *Murex* se resent ie ne scay quoy de la Porcelaine. Par quoy ie ne pourroie conceder que les vaisseaux de Porcelaine artificiels faicts de terre, puissent obtenir ce nom antique, tant insigne & excellent de *Murrhina vasa*: mais trop bien que les vases faicts de la subsdicte grosse Porcelaine ou Coquille de Nacre de Perle, le pourroient obtenir: car c’estoient d’elles que tels vases estoient faicts. Il y ha vne autre espece de Coquille moult grosse, pesante, & lourde, que les vns nōment improprement Porcelane. De ceste n’entens ie pas, ne aussi des vignols dont ceuls du Bresil font les patenostres, ne aussi des Nacres ou meres de perles, qui ressemblent l’ecaille d’vne huistre, ne aussi de plusieurs autres qui sont nommez Nacres de perles. Mais j’entens de ces belles Coquilles, rondes & caues, faictes en maniere de nauire, tant, luisantes & poliees, dont la couleur est plus excellente & exquise, que n’est la naifue couleur des perles: & la desquelles mesmemēt splendeur faict apparostre vn arc en ciel, d’vne infinité de couleurs reluisantes qui se referent es yeulx de ces qui les cōtēplēt. dont j’estime que les vaisseaux qui en furent anciennemēt faicts, prindrent ceste appellation de *Murrhina*, d’autant qu’ils tenoient quelques merques de la couleur de *Murex* qui est a dire *Purpura*. Mais je veoy maintenant vne maniere de vaisseaux que ie croy estre de l’inuention moderne quasi correspondants aux antiques nommez en vulgaire vaisseaux de Porcelaine, & croy bien que leur nom moderne se resente quelque chose de l’antique appellation de *Murrhina*. Ces vases de Porcelaine sōt les plus celebres qu’ō veoit pour le iourd’huy. Lesquels sont en ce differents aux anciēs que ceuls ci sont artificiels, & les autres nō. Je trouue que les vaisseaux de Porcelaine sont faicts la pluspart de la pierre nommee *Morochthus*, ou *Leucographis*: de laquelle les Egyptiēs se seruoient anciennement a blanchir leurs linges: mais ils en ont tourné l’vsage a donner les couuertes & enduits ou reuestemēts aux subsdicts vaisseaux. Et combien qu’il y ait de telle pierre au pais Vicētīn, au territoire Venitē aupres de la tour Rousse, qu’on porte a *Sallo*, & de la par le lac de garde pour distribuer esvilles d’Italie, dont ils fōt les couuertes des subsdicts vases de Porcelaines toutesfois il n’y ha nulle comparaison d’excellence d’ouurage aux vaisseaux de Porcelaine faicts en Italie, avec ceuls qu’on faict en Azamie & Egypte, lesquels sont transparents & excellents en beauté, & dont nous scauons que la piece pour petite qu’elle soit est vendue au Caire deux ducats, comme est vne escuelle ou vn plat. Il y en ha au Caire qui y ont esté apportez de Azamie, c’est a dire Assirie & disent qu’on en faict aussi en Inde: dont vne grāde aiguere on coquemart est vendu cinq ducats la piece. Si est ce qu’ils sont vaisseaux mal cōuenants a mettre au feu. Tels vases sont artificiels faicts de ce que j’ay dict. Mais les vases dont vsoient les Romains, estoient naturels, n’aiants autre artifice de l’ouurier, sinon belle pollissure: &

enchassement de la Coquille. Or pource que i'ay entrepris d'expliquer ceste chose, & la prouuer par la peincture, & par les vases qu'on en faict, il m'a semblé bon ne passer oultre que premier ie n'en baille leur description que ie prendray de Pline & consequemment le portaict. Si i'entrepenoye descrire toute l'histoire des vaisseauls de Porcelaine, i'entreroye en vn grád Labyrinthe hors de mó propos, dont ie ne pourroye ayseement sortir. Parquoy ie finiray des vaisseauls de Porcelaine, & prendray a parler des vaisseauls de *Murrhina*, que i'ay desia distingué des vaisseauls de Porcelaine, desquels Pline ha amplemēt escript au secōd chap. du xxxvij liure, dōt il me suffit en toucher legierement quelque petit mot en prouue de ce que i'ē ay desia parlé. Au lieu dessus allegué Pline dict, qu'on n'en auoit encor point veu a Rome auant la victoire Asiatique de Pompee lequel en dedia premieremēt six de son triūphe a Iupiter. Mais tantost apres par excellence chasque grand seigneur en voulut auoir. Il en dict beaucoup d'auātage, que ie laisse a cause de briefueté: toutesfois i'ay bien voulu adiouter ce qu'il en escript sur la fin du chapitre. C'est que tels vaisseauls estoient apportez du pais d'orient a Rome, & qu'on y en trouuoit en plusieurs endroits, mais grandement au roiaulme des Parthes, & principalement en Carmanie. L'on estime (dit il) qu'ils soient procrées soubz terre d'ũ humeur espessie par la chaleur. Leur grandeur n'excede iamais les petits Gardemāgers, & peu souuēt, sont si espes qu'est vn vaisseau a boire. Ces vaisseauls (dit il) ont splendeur sans force, & plus tost niteur qne splendeur. Mais la diuersité des couleurs les faict estre en estime & hault pris, scauoir est de taches se changeants en circuit de couleur de pourpre & blancheur, & tiercement d'vne viue & enflammee couleur entre les deux, comme par pourpre surpassant la rougeur, ou blanchissant en couleur de laict. Aucuns louent principalement en euls les extremitez, & quelques reuerberation de couleurs, telles qu'on voit en l'arc en ciel, c'est a dire celeste. Les taches grasses ou espesses y sont plaisātes: mais la transparence on palle couleur y est vicieuse, & aussi les inequalitez & verrues non eminentes, mais plates, comme es corps. Ils ont aussi quelque louenge en l'odeur. Cela dict Pline. Je ne di pas qu'on ne puisse bien appeler les subsdicts vases Porcelaine: mais il les faut distinguer, les nōmant vaisseauls de Porcelaine antiques, a la difference des vaisseauls de Porcelaine modernes. Car ceuls que nous auōs pour le iourd'huy, sont vaisseauls faicts de terre, que les Latins nomment *Fictilia*: ce que n'estoient les vases de Porcelaine des antiques, comme il appert en vn passage de Pline au liure trentecinq, chapitre douziesme, duquel il m'a semblé conuenable mettre les mots Latins. *Vitellius* (dit il) *in principatu suo cc. sestertiis condidit patinam, cui faciendae fornax in campis exaedificata erat: quoniam eò peruenit luxuria, vt etiam fictilia pluris constēt, quā Murrhina*. Ce passage de Pline est grandement a noter, car par iceluy appert que *Murrhina* n'estoient point faicts de terre, que les Latins dient *Fictilia*: & neantmoins ceuls qui afferment les vases vulgairement appellez de Porcelaine, estre ceuls que les anciens nommoient *Murrhina*, ne scauroient nier que les dicts vases aujour d'huy nommez de Porcelaine, ne soient *Fictilia*, c'est a dire faicts de terre. Je croy que qui voudra regarder de bien pres a la Coquille dont ie bailee le portraict, trouuera toutes les merques que i'ay n'agueres escriptes de *Murrhina*, par quoy il me semble ne faillir point en nommant *Murrha Concha* de nom antique, la Coquille dont icy est le portraict.

Portraict de la Coquille, vulgairement nomme grosse Porcellaine, ou grand Coquille de Nacre de Perle”.



ANEXO 2

Leitura diplomática das passagens sobre as espécies brasileiras existentes em “La nature & diversité des poissons, Avec leurs pourtraicts, representez au plus pres du naturel” de Pierre Belon (1555)

“LIVRE I

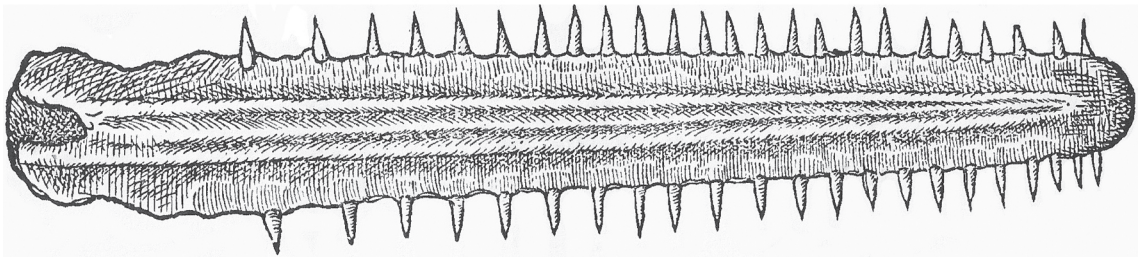
Des poissons longs & Cartilagineux, qui font leurs petits en vie. Chap. VII

[Folio 58 r.]

La Scie de mer

De ce poisson que lon dict estre grand & cartilagineux, n’auons deliberé monstrier la principale figure, tant pource qu’il uient des Indes & de la grand mer du Brasil, comme aussi pource que les marchans qui y uont & uiennent, n’en ont autre congnoissance que d’une partie d’iceluy qui est comme une grâde corne longue de trois coubdees, & large de pied & demi, & afferment qu’elle est attachee au front de ce grand poisson, & semblable a celle du Heron de mer: reste qu’elle n’est pas si ague, & ha de costé & d’autre le nôbre de cinquante huict dents fort dures, en facon de Scie. Ceste corne est aspre par dessus, & couuerte d’un cuyr de couleur cendree. Les marchans l’on appelee Langue de Serpent, pource qu’ils tiennent qu’elle porte medecine. Somme lon en tiens grand compte en plusieurs endroits.

Scie de mer, Langue de serpent”.



ANEXO 3

**Leitura diplomática das passagens sobre as espécies brasileiras existentes em
“L’Histoire de la Nature des Oyseaux” de Pierre Belon (1555)**

“Le troisieme livre de la natvre des oyseaux vivants le long des rivieres, ayants le pied plat, nommez en Latin *Palmipedes aues*: avec leurs descriptions & portraicts, retirez du naturel.

[Páginas 174-175]

De la grosse Cane de la Guinee.

CHAP. XIX

Il n’y’a pas long temps qu’on’a commēcé à nourrir & esleuer vne manière de Cane trape en nostre France, qui est de moyēne corpulēce entre vne Oye & vn Canard, & qui ne fait point de bruit en criant, d’autant que sa voix est enrōēe, & semble qu’elle ait les poulmons blessez. Il s’en trouue des ia si grande quātité par toutes noz contrees, que maintenāt on les nourrist par les villes, iusques à auoir commēcemēt de les vendre publiquemēt par les marchez, pour s’en seuir es festins & noces. Ceste Cane est basse eniambee, dont le masle est plus grand que sa femelle. Tout ainsi qu’il y’a beaucoup d’oyseaux si inconstants en la couleur du plumage, que tantost le male est blanc ou noir, ou de diuerses couleurs meslees, tātost la

Nous luy auons imposé ce nom Grec *Nitta libiki*¹²⁶, & *Ana libica* en Latin, Cane de la Guinee en François.



Νίττα ἰλιβική.

¹²⁶ Literalmente “pato-da-líbia”, do grego “Nesta” ou “Netta” (“pato”).

femelle est d'une couleur, & le masle d'une autre: tout ainsi dirons en cestuy cy que tantost le male est blanc, tantost la femelle est blâche, tantost tous deux sont noirs, tantost de diuerses couleurs. Parquoy lon ne peut escrire bonnement de leur couleur, sinon entant qu'ils sont semblables à vne Cane. Ils sont communement noirs & meslez d'autres diuerses couleurs. Leur bec, oultre la costume des Canes & des Oyes, est recroché par le bout, & au demeurant court & larget, ayant comme vne creste rouge, non comme vn Coq, mais portent vne tuberosité, c'est à dire comme enflure, ou eminence entre les deux pertuis du bec, par lequel ils inspirent qu'on dirot proprement que c'est vne cerise rouge, & aux deux costez de la teste, autour des yeux ils n'ont point de plumes, ains comme du cuir rouge de la mesme nature de la cerise, qu'auons dit qu'ils portēt au dessus des yeux. C'est vne merque susfisante pour dōner cognoissance de quel oyseau pretendons parler. Lon s'esmerueillera d'entendre qu'un tel oyseau ait si grād membre genital, qui est de la grosseur d'un gros doigt, & lōg de quatre à cinq, & rouge comme sang. Si ce n'estoit qu'il est de grande despence, lon en esleueroit beaucoup plus qu'on ne fait: car leur baillant à manger autant qu'il appartient, ils ponnent beaucoup d'oeufs, & en brief temps ont grande quātité de petits: mais lon craint à les nourrir pour la despence qu'ils font si excessiue. Leur chair n'est pire ne meilleure que d'une Cane ou Oye priuee.

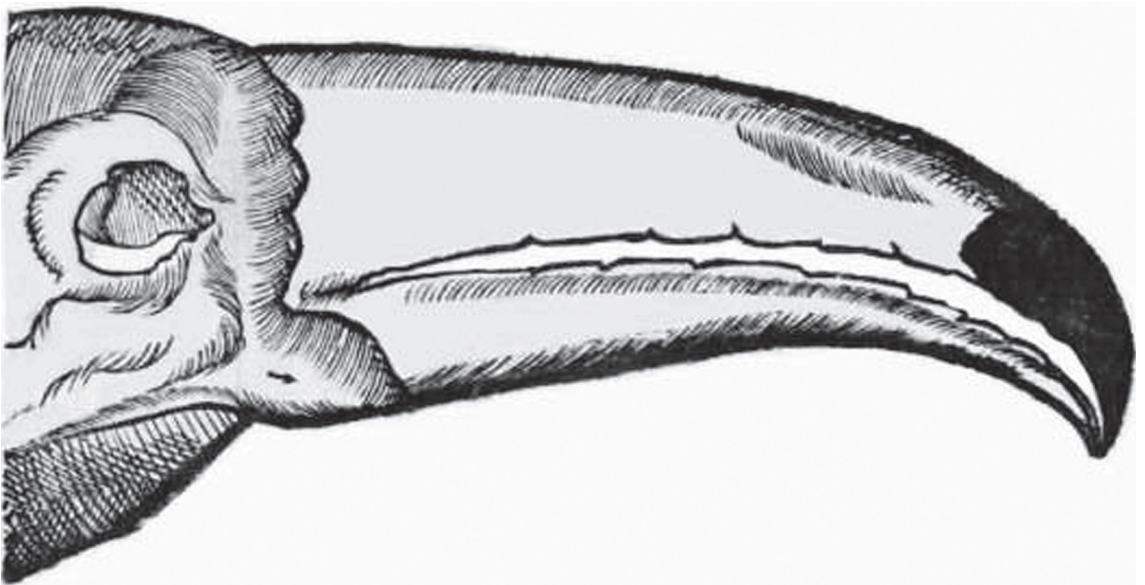
[Página 184]

Du bec d'un oyseau des terres neufues, incognu aux anciens.

CHAP. XXVIII

Ceux qui nauigent aux terres neufues, faisant leur profit de toutes choses, apportent ce qu'ils trouuent de bon, pour vendre aux marchands. Or est-ce qu'il y a vn oyseau en ce païs lá, ayāt le bec long de demy pied, gros cōme le bras d'un infant, poinctu & noir par le bout, mais blanc en tous autres endroits, & quelque peu coché par les bords. Il est creux par dedens: estant si finement delié, qu'il en est transparent & tenue comme parchemin, & par ce est moult legier. Cest sa beauté qui fait qu'on en voit ia plusieurs par les cabinets des hommes curieux de choses nouuelles: Car au demeurant, lon ne s'ensert à aucune chose. Et nous n'ayants veu l'oyseau qui l' a produit, n'en pouuons dire autre chose, sinon que par soupçon le pensons estre de pied plat. Et par ce l'auōs mis en cest endroit avec les oyseaux de riuière. Mais pour faire voir quel est ce bec, en auons cy mis le portraict. Il est seul entre tous ceux qu'auons obseruez, à qui n'ayons veu conduicts pour odorer.

Portraict d'un bec d'oyseau apporté des terres neufues.



Le sixiesme livre de la natvre des oyseaux, qvi habitent indifferemment en tous lieux, & se paissent de toutes sortes de viandes: avec leurs descriptions & portraits, retirez du naturel.

[Páginas 292-293]

De la Pie de Bresil.

CHAP. IX

N'ayants autorité suffisante de pouuoir imposer le nom François à vn oyseau estrange, qui n'en auroit aucun, a semblé estre assez, de luy laisser celuy qu'auons ouy exprimer à ceux qui le nous ont apporté, lesquels le nomment Pie de Bresil: car comme la Pie est toute noire par le dessus du corps, n'ayant du blanc que dessus les aelles, & dessous le ventre, tout ainsi cest oyseau estant de corpulence, quelque peu moindre qu'une Pie, est tota-

Pie de Bresil.



lemēt noir, excepté vne ligne iaulne, qu'il a par dessus les aelles, comme celle d'une Pie, qui est blâche, & aussi qu'il est tout iaulne depuis le milieu du dos, qui luy continuë iusques au dessus du cropion, & partië de la queuë. Mais au demeurât il est bien fort noir par les cuïsses, dessous le vètre, & par la teste. Il a le bec agu, longuet, & pointu, blanc & cëdré. Ses iambes & pieds sont noires, & les ongles bien forts & crochuz, dont pourroit lon penser qu'il fust oyseau de rapine, n'estoit que son bec n'est croché. Somme qu'il est moult bel oyseau, quelque peu plus grand qu'un Merle, retirant grandement à la Pie, de telle forme que le representons en son portraict. Les anciens ne l'ont cogneu: car on l'a nouvellement apporté du Bresil.

[Pag. 296-298]

De Papegaux, & Perroquets.

CHAP. XII

Le Papegay est aussi nommé vn Perroquet: mais tel nom luy a esté imposé à cause de sa prononciation. Nous cougnoissons maintenât plus d'especes d'oyseaux, venâts de pais loingtains, qu'on, ne faisoit anciennement: car la terre a esté beaucoup plus frequentee par nauigations, qu'elle n'estoit anciënement: comme il appert par diuerses especes de Papegaux, qui nous sont maintenant apportez tant du Bresil, que d'ailleurs. Lon trouue que les anciens nommoient aussi Indie, ce que nous appellons maintenât le Bresil. Pline au quarëte-deuxiesme

chapitre du dixiesme liure de l'histoire naturelle, escrit: *Super omnia humanas voces reddunt Psittaci, quidam etiam sermocinantes. India hanc auem mittit. Psittacem vocat viridem toto corpore, torque tantum miniato in ceruice distinctam*: tellement que le Papegaut que Pline a descrit, auoit vn collier rouge, lequel n'auons onc veu, sinon en peinture. Mais maintenant nous en cognoissons des grands, & des petits, des gris, des rouges, & diuertes autres couleurs: lesquels estants si cogneuz, baillerons seulement le portraict d'un grand, & consequemment d'un petit. Et tout ainsi qu'ils sont de corpulence, & couleurs differentes, aussi sont apportez de diuers païs. Mais qui plus est admirable, ils sont de voix differentes: car les vns l'ont aigre, les autres amiable.

Psittaki, & Psittacos en Grec, Psittace, & Psittacus en Latin, grand Papegaut en François.



Nous auons descrit le Papegaut, auât les Pics verts: car aussi ont ils les iambes courtes, & les doigts des pieds my-partis, deux deuât, & deux derriere, comme aussi tiennent leur mangeaille avec vn pied, enleuee en l'aer, & l'aportent au bec à la manière des oyseux de Proye. Pline au quarente-deuxiesme chapitre du dixiesme liure de l'histoire naturelle, a presque suyuy ce qu'Aristote auoit prononcé du Papegaut: car comme Aristote au douziesme chapitre, de son neusiesme liure des animaux, auoit dit: *Nam & Indica auis, cui nomen Psittace, quam loqui aiunt*: il semble qu'Aristote n'en ait onc veu: car s'il en eust veu, il n'eust pas escrit, *quem loqui aiunt*. Et là ou il met, *loquacior, cum biberit vinum, redditur*: Pline dit, *In vino praecipue lasciua*. Les sauuaiges du Bresil, qui ont grande industrie à bien tirer de l'arc, ont les flesches moult longues, au bout desquelles il mettent vn bourlet de cotton, à fin que tirants aux Papegauts ils les abbatent sans les naurer: car les ayants estonnez du coup, ne laissent de se guerir puis apres. Nature leur a donné vn fort bec, pour casser les escorses des durs fruicts, dont ils auoyent à viure sauuaiges: mais estants prieuz, mangent de toutes sortes de viandes, qu'on leur veult offrir. Et tout ainsi comme le commun bruit est, que la semence de l'Hellebore ne nuit aux Cailles, quand elles en mangent, ne celle de la Cicuë aux Estourneaux: Aussi les Papegauts peuuent estre nourriz commodement de la semence de *Carthamus*, qui toutesfois est au lieu de purgation à l'homme. Les Papegauts gris sont les plus.

Psittacus minor viridis en Latin, Petit Perroquet verd à la queue longue en François.



grands. Ceux qui sont entremestez de rouge, sont moyens: mais les verts sonts les plus petits, qui n'ont autre couleur sur eux, que de la verdure: & ont la queue moult longue, & n'excedent la grosseur d'un Estourneau. Il y en a qui sont difference entre eux, volants que les vns soyent nommez Papegaux, comme estats les plus grands, & les autres Perroquets, qui sont petits & verts.

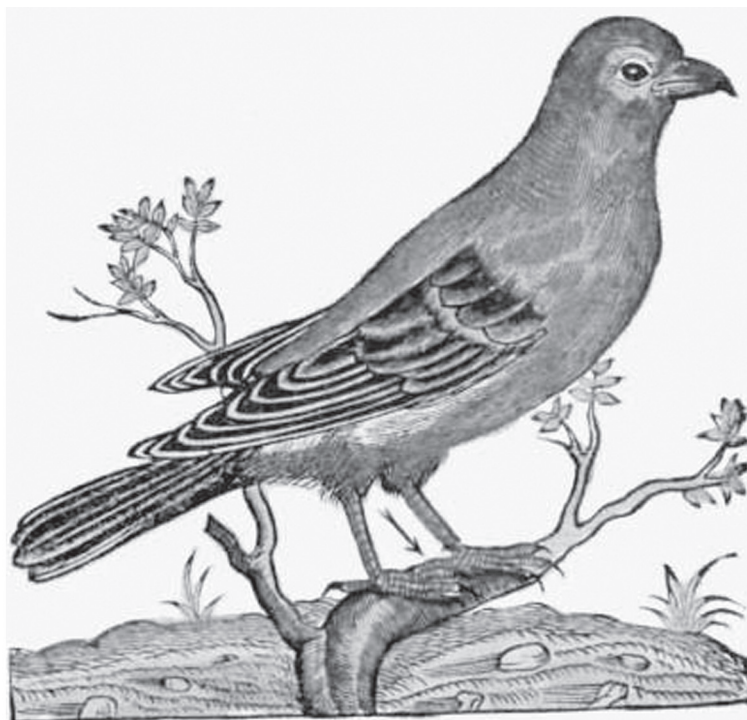
[Página 319]

Du Merle de bresil.

CHAP. XXVI

Ceux qui font le trafic de marchandises es terres neufues, ne perdent les occasions de recouurer les singularitez, qu'ils pretendent vendre par deça: Car mesmemēt ne pouuans apporter les oyseaux de ce país lá en vie dedens leurs vaisseaux, les eschorchent pour en auoir les peaux: & principalement ceux qui sont de plus belles couleurs, desquels ets celuy que descriuons maintenant, & duquel les mariniērs font leur profit, luy ayants donné le nom de Merle de bresil. Il n'est du tout gros qu'un Merle, ayant les plu-

Merle du bresil.



mes de tout le corps, excepté la queuë, & les aelles (qui sont de fin noir) plus rouges, que n'est toute autre couleur rouge. Il est impossible que l'artifice humain puisse faire vne couleur rouge, qui n'en soit effacee, la mettant en comparaison de ses plumes. Sa queuë est longue: ses pieds, & iambes sont noirs. Son bec est court de la façon de celui d'un Moyneau: ses plumes rouges sont noires à la racine. Il en ont peu apporter en vie iusques en noz riuages. Lon en trouue plusieurs peaux toutes entières, lesquelles lon pourroit conferer avec le portrait qu'en donnons, aussi parfait, que si l'oyseau estoit plain de vie."

ANEXO 4

Leitura diplomática das passagens sobre as espécies brasileiras existentes em “Les Observations de Plusieurs Singularitez et Choses Memorables, trouvées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges” de Pierre Belon (1553)

“Le premier liure des obseruations
de plvsieuvrs singlaritez
& choses memorables de diuers pays estranges,
Par Pierre Belon Du Mans.

[*Folio 5 r.*]

Brief discovrs des singlaritez
de Crete, & paticuliere obseruation des moeurs des Grecz.

Chapitre III

C'est vne chose qui ne me semble trop impertinente: car vne nation arriuant en vn lieu ou elle treuve quelque chose qui n'ha point de nom propre en sa langue, n'ayant l'autorité d'en pouuoir inuenter vn, ha bien liberté d'emprunter le nom des estrangiers pour s'en seruir. Tout ainsi comme nous faisons des animaux & drogues qui sont apportées des Indes, lesquelz nous nommons des mesmes noms qu'elles on apporté de leurs pays, comme appert par vne petite beste apportée du Bresil qu'ilz ont nommée Tatou. C'est vne espece de Herisson que les anciens n'ont pas cogneu, mais pource que on la garde emplie de Bourre (car elle est couuerte d'escorse dure) il y en a eu qui l'ont nommée Ichneumon: mais cela est faulx, car telle beste ne participe rien de la nature de l'Ichneumon.

Tiers liure des obseruations de plvsieuvrs singlaritez
& choses memorables de diuers pays de Turquie,
Par Pierre Belon Du Mans

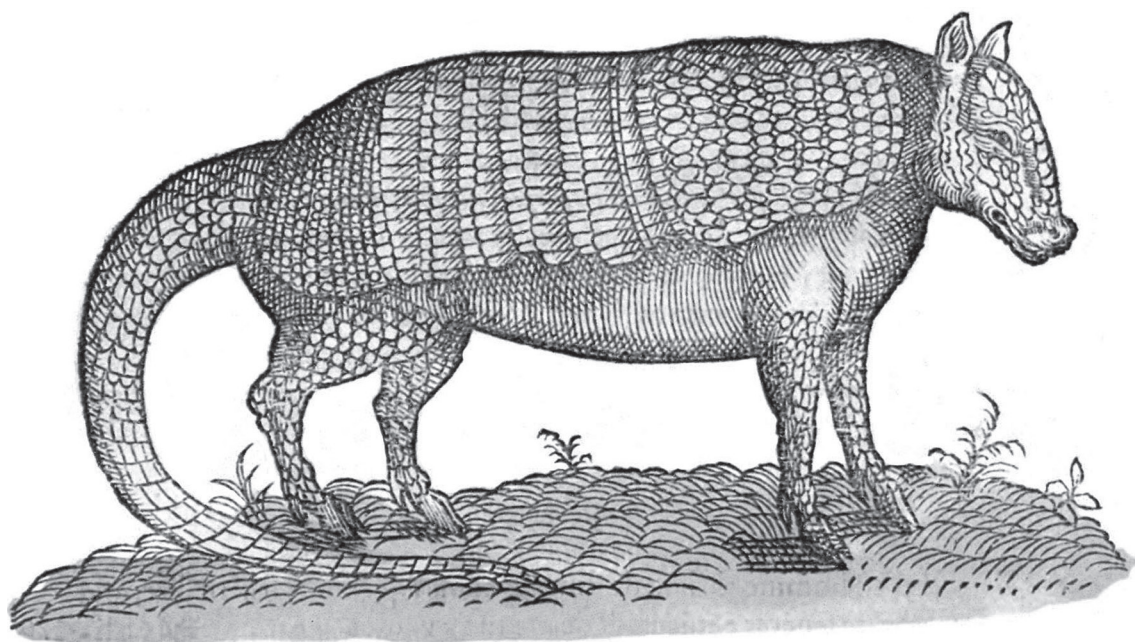
[*Folios 209 v.-210 r.*]

Les noms de quelqves animavlx & plantes cueillies au riuage du Pont,
& autres trouuées au marché de Constatinoble, & des estoilles qui nuisent
au bestial en Turquie.

Chapitre LII

Les Turcs tiennent les marchez par les villes de Turquie par chascun iour de la sepmaine: car ie voy que telle place tient le marché en Constantinoble au lundy, l'autre place le mardy, & en Pere au iedy, & ainsi des autres. Et s'il y a rien de rare, ils le monstrent ce iour là. Parquoy estant de retour en Constantinoble, & me trouuant souuête fois à veoir leurs marchez, ay trouué plusieurs singlaritez apportées d'estranges pays, & principalement entre les drogues de certains Theriacleurs qui donnent ordre de recouurer tout ce qu'ils peuuent de nouveau, afin que le montrant en public, ils facent amas de beaucoup de personnes, ausquels ils vendent quelque chose de leur art. Les vns font môstre des serpents en public: mais ie n'en diray autre chose en ce lieu: car i'en ay escript toutes choses par le menu, au liure ou i'ay baillé le portraict des serpèts. Les autres vendent des vnguents & racines tant seulemēt, & de la mort aux verms, & souuente fois passent d'Egypte en Constatinoble: car i'en ay recongneu à Constantinoble, que i'auoye ia au parauant veu au Caire, & dont i'ay peu recouurer certains portraits des poissons du Nil, que feray apparostre en autre mien oeuure au liure des poissons. Et pource que l'animal dont i'ay desia cy deuant parlé, qu'on nomme vn Tatou, est trouué entre leurs mains, lequel toutefois est apporté de la Guinée, & de la terre neuue, dont les anciens n'en ont point parlé, neantmoins il m'a semblé bon d'en bailler le portraict.

La peinture du Tatou.



Ce qui faict qu'on voit ceste beste ia cōmune en plusieurs cabinets, & estre portée en si loingtain pais: est que nature l'a armée de dure escorse & larges escailles à la maniere d'un corcelet, & aussi qu'on peut aisement oster sa chair de leans sans riē perdre de sa naïfue figure. Ia l'ay-ie dicte espece de Herisson du Bresil. Car elle se retire en ses escailles comme vn Herisson en ses espines. Elle n'excede point la grandeur d'un moyen Pourcelet: aussi est elle espece de Pourceau, aiant iambes, pieds & museau de mesmes: car on l'a desia veue viure en France, & se nourrir de grain & de fruitz".

ANEXO 5

Leitura diplomática das passagens sobre as espécies brasileiras existentes nos “Portraits d’oyseaux, animaux, serpens, herbes, arbres, hommes et femmes, d’Arabie & Egypte” de Pierre Belon (1557)

“Le second ordre des oyseaux de riuiere, qui ont le pied plat.

[Folio 37 r.]

Grec, Νῦτα λυβικύ.¹²⁷

Latin, *Anas Lybica*.

Italien, Anatre del Lybia.

François, Cane de la Guinée.

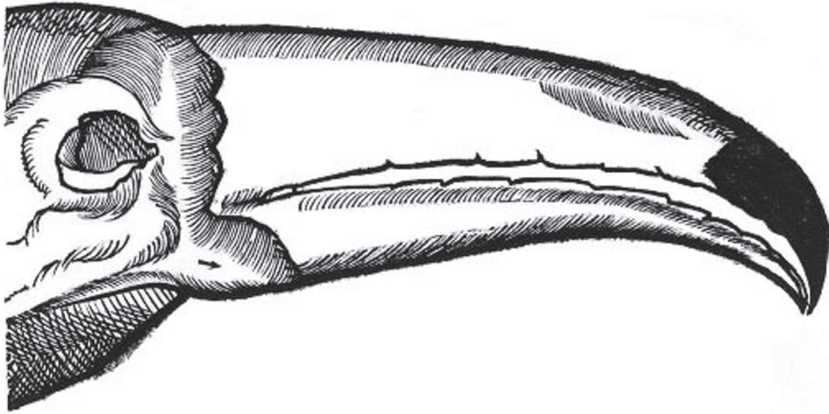


De cest oyseau le membre genital
Est gros d’vn doigt, de la longueur de quatre.
Sa couleur est puis blanche, puis noirastre:
Voyla en quoy il se ressemble mal.

[Folio 40 r.]

Bec d’vn oyseau aquatique apporté des terres neufues.
Si quelqu’vn auoit fait vn corps d’oyseau à ce bec sans auoir grosseur suffisante, qu’on le iuge fait à discretion,
car nous l’auons mieux aymé laisser ainsi, que luy en feindre vn.

¹²⁷ Vide nota anterior.



Ce bec est gros comme le bras d'un enfant,
 Creux par dedans, transparent comme verre,
 Tenu & leger, venu d'estranger terre,
 Noir par le bout, & blanc au demeurant.

Le cinquieme ordre des oyseaux, qui hantent diuers lieux pour y trouuer pasture.

[Folio 71 v.]

Latin, *Pica species, Luthea*.¹²⁸

Italien, Gazza, Zalla di terra noua.¹²⁹

François, Pie de Bresil.



Autant est beau cest oyseau & gentil,
 Que nostre Pie, & ce, le noir mis hors,
 Qui beaucoup plus se fait voir en son corps.
 Aussi a nom la Pie de Bresil.

¹²⁸ "Espécie de pega amarela" em latim no original.

¹²⁹ "Gazza" ou "gazza ladra" são nomes italianos para *Pica pica*, enquanto "zalla" parece ser uma variante de "gialla" ("amarela"). A exemplo da expressão latina anterior, Belon parece estar mencionando uma "Gazza zalla di terra nova" (i.e., uma "pega amarela do Novo Mundo"). Com efeito, a forma dialetal "buaerina zalla" é empregada no norte da Itália para designar a alvéola-cinzenta, *Motacilla cinerea* Tunstall, 1771, espécie mais conhecida na península como "ballerina gialla" (vide Ferrari, 1835).

[Folio 73 r.]

Grec, Ψίττακος.¹³⁰

Latin, *Psittacus*, *Psittace*, *Erythroxantus*.¹³¹

Italien, Papagallo,

François, Papegay grand, Perroquet grand.



Les Papegays, que Perroquets on nomme,
Sont differens en grandeur & couleur.
On les estime oyseaux de grand valeur,
Pour estre instruits au langage de l'homme.

[Folio 73 v.]

Latin, *Psittacus minor*, *Erythrocyanus*.¹³²

Italien, Papagallo.

François, Perroquet verd, ou à la longue queue.¹³³

¹³⁰ "Psittacos", nome conferido a qualquer Psittacidae.

¹³¹ Do grego "erythros" ("vermelho") e "xanthos" ("amarelo").

¹³² Do grego "erythros" ("vermelho") e "kyanos" ("azul"). Literalmente "pagagaio pequeno, vermelho e azul".

¹³³ "Periquito verde ou de cauda longa", em francês no original.



Ce Perroquet, qui est vert, a la queuë
 Longue, & n'excede en grosseur l'Estourneau.
 Lon ne scauroit en trouuer vn plus beau,
 Bien qu'on en ait mainte espece cogneuë.

[Folio 80 r.]

François, Merle du Bresil.

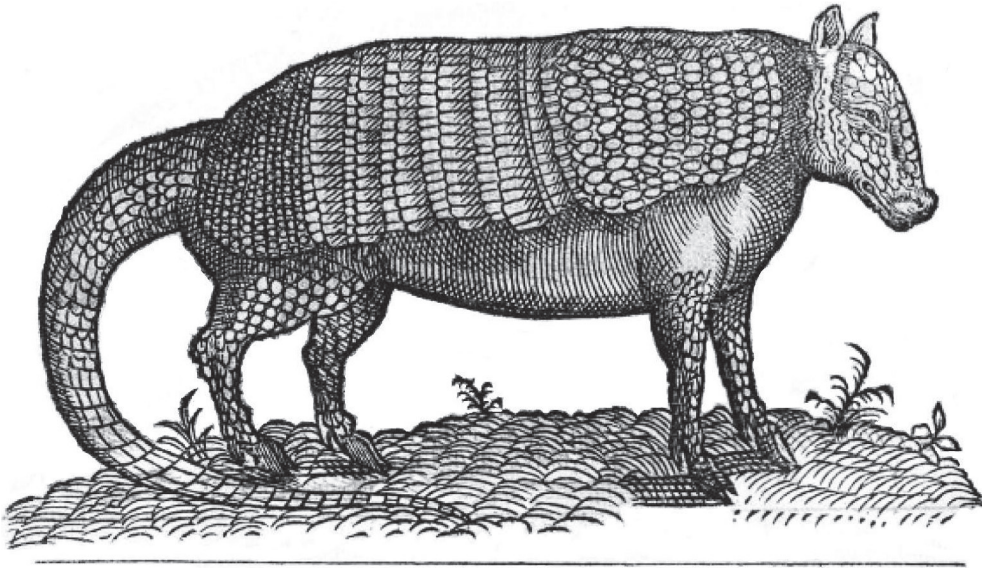


La couleur rouge en cest oyseau naïue,
 Met difference entre tout autre & luy.
 Du naturel, ie croy que c'est celuy,
 Qui est conforme à tout Merle qui viue.

Portraits de quelques animaux, poissons, serpents, herbes & arbres, hommes & femmes d'Arabie, Egypte, &
 Asie, obseruez par P. Belon Du Mans.

[Folio 106 v.]

Le portrait du Tatou.



Le Tatou est du rang de Herisson,
 Qui se retire en ses escailles, comme
 Le Herisson en ses espines. Somme
 Qu'au reste il a d'vn Porceau la façon.”